

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA

FERNANDA LAIS DA SILVA CARNEIRO DOS SANTOS

**O MITO ALEGÓRICO COMO FONTE DE SENSIBILIZAÇÃO PARA O
FILOSOFAR: A FÁBULA EDUCATIVA EM PLATÃO E HARRY POTTER**

CAMPO GRANDE
2020

FERNANDA LAIS DA SILVA CARNEIRO DOS SANTOS

**O MITO ALEGÓRICO COMO FONTE DE SENSIBILIZAÇÃO PARA O
FILOSOFAR: A FÁBULA EDUCATIVA EM PLATÃO E HARRY POTTER**

Dissertação submetida ao Curso de Mestrado Profissional em Filosofia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Pereira de Melo.

CAMPO GRANDE
2020

Dedico essa dissertação a todos aqueles que encontram uma forma de combater o autoritarismo, também àqueles que valorizam a educação, em especial aos meus professores e alunos. Dedico principalmente para todos que compreendem que ensinar e aprender mesmo sendo tarefas difíceis, podem ser mágicas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus alunos, que foram inspiração para a escolha do tema e principalmente a empolgação com que os mesmos receberam o desenvolvimento do trabalho. Contribuir para que o percurso tão importante e complexo da aprendizagem e do filosofar, de quem já passa por tantas dificuldades no dia a dia, seja um pouco mais “mágico” foi um dos principais motivos pelo qual essa dissertação foi escrita.

Agradeço a todos os professores que contribuíram de alguma forma para que esse projeto viesse à luz e àqueles que estiveram em minha jornada no Mestrado Profissional de Filosofia na UFMS, todo o corpo docente e professores convidados contribuíram em minha formação. Não é à toa que a história em destaque nessa dissertação tem como personagens principais professores e alunos, que transformam a realidade em que vivem.

Meu maior agradecimento vai para os dois orientadores que tive no decorrer do processo, aos quais dedico um agradecimento especial. Primeiro ao professor Dr. Stefan Vasilev Krastanov, sem o qual talvez eu nem tivesse começado, pois sempre foi alguém que me incentivou e acreditou em meu trabalho. Sua memória vai continuar inspirando seus antigos alunos, assim como Sócrates e o professor Dumbledore, foi para muitos, assim como para mim, um grande Mestre. Um grande agradecimento também ofereço ao professor Dr. Ricardo Pereira de Melo que pegou meu trabalho já em andamento, sendo paciente com meu luto e com o processo de mudança que é bastante complicado. O senhor é um exemplo de profissional, sou grata por todos os conselhos, correções, indicações e ensinamentos sem os quais essa dissertação não teria sido realizada.

“Claro que está acontecendo em sua mente, Harry, mas por que isso significaria que não é real?” (Alvo Dumbledore)

RESUMO

Essa dissertação pretende mostrar uma fonte de sensibilização para o filosofar com o objetivo de despertar o interesse dos mais jovens. Utilizando para isso o filosofar pela metáfora, pela alegoria, pela fantasia e pelo mito. Alguns pensadores conceituados fazem uso do mito alegórico como filosofia metafórica, ou seja, o mito (ou parte dele) pode não estar tão separado do *logos*, como falam os manuais de filosofia. Essa dissertação quer retomar, que até mesmo o maior representante da tradição clássica e supostamente crítico da mitologia, Platão, não rompe totalmente com o mito, ao contrário, os personagens de sua obra o utilizam para levantar reflexões filosóficas e o fazem com grande êxito. Se o caminho tradicional do discurso já está sendo desenvolvido e explorado há muito tempo, talvez possamos pegar uma “nova rota”, ou melhor, renovar uma velha rota. Por trás de livros que parecem simples “historinhas”, como por exemplo, a saga *Harry Potter*, é possível ver representações que trazem reflexões filosóficas de modo análogo e com espontaneidade, que transformam a maneira de ver a vida de muitos dos seus leitores. É possível então que a autora J.K Rowling se utilize dos mesmos meios que Platão? Por intermédio da pesquisa teórica e desenvolvimento da parte prática através da utilização de trechos de filmes e jogos didáticos baseados em *Harry Potter* e na filosofia por detrás das páginas e cenas, foi introduzido o diálogo da filosofia presente na saga, sendo ela uma espécie de representante contemporânea do mito alegórico como um caminho para o ensino. O produto final é um roteiro das aulas, efetuadas durante a aplicação da parte prática, para iniciar essas aulas foi criado um jogo didático. Também foi iniciado um canal de vídeos sobre o assunto, como material complementar.

Palavras-chave: Mito alegórico. Platão. Harry Potter.

ABSTRACT

This dissertation intends to show a source of sensitization to philosophize in order to arouse the interest of the youngest. Using philosophizing through metaphor, allegory, fantasy and myth. Some well-known thinkers make use of allegorical myth as a metaphorical philosophy, that is, myth (or part of it) may not be as separate from logos, as philosophy manuals say. This dissertation wants to resume, that even the greatest representative of the classic and supposedly critical tradition of mythology, Plato, does not totally break with the myth, on the contrary, the characters of his work use it to raise philosophical reflections and do it with great success. If the traditional path of discourse has been developed and explored for a long time, perhaps we can take a “new route”, or rather, renew an old route. Behind books that seem like simple “stories”, for example, the Harry Potter saga, it is possible to see representations that bring philosophical reflections in an analogous way and with spontaneity, that transform the way of seeing the lives of many of its readers. Is it possible, then, that author J.K Rowling uses the same means as Plato? Through theoretical research and development of the practical part through the use of excerpts from films and educational games based on Harry Potter and the philosophy behind the pages and scenes, the dialogue of philosophy present in the saga was introduced, being it a kind of representative contemporary allegorical myth as a path to teaching. The final product is a script of the classes, carried out during the application of the practical part, to start these classes a didactic game was created. A video channel on the subject was also started, as complementary material.

Keywords: Allegorical myth. Plato. Harry Potter.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. ALGUMAS DAS DIFERENTES FACETAS DO MITO NA OBRA DE PLATÃO ...	15
1.1 A Relação Paradoxal entre o Mito e os Textos Platônicos: a Ideia Socrática de que o Mito é uma Fábula, que pode ser Mentirosa e/ou Educativa	21
1.2 Suposto Paradoxo Platônico: Algumas Visões Dissonantes e Contrapontos.....	31
1.3 O Mito Alegórico em Platão	41
1.4 Alguns Mitos Alegóricos na Obra de Platão como Fábulas de Educação Política	45
2. HARRY POTTER E A HISTÓRIA FILOSOFAL	56
2.1 Níveis ordinários de magia: uma breve sinopse para os não conhecedores da saga <i>Harry Potter</i>	59
2.2 Harry Potter como Mito Alegórico nos Moldes da Obra de Platão.....	62
2.3 Algumas Cavernas em Harry Potter: Analogias da Ignorância do Hábito	66
2.4 Perto de Ser “Homem” Longe da Humanidade: Não Só Uma Crítica ao Machismo, mas à Hipermasculinidade.	73
2.5 Dobby, um Mito Alegórico da Escravidão	78
2.6 A Ideologia Puro Sangue em Harry Potter	81
2.7 Voldemort um mito alegórico que rememora Hitler: uma nova tentativa de alertar um povo de memória curta.....	86
2.8 As Casas de Hogwarts, um Mito Alegórico do Patriotismo	91
2.9 O Mundo Não Está Dividido entre os Bons e os Comensais da Morte: Não é Preciso Ser um Grande Vilão para Contribuir para o Mal.....	95
2.10 Draco e Duda: Preconceito, um Mito Alegórico da Violência por Imitação	102
2.11 A saga de Harry Potter: um Mito Alegórico Contra o Autoritarismo	107
3. EXPLORANDO UM POUCO DOS CAMINHOS LUMINOSOS E OBSCUROS DA MAGIA DE FILOSOFAR COM HARRY POTTER EM SALA DE AULA	120
3.1 Roteiro das Aulas Lecionadas nos Segundos Anos.....	121
3.1.1 Aula Um:.....	121
3.1.2 Aula Dois:	121
3.1.3 Aula Três:.....	122
3.1.4 Aula Quatro:.....	123
3.1.5 Aula Cinco:	124
3.1.6 Aula Seis:	128
3.1.7 Complementos.....	130
3.2 Resultados Obtidos nos Segundos Anos.....	133
3.3 Vídeos Criados com a Temática Filosofia em Harry Potter	135
CONCLUSÃO.....	137

Referências Bibliográficas	139
MATERIAL AUDIOVISUAL E FILMES.....	142

INTRODUÇÃO

A recolocação do ensino de filosofia no nível médio trouxe consigo inúmeros desafios e questionamentos, afinal: Como alcançar os jovens em meio a tantas distrações aparentemente mais atraentes? Como impactá-los, provocá-los ou atraí-los para a busca do esclarecimento? É perceptível que a maior parte da juventude se interessa mais pelo entretenimento, tais como filmes, músicas e séries do que pelo estudo e por clássicos da filosofia¹. Contudo, como reverter esse quadro? É possível revertê-lo? Ou seria mais eficiente e sábio utilizar a indústria do entretenimento em favor do saber filosófico? Ou melhor, será que é possível desvelar o que é tido como entretenimento e encontrar uma profundidade? A experiência de alguns docentes mostra que ao introduzir o chamado “entretenimento” ou como dito acima o desvelamento desse, como artifícios contemporâneos para ensinar, observa-se uma eficácia muito maior, que alcança muito mais os alunos, do que por intermédio apenas da educação tradicional. O jovem se entrega para relaxar, sonhar e de repente passa a refletir, questionar, indagar. Pretende-se com essa dissertação oferecer aos docentes um meio para despertar a atenção dos jovens para o filosofar, com o auxílio de fábulas mitológicas, que se utilizam das metáforas e/ou alegorias, ou seja, histórias que carregam algo além, como por exemplo, uma mensagem crítica, reflexiva para acessar o pensamento filosófico. O mito como método de ensino parece um caminho diferenciado atualmente, porém está longe de ser uma novidade, esse tipo de recurso é utilizado desde antes do nascimento da filosofia e depois não é descartado pela mesma. Uma das filosofias em que o mito se destacou foi nos diálogos socráticos, escritos por Platão. Nesse sentido os mitos (pelo menos os mais conhecidos) seriam fábulas metafóricas, ou melhor dizendo, mitos alegóricos cujo intuito se resume principalmente em seu poder de passar ideias ou trazer reflexões.

Abordando a relevância do mito para os ensinamentos do mestre de Aristóteles, o desenvolvimento desse trabalho tem como tese a eficiente relação entre o despertar metafórico e o saber filosófico, tendo assim na fábula uma fonte de filosofia e renovação do ensino e um caminho para encantar e despertar os discentes para o saber filosófico.

¹ Se faz importante mencionar que os desafios são do ensino como um todo e não somente ficam a cargo da filosofia, porém as possíveis soluções são diversas e essa dissertação mostra uma alternativa nessa área específica. Outro ponto é que os professores, de um modo geral, são profissionais deveras sobrecarregados e essa dissertação não defende toda essa sensibilização, como uma obrigação do docente e sim como uma opção para tentar melhorar o recebimento do conteúdo, pelo aluno e essa troca que há em sala de aula.

Não é pretensão dessa dissertação trabalhar todo arcabouço mitológico e metafórico dentro da filosofia, desde Platão aos dias atuais, mas sim mostrar que mesmo no maior representante da filosofia tradicional e conceitual encontramos o mito como forma de ensinar. O intuito dessa dissertação é explorar esse outro caminho oferecido (de modo subliminar), pela filosofia platônica, não com a pretensão de superar o tradicional, mas sim de complementar e renovar (ou retornar às raízes) do ensino de filosofia.

Nesse caminho, uma das obras da atualidade que mais tem cativado a atenção juvenil, sendo repleta de reflexões filosóficas, é a saga de livros *Best-sellers Harry Potter* (1997-2007) escritos por J.K Rowling. Por meio de pesquisa teórica e experiências realizadas em sala de aula serão utilizados os efeitos desse *best-seller* em seus leitores e espectadores como exemplo para corroborar a hipótese da renovação do ensino de filosofia pelas fábulas metafóricas, ou melhor, pelos mitos alegóricos.

Os livros sobre o bruxo mais famoso do mundo² não têm só força comercial (estão entre as cinco obras mais vendidas e é o maior *fandom*³ do mundo), mas também grande riqueza literária e filosófica. Além disso, são conhecidos por causar grande influência e repercussão em seus leitores e na filosofia de vida dos mesmos.

Várias pesquisas foram realizadas sobre o impacto dessas obras em seu público, como por exemplo, o artigo realizado por Dr. Loris Vezzali e sua equipe da Universidade de Modena e Reggio Emilia (Itália), intitulada *A verdadeira magia de Harry Potter⁴: reduzir o preconceito*, onde o levantamento de dados e comparativos aponta que crianças que tiveram maior contato com esse fenômeno da literatura inglesa, se tornam adultos menos preconceituosos. E quebrar preconceitos (e duvidar/questionar da realidade/cultura/valores), não seria exatamente a constante busca pelo saber? A constante busca pelo saber não seria o intuito do filosofar?

Segundo o filósofo Silvio Gallo⁵ a principal função da filosofia no ensino médio é possibilitar ao estudante o “[...] exercício do pensamento conceitual [...]” (GALLO, 2010, p. 162). Todavia, para construir ou entender os conceitos não é necessário repensar os preconceitos? Como construir e conhecer algo se tudo está posto de maneira rígida?

² Harry Potter é um menino órfão, que descobre que é bruxo. Quando adentra ao mundo da magia, descobre também que é famoso, pois um grande tirano assassinou sua família e tentou fazer o mesmo com ele ainda bebê.

³ A palavra; “fandom”, designa uma organização de fãs.

⁴ VEZZALI, L., STATHI, S., GIOVANNINI, D., CAPOZZA, D., e TRIFILETTI, E. *A maior magia de Harry Potter: Reduzir o preconceito*. Journal of Applied Social Psychology, 2015.

⁵ GALLO, S. *Ensino de Filosofia: avaliação e materiais didáticos*. In. CORNELLI, G; CARVALHO, M; DANELON, M. *Coleção Explorando o Ensino*. Brasília: Ministério da Educação Secretaria de Educação Básica, 2010.

Existem outros trabalhos muito interessantes como o do professor Stephen Deets, que ministrou aulas optativas de ciência política⁶ da Faculdade de Babson, em Massachussets, utilizando as histórias de *Harry Potter*. Os argumentos que ele utiliza para isso são os temas que aparecem na saga como: igualdade, racismo, hierarquia social, disputas de poder e tolerância. E também o distanciamento, pois segundo o professor, falar de política diretamente com as pessoas faz com que elas coloquem determinadas barreiras. Porém, com o auxílio e leveza da fantasia, a reflexão e quebra de tabus ocorre de forma natural, justamente porque as pessoas estão ali desarmadas para política.

As duas áreas que mais aparecem em *Harry Potter*, nas coletâneas e pesquisas sobre a obra, que coincidentemente são temas importantes para a formação da cidadania (defendida como dever da escola em nossa constituição) e que mais caem no ENEM (Exame nacional do Ensino Médio) são ética e filosofia política.

As obras de J.K Rowling são uma verdadeira propaganda antifascismo (o termo fascismo aparece na história em uma realidade em que o vilão governa), contra os preconceitos, as desigualdades e regimes autoritários. Afinal, o representante de tudo isso na história é nada mais, nada menos que o grande vilão⁷; “Lorde Voldemort”, “Lorde das trevas”, “Aquele que não deve ser nomeado”, “Você sabe quem”, e seus seguidores, os “Comensais da morte”. Quem é que vai querer se colocar ao lado desses?

E o impacto das obras é tamanho nessas áreas, que ela é citada para tratar de alguns temas, sem muitas explicações, com naturalidade, como por exemplo, quando historiador, palestrante e professor brasileiro, Leandro Karnal, referia-se em uma de suas aulas⁸, a certo político (que tem algumas características citadas acima) como “você sabe quem”, “aquele que não se deve nomear” para pensar a conjuntura política brasileira. Em algumas manifestações contra esse mesmo político, os opositores também se referem a ele com as denominações acima citadas, entre outras muitas. Um fato interessante é que a própria autora de *Harry Potter* já se manifestou contra esse político, mesmo ela sendo inglesa e ele brasileiro⁹. O

⁶ Retirado do site <<https://www.nexojournal.com.br/expresso/2016/07/11/Como-Harry-Potter-pode-ser-usado-para-ensinar-ci%C3%A2ncia-pol%C3%ADtica>>.

⁷ Voldemort é um personagem que busca o poder a qualquer preço, mesmo que para isso precise mudar seu próprio nome (para negar sua origem), tentar matar crianças e perseguir grupos marginalizados (para conseguir apoio da “elite”).

⁸ A aula do professor Karnal pode ser assistida no link: <<https://www.youtube.com/watch?v=GAfuFPJZaWE>>.

⁹ A autora tem o costume de utilizar suas redes sociais para se posicionar contra políticos, que considere intolerantes e autoritários, como nos mostra a matéria: <https://rollingstone.uol.com.br/blog/jk-rowling-diz-que-donald-trump-e-pior-que-voldemort/>.

sujeito da classe política citado não será nomeado. Fica aqui uma metáfora sobre “Você sabe quem”, já que as metáforas e alegorias são temáticas dessa dissertação.

É fato que *Harry Potter* tem grande poder de encantamento e vemos também fortes indícios de sua natureza filosófica (de forma metafórica). Para Aspis (2004, p. 309), o ensino de filosofia como uma real experiência filosófica só pode ocorrer se tudo partir das questões e dos interesses dos alunos. Desse modo, essa saga foi escolhida para representar o suposto entretenimento que é capaz de despertar para o filosofar de maneira não dogmática, através da sensibilização, mas que traz reflexões filosóficas.

Para enfatizar a riqueza filosófica da história de J.K existem dois livros, que trazem uma coletânea de textos escritos por filósofos profissionais, mostrando os aspectos de diversos temas filosóficos em *Harry Potter: Harry Potter e a Filosofia e A Versão Definitiva de Harry Potter e a Filosofia Hogwarts para Trouxas* (obras sobre as quais essa dissertação se debruça). Alguns dos temas que aparecem citados nas coletâneas são: preconceito, feminismo, autoritarismo, entre outros. Inclusive existe uma forte comparação entre o pensamento do professor Alvo Dumbledore¹⁰ e o pensamento expresso nas obras de Platão, pois ambos acreditam que o poder não deve estar nas mãos daqueles que o desejam, entre outras questões em comum.

Entendendo que algumas obras de ficção como essa não são apenas uma mera fantasia a serviço da indústria do entretenimento, mas podem ter também um grande potencial de ensino e reflexão. O intuito geral desse trabalho é propor um caminho alternativo e criativo para ensinar filosofia através do mito, da metáfora, da fábula e da alegoria. Utilizando como base a filosofia presente em alguns mitos platônicos e como inovação a saga *Harry Potter*.

A República de Platão, comentadores da filosofia em *Harry Potter* e recortes dos livros e filmes da saga de J.K Rowling dão as principais ferramentas de fundamentação do trabalho. Os capítulos são divididos em: “Algumas das Diferentes Facetas do Mito na Obra de Platão”, trazendo as principais críticas que aparecem na obra (*A República*) sobre o tema, mas também os tipos de mito que os personagens utilizam e seus fins, focando principalmente no que a pensadora Droz (2004) vai chamar de Mito Alegórico. A outra parte, “Harry Potter e a

¹⁰ O sábio Alvo Dumbledore tinha ambições políticas em sua juventude, no entanto, a convivência com o tirano e bruxo das trevas Gellert Grindelwald (de quem até então era bem próximo), o fez perceber os perigos da busca pelo poder. Ainda mais quando em uma briga com Grindelwald acabou por perder sua irmã Ariana. Desde, então, dedicou sua vida a buscar o conhecimento e ensinar os jovens. Primeiro se tornou professor e depois diretor da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts e mesmo sendo considerado o maior bruxo de seu tempo, nunca aceitou nenhum cargo na política.

História Filosofal”, foi dedicada a investigar os Mitos Alegóricos em Harry Potter, mostrando não só pontos de convergência com o texto de Platão, mas também trazendo reflexões derivadas mais atuais.

A por último, a parte prática que foi desenvolvida com os alunos da escola estadual Dolor Ferreira de Andrade, “Explorando um Pouco dos Caminhos Luminosos e Obscuros da Magia de Filosofar com Harry Potter em Sala de Aula”. A maioria das atividades e das aulas foram aplicadas no segundo ano no nível médio. O público alvo foi definido seguindo o referencial curricular, pois essa turma estuda filosofia política. A faixa etária dos discentes é em média dos quinze aos dezoito anos, a maior parte deles é classe baixa ou classe média baixa. As turmas têm em torno de trinta e cinco alunos frequentes.

As questões sobre ética e política presentes em *Harry Potter* foram trazidas para dentro da sala de aula, utilizando-se de partes dos livros, de trechos dos filmes, de tabelas e de jogo didático. Essas aulas foram dadas após os alunos estudarem um pouco de *A República* de Platão. A aula utilizando a obra *Harry Potter* tem por objetivo sensibilizar os alunos, ajudar no entendimento do conteúdo e levantar problemáticas importantes.

Os resultados dessa experiência culminaram em um material didático, que consiste em um roteiro de aulas destinadas a auxiliar professores. E de forma complementar, foi criado um canal no YouTube, que segue sendo alimentado, para sensibilizar os jovens para o ensino de filosofia, podendo também alcançar outros públicos. Uma filosofia que produza encantamento e que não se coloque como verdade e sim como uma metáfora a ser interpretada, pode quebrar algumas das barreiras existentes entre docentes e discentes, ajudando para que o aluno tenha uma visão crítica, autônoma e criativa; e mais do que aprender filosofia, exerça também o ato de filosofar.

1. ALGUMAS DAS DIFERENTES FACETAS DO MITO NA OBRA DE PLATÃO

Antes de adentrar propriamente na relação entre a obra de Platão e o mito, se faz necessário entender um pouco sobre o conceito mito. No entanto, defini-lo é uma tarefa um tanto difícil, como afirma Pinheiro (2003, p. 122) em sua percepção, “[...] tratar o mito como algo fechado não é tão só limitador como completamente errôneo. Até mesmo nos textos de Platão o mito ou a arte poética aparecem com diferentes conotações” (PINHEIRO, 2003, p. 127).

Harrison (apud PINHEIRO, 2003, p. 123-124) defende o mito como fundamento para o rito. Segundo ela, o homem cria o rito para tentar dominar a natureza e depois o mito para ensinar, fundamentar o rito. G.S Kirk (classicista inglês) e Joseph Fontenrose¹¹ (estudioso clássico americano) discordam dessa definição simplista. Na concepção desses autores, muitos aspectos do mito foram deixados de lado, pois muitas vezes ele era utilizado de forma lúdica, reflexiva e narrativa e não apenas restrito à cerimônias e ao sagrado. Também há nos mitos a função de ratificar e estabelecer valores.

O historiador Jean-Pierre Vernant em sua obra *Mito e Religião na Grécia Antiga* também mostra características que o mito tem a mais, com relação ao rito:

Em sua forma verbal, o mito é mais explícito que o rito, mais didático, mais apto e inclinado a "teorizar", dessa forma, traz em si o germe daquele "saber" cuja herança a filosofia recolherá para fazer dele seu objeto próprio, transpondo-o para outro registro de língua e de pensamento. (VERNANT, 2009, p. 26).

É perceptível que, na concepção de Vernant, o mito não está tão distante da filosofia, que possuía nele uma sabedoria primitiva. Sabedoria essa que será utilizada por muitos filósofos ou que talvez o seu acesso tenha os levado a buscar um saber ainda mais aprimorado, sistemático e rigoroso, que se transformaria na própria filosofia.

Em uma das definições apresentadas pelo historiador e antropólogo Luc Brisson, em sua obra intitulada *Introdução à Filosofia do Mito*, mostra que um dos papéis que o mito desempenhava era de “história”, todavia uma história primitiva também (assim como a filosofia) de difícil validação ou praticamente impossível.

Do ponto de vista etnológico, o mito aparece como uma mensagem, por intermédio da qual uma coletividade transmite, de geração a geração, aquilo que ela guarda na memória a respeito daquilo que considera seu passado. O ponto de partida desse passado se confunde com a origem dos deuses, e tem por limite inferior uma época

¹¹ Os três autores Fontenrose, Kirk, e Harrison aparecem na obra de Pinheiro servindo de comparativos.

bastante longínqua para que o narrador se ache na impossibilidade de verificar a validade do discurso que ele produz. (BRISSEON, 2014, p.36).

O que é bastante comum é a associação imediata do mito à religião ou, pelo menos, religião grega e religiões parecidas com essa. Fato que é perfeitamente natural, pois boa parte dos “ditos” mitos falam de divindades, todavia, na obra: *Os Gregos Acreditavam em Seus Mitos?* Paul Veyne (arqueólogo e historiador francês), influenciado por Vernant (como ele mesmo afirma), fala do mito para além da religião como algo simbólico e ligado ao senso comum, ao imaginário e fabuloso¹².

Afinal, a mitologia grega, cuja ligação com a religião era das mais fracas, no fundo não foi outra coisa senão um gênero literário muito popular, um vasto quadro de literatura, anteriormente à distinção da realidade e da ficção, quando se admite o elemento lendário tranquilamente. (VEYNE, 1984, p. 27).

Vernant realmente diferencia a mitologia grega de outras religiosidades, mas isso não quer dizer que ele negue a religiosidade do mito. O que ele faz é não fixar o conceito apenas como religião. E até mesmo mostrar que a própria ideia de religião era bem diferente:

Como não se situam num plano doutrinal, suas certezas não acarretam para o devoto a obrigação, sob pena de impiedade, de aderir integral e literalmente a um corpo de verdades definidas; para quem cumpre os ritos, basta dar crédito a um vasto repertório de narrativas conhecidas desde a infância, em versões suficientemente diversas e em variantes numerosas o bastante para deixar, a cada um, uma ampla margem de interpretação. (VERNANT, 2009, p. 14).

Aqui fazendo uma análise da explicação de Vernant é possível entender, porque pensadores críticos da religiosidade, como Nietzsche, sentem uma espécie de saudade (se é que existe a possibilidade de alguém ter saudade daquilo que não viveu), do tipo de religiosidade vivida na antiguidade grega. Esta se dá devido ao fato de se tratar de algo completamente diferente daquela que emergiu posteriormente como verdade absoluta, pois para ele não é mais imaginativa e interpretativa e sim, dogmática. E na concepção desse, a cultura da verdade se inicia em Platão, mas essa perspectiva do filósofo do martelo terá seu espaço mais à frente.

Para Nietzsche a mitologia está para além da religião, ela está mais relacionada a um viés artístico/ estético. Platão também chama o que hoje classificamos como mitologia, de arte, no entanto, Brisson atenta para o perigo de redução do mito:

¹² Aqui já é possível perceber uma certa relação entre o mito e histórias como Harry Potter (literatura fantástica lendária). Até porque a autora de Harry Potter faz uso de personagens e símbolos da mitologia grega, há também o aspecto educacional e possivelmente alegórico, que também se assemelha a Harry Potter, por outro lado, difere em seu aspecto religioso, de senso comum e pretensão de verdade que tanto preocupava Platão. Mais detalhes sobre essa relação no próximo capítulo.

Portanto, é absolutamente preciso evitar considerar a atividade poética a partir de um ponto de vista exclusivamente estético. Pois, nos mitos fabricados pelos poetas, misturam-se inextricavelmente valores éticos, saberes de todos os tipos e a dimensão religiosa. Compreende-se, dessa forma, porque até os séculos VI a.C., o poeta teve na Grécia antiga o monopólio da transmissão do memorável e, conseqüentemente, o monopólio da 'educação'. (BRISSON, 2014, p. 21 e 22).

Claramente, é problemático minimizar o lado religioso do mito. A questão é que a mitologia grega, se comparada às religiões ainda “vivas” e praticadas atualmente, é algo completamente distante. Vernant cita Festugiere para elucidar que “Segundo ele, somente o culto, nessa religião, pertence ao âmbito religioso.” (VERNANT, 2009, p. 2), afirmando ainda que a maioria dos outros estudiosos é ainda mais excludente nesse sentido e que tendem a colocar a mitologia grega como fabulação¹³ poética, mas é claro que isso se dá com base em um comparativo com as religiões atuais. O fato da mitologia não se encaixar nos moldes religiosos contemporâneos não quer dizer que ela é menos rica espiritualmente, apenas que é diferente.

Vernant explica que religiosidade grega não tem uma tradição uniforme e dogmática, não tem um livro sagrado, nem uma casta sacerdotal e ela também não tem um conjunto de crenças coesas. Ainda de acordo com o autor, geralmente as religiões dizem ter recebido algum tipo de revelação, o que não acontece com os gregos, a adesão desses as crenças, está muito mais relacionada à cultura e aos costumes. “Afastar-se disso significaria já não ser completamente si mesmo, como ocorreria a alguém que esquecesse de seu idioma” (VERNANT, 2009, p.7). Isso não quer dizer, explica o autor, que os gregos não soubessem da existência de “outras línguas” e que não fizessem críticas sobre suas próprias crenças, sem se tornarem incrédulos (isso ocorre em parte nos textos de Platão).

O mito estava profundamente arraigado à cultura, as diferentes manifestações artísticas eram a base que moldava a maior parte do senso comum.

Não se trata, para os ouvintes, de um simples divertimento pessoal, de um luxo reservado a uma elite erudita, mas de uma verdadeira instituição que serve de memória social, de instrumento de conservação e comunicação do saber, cujo papel é decisivo. É na poesia e pela poesia que se exprimem e se fixam, revestindo uma forma verbal fácil de memorizar, os traços fundamentais que, acima dos particularismos de cada cidade, fundamentam para o conjunto da Hélade uma cultura comum. (VERNANT, 2009, p.16).

Conforme nos fala Vernant, muitos historiadores tratam apenas os cultos e liturgias como religião grega, já “[...] o mito aparece como excrescência literária, como pura fabulação.

¹³ Luiz Feracine, que escreve a apresentação da obra *Fedro Fábulas*, define a fábula como um gênero fantasioso e faceto. Também como recurso de comunicação que utiliza a imagem ou exemplo e é equivalente à parábola. Além disso, é um efetivo recurso didático encantador para distrair e instruir. Muitas fábulas mesmo sendo leves e graciosas trescalam sabedoria (FERACINE, L. 2009, p. 13 - 15).

Fantasia sempre mais ou menos gratuita dos poetas, ele só pode ter relações longínquas com a convicção íntima do crente.” (VERNANT, 2009, p.20).

Diante disso o autor nos mostra uma contradição, já que o poeta, ainda que crie, não pode estar muito distante da fé, da cultura e do senso comum do povo grego. “Ele se inscreve numa tradição; quer se amolde a ela com exatidão, quer se afaste em algum ponto, é sustentado por ela, apoia-se nela e deve referir-se a ela, pelo menos implicitamente, se quiser que sua narrativa seja entendida pelo público.” (VERNANT, 2009, p. 25).

O autor chega a trazer questionamentos feitos a respeito de como categorizar a mitologia, se é de fato religião ou literatura, devido aos seus escritos estarem associados ao lendário e distantes do que é concebido como sagrado. Afinal, o que são os escritos poéticos que relatam sobre os deuses, heróis e criaturas?¹⁴

Seja em qual “estante” da biblioteca o mito se encaixe, a mitologia grega é sim um meio de acessar o politeísmo dos gregos. Nisso de certa forma se difere em parte de um mito platônico, pois os textos de Platão também tentam acessar a possibilidade do sagrado em alguns mitos, porém não da mesma forma e não com a mesma proporção¹⁵.

Apesar de entidades e deuses que devoram os filhos ou matam os próprios pais, por buscar o poder, não serem o que alguns, como Sócrates, esperam de divindades tidas como superiores, não há como negar que a mitologia informa sobre a crença dos gregos. Ou como diria Vernant, que ela é: “[...]instrumento de informação sobre o mundo do além.” (VERNANT, 2009, p. 20).

A mitologia grega não promete uma purificação dos pecados, um cuidado e amor para com o fiel, “[...] deixa fora de seu campo as preocupações relativas a cada indivíduo.” (VERNANT, 2009, p. 8). Tão pouco os deuses gregos são exemplo de santidade. A grandeza dos deuses não é essa geralmente associada à divindade de grande parte das religiões praticadas na atualidade.

Embora pertençam ao mesmo mundo que os humanos e, de certa forma, tenham a mesma origem, eles constituem uma raça que, ignorando todas as deficiências que marcam as criaturas mortais com o selo da negatividade - fraqueza, fadiga, sofrimento, doença, morte -, encarna não o absoluto ou o infinito, mas a plenitude dos valores que importam na existência nesta terra: beleza, força, juventude constante, permanente irrupção da vida. (VERNANT, 2009, p. 9).

¹⁴ “[...] relatos dramatizados documentos de ordem religiosa, ou atribuir-lhes apenas um valor puramente literário? Em suma, os mitos e a mitologia, nas formas que a civilização grega lhes deu, devem ser vinculados ao domínio da religião ou ao da literatura?” (VERNANT, 2009, p. 17).

¹⁵ De qualquer maneira o mito platônico que está mais associado a essas questões metafísicas não é o mito alegórico que se assemelha a histórias como Harry Potter.

Essas características que exaltam as divindades muito mais em um plano estético do que ético, não são só dificilmente assimiladas pela religiosidade atual, também não eram aceitas por Sócrates, o que aparece nos textos de Platão. A tarefa ética, a tarefa de purificação, a tarefa de transformação do indivíduo pode ter ficado, pelo menos segundo Vernant, a cargo da filosofia:

A religião grega não conheceu o personagem do ‘renunciante’. Foi a filosofia que, ao transpor para seu próprio registro os temas da ascese, da purificação da alma, da imortalidade desta, assumiu essa tarefa. Para o oráculo de Delfos, ‘Conhece-te a ti mesmo’ significava: fica ciente de que não és deus e não cometas o erro de pretender tornar-te um. Para o Sócrates de Platão, que retoma a frase a seu modo, ela quer dizer: conhece o deus que, em ti, és tu mesmo. Esforça-te por te tomares, tanto quanto possível, semelhante ao deus. (VERNANT, 2009, p. 88).

Como dito acima, o mito não é uma coisa só, provavelmente desempenhava em sua época vários papéis, alguns podem ter sobrevivido até hoje. Apesar de Brisson também não reduzir o mito a dimensão religiosa, ele, assim como Vernant, não a ignora. Destaca além desse significado também a dimensão educacional do mito, que é a que mais vai preocupar Platão aparentemente, pois ao esconder o seu “eu” imitando os deuses, o poeta esconde sua personalidade e autoria, logo aquilo passa uma suposta verdade a ser seguida.

Todavia é preciso ir mais longe, pois a imitação, posta em ação pelo poeta pelos intérpretes de suas obras, tem por objetivo último suscitar a identificação do público aos seres evocados diante de si. Ora, essa vontade de modificar o comportamento de uma massa de seres humanos coloca imediatamente um problema ético e político. É aí que se situa a verdadeira questão. Porque quer modificar o comportamento do público ao qual ele se dirige, dando-lhe como modelos os seres que ele evoca, o poeta pode ser considerado um verdadeiro educador. (BRISSEON, 2014, p. 21).

Na obra platônica, mais especificamente na voz do personagem Sócrates, assim como para outros críticos, boa parte do mito é ficcional, é uma fábula ou melhor dizendo é uma imitação que não condiz com a realidade. Segundo Luc Brisson é perfeitamente aceitável o questionamento que aparece nos textos de Platão, já que quando a mitologia ou a arte poética era passada apenas cara a cara, pela linguagem falada, ela evoluía conforme os padrões sociais, evoluía como uma espécie de “jogo de espelhos”, ou seja, conforme a expectativa do ouvinte. Quando ela passa para a linguagem escrita, ela congela e para de evoluir, logo, para de corresponder às expectativas do povo grego, principalmente de pessoas críticas e a frente de seu tempo como Sócrates¹⁶ (BRISSEON, 2014).

Além de modificar os hábitos mentais de certos números de indivíduos, a escrita, ao congelar em uma versão de referência as obras de Homero e Hesíodo, tornou cada vez mais difíceis as relações da maior parte das pessoas com os mitos evocados por esses ‘poetas’. Tendo parado de evoluir, esses mitos descreviam comportamentos e

¹⁶ O Sócrates citado é o relatado por Platão nos diálogos, ou seja, o seu personagem inspirado em seu mestre.

atitudes anacrônicas, ou até mesmo chocantes, para um grego da época clássica ou do final da época arcaica (BRISSEON, 2014, p. 25).

Quando o mito deixa de ser passado somente pela fala tem o poder de estagnar a sociedade, já que agora as histórias estão preservadas no papel. O novo homem grego, que deveria avançar, ainda tem os modelos criados pelo antigo homem grego como ideais e isso sem uma visão crítica pode ser problemático.

De modo muito geral e ultrapassando a análise platônica, poderíamos dizer, retomando as coisas pelo lado oposto, que o poeta é o intermediário privilegiado entre uma comunidade os sistemas de explicações e de valores aos quais essa comunidade se apegava. Brevemente, por meio do mito, a comunidade inteira se apegava. Brevemente, por meio do mito, a comunidade inteira se dá como modelo a si mesma. (BRISSEON, 2014, p.21).

Mesmo os mitos sendo chocantes e não mais aceitáveis nem como religião, nem como verdade, muitos tentaram salvá-los atribuindo ou descobrindo neles alegorias e metáforas.

Confrontada à investigação do historiador e ao raciocínio do filósofo a fábula vê ser-lhe recusada, dada sua condição de fábula, qualquer competência para falar do divino de modo válido e autêntico, assim, ao mesmo tempo que se dedicam com o máximo cuidado a repertoriar e a fixar seu patrimônio lendário, os gregos são levados a questioná-lo, de maneira às vezes radical, apresentando com clareza o problema da verdade - ou da falsidade - do mito. Nesse plano, as soluções são diversas: desde a rejeição, a denegação pura e simples, até as múltiplas formas de interpretação que permitem "salvar" o mito substituindo a leitura banal por uma hermenêutica erudita que revela, sob a trama da narração, um ensinamento secreto análogo, por trás do disfarce da fábula, às verdades fundamentais [...] (VERNANT, 2009, p.19).

Seja uma falsificação para não abandonar a tradição (como sugere Brisson) ou uma realidade, é fato que alguém realmente fazia isso, construía um mito alegórico, não Homero e Hesíodo e sim Platão. Afinal, como Brisson e Vernant dão a entender, talvez a interpretação de que os mitos de Homero e Hesíodo são fábulas, que escondem verdades secretas, tenha sido apenas uma maneira de preservá-los depois que não eram mais tidos nem como verdade, nem como religião.

Brisson também questiona e evoca as motivações do poder de encantamento do mito, indaga como é possível que boa parte dos indivíduos, que receberam de certa forma uma herança cultural grega ainda que distante, ainda que longínqua, conheçam tão bem histórias como a de Édipo Rei, mas tenham dificuldades em lembrar-se de acontecimentos políticos ocorridos há poucos anos em seu país. Como uma narrativa que a data de sua origem é desconhecida pode inspirar ainda hoje, uma época de profunda atividade racional, diversas obras artísticas e a até psicanalíticas? (BRISSEON, 2014). É esse poder de encantamento e inspiração que não permite que o mito morra.

[...] ainda que houvesse de ser eliminado pelos historiadores e filósofos e pelos teólogos, o mito foi "salvo" pela alegoria, que permitia associar verdades profundas as narrativas mais escandalosas e os detalhes mais absurdos. Depois de ter sido

submetido pelos primeiros “historiadores” e, sobretudo, pelos primeiros “filósofos”, a uma crítica radical, contemporânea ao aparecimento da escrita, o mito que recebeu seu nome apenas nesse momento, tornou-se objeto de uma reintegração progressiva no campo da história e no campo da filosofia, por meio desse instrumento interpretativo chamado “alegoria”, que ao longo dos séculos apresentou várias faces: moral, física, psicológica, histórica e mesmo metafísica. (BRISSEON, 2014, p. 15-16).

Na concepção de Brisson, a ascensão da filosofia, história e até teologia iriam derrubar o mito, ou seja, haveria sim um rompimento, uma passagem do mito ao logos, mas o que salva o mito não é seu viés religioso, tão pouco histórico, nem de fundamento ao rito e sim seu suposto viés alegórico.

1.1 A Relação Paradoxal entre o Mito e os Textos Platônicos: a Ideia Socrática de que o Mito é uma Fábula, que pode ser Mentirosa e/ou Educativa

Como mostra o tópico anterior, Jean-Pierre Vernant afirma que a filosofia se apropria do teorizar didático do mito, que já tinha um “germe do saber”, trazendo-o para si e reformulando o mesmo. O que não a impede de tecer críticas ao mito de tentar abandoná-lo, moralizá-lo ou reduzi-lo a fabulações (VERNANT, 2009). Então, é partindo desse ponto que é possível começar a entender o que ocorre nos textos de Platão com relação ao mito.

Geneviève Droz em sua obra: *Os mitos platônicos*, lembra-nos a relação paradoxal da filosofia com o mito.

A hostilidade da filosofia então nascente é de princípio: buscar o fundamento ou a razão de ser daquilo que é excluí a narrativa ou a ficção. Mas aí começa o dilema: por um lado, a razão condena o mito e obriga-se a exorcizá-lo; por outro, a verdade não aceita, assim tão facilmente, ficar circunscrita unicamente à linguagem da racionalidade conceitual (DROZ, 1997, p. 9).

Nos textos de Platão, não vemos a filosofia como transição do mito ao *logos* apenas, mas sim o mito como forma de filosofar metaforicamente e com grande maestria. Mesmo que a metáfora usada por Platão tenha alcançado tanto êxito, esse pensador, não é conhecido como alguém que valoriza a arte poética em seu discurso, ao contrário, muitas vezes a subjuga (ou alguns personagens de seus diálogos o fazem, mais especificamente Sócrates).

Além disso, é considerado um dos maiores representantes da tradição filosófica que é pautada pelo *logos*, pela reflexão moral, pelo discurso conceitual e especulações metafísicas. Alfred North Whitehead (filósofo e matemático britânico), afirma que “toda a filosofia ocidental não passa de notas de rodapé das páginas de Platão” (cit. por Kunzman - Burkard - Wiedmann, 1993, p. 9). É claro que esse é o pensamento de Whitehead apesar de ser bastante difundido, não necessariamente corresponde e descreve com plenitude a realidade da filosofia.

Até mesmo porque se trata de uma área do conhecimento muito antiga, muito ampla, que provavelmente nunca se esgotará. O que não quer dizer que seus agentes não precisem buscar renovações.

A metafísica, o *logos*, a moral, constituem a marca registrada do filosofar e, portanto, não se pode atribuir a ela, em nenhuma hipótese, um efeito banalizado da filosofia. Todavia vamos supor que Whitehead tenha razão (a título de reflexão), existe, então, a possibilidade de dizer que o primeiro e o último filósofo original era Platão. E isso faria todo sentido se pensar que toda tradição metafísica gira em torno das ideias diretoras de Platão.

Como se ao esboçar os principais problemas da metafísica, Platão traçou os contornos da figura da mesma que atraída por um “télós” racional tende ao preenchimento e realização. Nesse sentido podemos pensar que os filósofos posteriores a Platão são os realizadores desse projeto platônico. Mas não existe outro caminho dentro da filosofia platônica, que foi renegado por seus seguidores e por ele?

A inauguração do conhecimento filosófico e científico na Grécia antiga, no século VI A.C., é celebrada como a passagem da explicação mítica para a explicação racional. Os manuais escolares consideram o mito como algo do passado. Entretanto, os deuses, os heróis e as figuras mitológicas estão enxertados na compreensão que temos do comportamento humano e dos conceitos de corpo, alma, desejo, imortalidade, bem, verdade, beleza e justiça. Nem toda teoria está livre de resíduos mitológicos (PAVIANI, 2008, p. 83).

É claro que a obra platônica não foge à regra de Paviani, até porque ele está falando principalmente dela, ou seja, ela não está livre dos resíduos mitológicos. Inclusive alguns pensadores utilizam Platão como referência para definir o mito ou pelo menos dar uma das mais importantes definições. Como por exemplo, Pinheiro (2003, p. 129) que se debruça sobre as reflexões de Sócrates nos livros II e III da *República*, onde segundo o diálogo há dois *logos* um é falso e outro verdadeiro. O mito é o falso, mas não totalmente, pelo fato de pretender passar certa verdade. É possível confirmar na própria obra platônica: “Ora, no conjunto, as fábulas são mentiras, embora contenham algumas verdades. E servimo-nos de fábulas para as crianças, antes de as mandarmos para os ginásios” (PLATÃO, 1949, p.86).

A verdade que pode estar presente nos mitos (segundo a interpretação de Pinheiro da obra platônica) é a funcional, que tem a capacidade de moldar o caráter. Era de costume que as mães da época contassem narrativas para os jovens, a questão para Sócrates é que deve existir um cuidado para escolher essa narrativa, já que o mito pode colocar a alma em determinada condição (PINHEIRO, 2003).

Pois é sobretudo nessa altura que se é moldado, e se enterra a matriz que alguém queira imprimir numa pessoa? [...]. Ora pois, havemos de consentir sem mais que as crianças escutem fábulas fabricadas ao acaso por quem calhar, e recolham na sua

alma opiniões na sua maior parte contrárias às que, quando crescerem, entendemos que deverão ter? (PLATÃO, 1949, p.86)

O mito exercia uma profunda influência cultural e comportamental ou pelo menos é isso que demonstrava o personagem Sócrates e isso era o que o preocupava. E essa influência já se inicia desde a infância, quando os jovens ainda não têm condições de discernir o certo do errado, ou seja, as fábulas escutadas por eles vão nortear (pelo menos na concepção socrática) o seu comportamento e educação moral. Apesar da crença de que Sócrates teria aversão à fábula em si, ele demonstra que os problemas são as fábulas mais valorizadas de seu tempo:

Logo, devemos começar por vigiar os autores de fábulas, e selecionar as que forem boas, e proscrever as más. As que forem escolhidas, persuadiremos as mães e as mães a contá-las às crianças, e a moldar as suas almas por meio de fábulas, com muito cuidado do que os corpos com as mãos. Das que agora se contam, a maioria deve rejeitar-se (PLATÃO, 1949, p.87).

Aqui a preocupação demonstrada não é enquanto a forma, mas sim ao conteúdo. Até porque ele não descarta todas e sim as que são, segundo ele, “mentira sem nobreza” as que delineiam “[...] erradamente, numa obra literária, a maneira de ser dos deuses e heróis” (PLATÃO, 1949, p.88), ou as “[...] histórias que não são verídicas nem úteis” (PLATÃO, 1949, p.101).

O historiador Jean-Pierre Vernant, assim como Pinheiro, também cita os diálogos de Platão para mostrar como os mitos já estavam presentes desde a infância dos gregos. Nesse sentido, passavam mensagens em forma de fábulas e contos, que chegavam as crianças por intermédio das mães, avós e amas de leite que as ninavam. Só mais tarde entrariam na vida do jovem grego as narrativas dos poetas, principalmente de Homero e Hesíodo.

E é com relação ao conteúdo das fábulas de Homero e Hesíodo, que o mestre de Platão tece suas críticas mais pesadas. “As que nos cotaram Hesíodo e Homero – esses dois e os restantes poetas. Efetivamente, são esses que fizeram para os homens essas fábulas falsas que contaram e continuam a contar” (PLATÃO, 1949, p.87).

Na obra *A República* como citada acima, Sócrates e outros personagens, exprimem as motivações de suas preocupações e as diferentes maneiras como questionam o mito ou muitas vezes fazem uso dele. Claro que, o que hoje conhecemos como mitologia nem sempre recebia esse nome (pelo menos não diretamente) na obra do mestre de Aristóteles. As palavras que ele costumava usar também para definir o que hoje é conhecido como mitologia são: arte, fábula, poemas.

Em Platão, o que chamamos de mito é a arte poética, segundo Brisson, arte que está de certa forma associada para Sócrates as artes plásticas, a pintura e a escultura, pois ambas são imitativas. E por muitas vezes a obra platônica vai tecer críticas pesadas a essa arte de imitar,

o que hoje chamamos de mito, outras vezes vai citar o mito como verdade e por último e não menos importante vai se inspirar nos poetas para criar seus próprios mitos. Como será demonstrado a seguir.

No Livro I da República, Sócrates questiona uma suposta fala do poeta Simónides de diferentes maneiras. Começa no seguinte contexto, o personagem Céfalo faz uma exposição sobre o que seria o homem justo que teria como consequência de sua justiça a paz em sua velhice. Entre as características desse sujeito estariam a prudência, o comedimento, ser verdadeiro e não poder ser devedor. É esse último ponto que agora fomenta o diálogo, pois Sócrates a isso responde:

Mas essa mesma qualidade da justiça, diremos assim simplesmente que consiste na verdade e em restituir aquilo que se tomou de alguém, ou diremos que essas mesmas coisas, umas vezes é justo, outras, injusto fazê-las? Como este exemplo: se alguém recebesse armas de um amigo em perfeito juízo, e este, tomado de loucura, lhes reclamasse, toda gente diria que não se lhe deviam entregar (PLATÃO, 1949, p.9).

Ao receber a concordância de Céfalo, que talvez a sua definição de justiça estivesse equivocada, Sócrates afirma: “Portanto, não é a definição de justiça: dizer a verdade e restituir aquilo que se tomou” (PLATÃO, 1949, p.9).

No entanto, Polemarco cita o poeta lírico Simónides como forma de apelo à autoridade para intervir a favor dessa definição de justiça. Todavia Sócrates questiona se as pessoas realmente interpretaram bem a fala dele, ou se a fala é literal:

Por conseguinte, Simónides falou, ao que parece enigmaticamente, à maneira dos poetas, ao dizer o que era a justiça. O pensamento dele era aparentemente, que a justiça consistia em restituir a cada um o que lhe convém, e a isso chamou ele restituir o que é devido (PLATÃO, 1949, p.11).

Nesse momento Sócrates deixa subentendido que o texto dos poetas tem um sentido por detrás, um duplo sentido, algo a ser decifrado, algo metafórico. Quando começaram a discorrer sobre restituir a cada um, o que lhe convém pareceu-lhes então que a justiça consistia em restituir o bem aos amigos e o mal aos inimigos, entretanto Sócrates questiona: “Quando se faz mal a cavalos, eles tornam-se melhores ou piores?” (PLATÃO, 1949, p.17). Aqui o mestre está sugerindo que pagar o mal com o mal torna as pessoas ainda piores, ou seja, algo que faria com que o mal se expandisse e tivesse mais força, então, não seria sábio para o justo fazê-lo.¹⁷

Sócrates continua: “Acaso os músicos podem tornar outrem ignorante na música, por meio da sua arte?” (PLATÃO, 1949, p.17). Continua fazendo outras analogias da mesma

¹⁷ Aqui vemos um ponto em bastante consonância com o personagem Harry Potter, que geralmente não paga o mal com o mal mesmo em casos extremos. Mais sobre o assunto no próximo capítulo.

natureza e então chega ao ponto em que queria chegar: “Mas os justos podem tornar outrem injusto, por meio da justiça?¹⁸ Ou, de um modo geral, os bons podem tornar outrem mau, por meio da sua perfeição?” (PLATÃO, 1949, p.18).

E então, com a negativa de Polemarco, Sócrates conclui:

Logo, ó Polemarco, fazer mal não é a ação do homem justo, quer seja a um amigo, quer a qualquer outra pessoa, mas, pelo contrário, é a ação de um homem injusto. [...] Portanto, se alguém disser que a justiça consiste em restituir a cada um aquilo que lhe é devido, e com isso quiser significar que o homem justo deve fazer mal aos inimigos, e bem aos amigos – quem quiser assim falar não é sábio, porquanto não disse a verdade. Efetivamente, em caso algum nos pareceu justo fazer mal a alguém (PLATÃO, 1949, p.18).

A partir dessa reflexão sobre a fala do poeta, Sócrates, chega a questionar se a citação lhe é atribuída falsamente e que na verdade poderia pertencer a outros, pois essa fala não poderia vir de homens sábios e sim de homens ricos e com poder (é perceptível um certo desprezo por esses últimos). Aqui já de início temos a relação do poder e da riqueza como corruptores, enganadores e relacionados a quem paga o mal com o mal¹⁹. Sócrates relaciona esse poeta específico à sabedoria, por isso, não atribui a fala a ele.

Só na parte dedicada ao poeta Simónides, Sócrates questiona uma única citação de diversas maneiras. Apesar de muitos tentarem classificar Sócrates como dogmático, o que ele faz como legítimo filósofo é colocar em dúvida, mas será que só ele colocava em dúvida? Os gregos não colocavam em dúvida os seus mitos?

Ainda no livro I da República, Sócrates conversa com Céfalo sobre a velhice e o segundo diz o seguinte sobre a mesma, o que nos traz algumas respostas ou levanta mais perguntas:

Tu bens sabes ó Sócrates, que, depois que uma pessoa se aproxima daquela fase em que pensa que vai morrer, lhe sobrevém o temor e a preocupação por questões que antes não lhe vinham à mente. Com efeito, as histórias que se contam relativamente ao Hades, de que se têm de expiar lá as injustiças cometidas, histórias essas de que até então troçava, abalam agora a sua alma, com receio de que sejam verdadeiras (PLATÃO, 1949, p. 8).

Não é possível afirmar se esses questionamentos de Céfalo refletem apenas o seu pensamento, o de Platão ou do senso comum, porém pelo modo geral que ele diz, parecem refletir a opinião de boa parte das pessoas. Dessa maneira podemos levantar a hipótese de que

¹⁸ Aqui é possível fazer analogia com a bondade de Harry para com Draco (colega de escola de Harry e por muitas vezes seu antagonista) e Monstro (elfo doméstico que reproduz o discurso preconceituoso de seus patrões), que fez com que eles melhorassem suas personalidades de certa forma ou, pelo menos, revessem e amenizassem suas injustiças. Além disso, o fato de Harry ter salvo a vida de Rabicho (era muito considerado pelos pais de Harry, mas os traiu) fez com que ele tivesse remorso e não pudesse matá-lo. Mais sobre isso no próximo capítulo.

¹⁹ Como acontece com Voldemort e os Comensais da morte (seguidores do primeiro). Mais sobre os mesmos no próximo capítulo.

o povo acreditava e não acreditava nos deuses, o que é de certa forma contraditório e paradoxal, mas é possível entender quando entramos no campo do “não visível”.

Como Paul Veyne sugere os gregos não acreditavam em seus mitos com a mesma intensidade que acreditam naquilo que podem ver, mas acreditavam. “Estes mundos lendários eram cruamente verdadeiros, no sentido em que não se dúvida deles, mas não se acredita neles como se acredita nas realidades que nos circundam” (VEYNE, 1984, p. 28). Da mesma forma faz parecer Céfalo em algum momento o campo do não empírico parece ter utilidade para preencher um vazio, logo se faz necessário a repetição de que os gregos acreditavam e não acreditam em seus mitos.

E como já mencionado, algumas vezes os personagens de Platão citam o mito como crença, como verdade, ou como hábito de linguagem sem questionar. Talvez eles também acreditassem e não acreditassem nos mitos ou simplesmente faziam uso quando era conveniente ao discurso: “[...] volvi os olhos na sua direção, atemorizado, e pareceu-me que, se eu não tivesse olhado para ele antes de ter olhado para mim, teria ficado sem voz” (PLATÃO, 1949, p.20). Sócrates está se referindo a crença de que ao se encontrar um lobo, se ele avistasse a pessoa primeiro, ela ficaria sem voz, há menções sobre isso nos versos de Virgílio e Plínio o antigo. Nesse momento, ele não levanta questionamento sobre a crença, ele simplesmente a cita. Ou por vezes concorda com os poetas: “Neste ponto, pelo menos, aceitaremos o que diz Homero” (PLATÃO, 1949, p.243).

Voltando a crítica, o principal ponto que faz com que Sócrates questione os poetas, nesse caso principalmente Homero, é com relação à educação moral:

Logo, o homem justo revelasse-nos, ao que parece, como uma espécie de ladrão, e isso é provável que o tenhas aprendido em Homero. Efetivamente, ele tem grande estima pelo avô materno de Ulisses, Autólico, e afirma que ele excedia todos os homens em roubar e em fazer juras (PLATÃO, 1949, p.15).

Como dito pelo próprio personagem a deturpação da justiça foi aprendida em Homero. E ele continua a falar sobre sua preocupação sobre o que os jovens (principalmente os destinados ao poder) aprendem: “Nem deve dizer-se a um jovem que nos escuta que, ao cometer os maiores ultrajes, não faz nada de surpreendente, nem tão pouco ao castigar por todos os modos um pai que lhe fez mal, mas estaria a fazer o mesmo que os primeiros e os maiores dentre os deuses” (PLATÃO, 1949, p.89). Nesse trecho Sócrates faz uma crítica às disputas, que ocorrem na obra *Teogonia* atribuídas ao poeta Hesíodo. Ele faz referência aqui especificamente às brigas sangrentas entre Uranos, Cronos e Zeus, que eram causadas pelo desejo e a ganância para alcançar e manter o poder e também pela vingança. Assim pais e filhos se devoravam e digladiavam mutuamente.

Sócrates demonstra que não deseja aos jovens em formação, ainda sem critério e senso crítico ter como exemplo sujeitos vingativos, gananciosos, violentos e cheios de ódio. Na seguinte citação além da questão da afirmação anterior Sócrates também chama esses mitos de mentira ou pelo menos, parte deles:

Nem, de modo algum – prossegui eu – que os deuses lutam com os deuses, que conspiram e combatem pois nada disso é verdade – se quisermos que os futuros guardiões da nossa cidade considerem uma grande vileza odiarem-se uns aos outros por pouca coisa. Não se lhes devem contar ou retratar lutas de gigantes e outras inimizades variadas de deuses e heróis (PLATÃO, 1949, p.89).

É importante ressaltar que os poemas de Homero e Hesíodo não só retratavam extrema violência, mas que essa violência partia daqueles que eram os heróis do povo. A questão é que para Sócrates isso está associado à vilania e não ao heroísmo.²⁰

Mas que Hera foi almejada pelo filho, e Hefestos projetado a distância pelo pai, quando queria acudir à mãe, a quem aquele estava a bater, e que houve combates de deuses, quantos Homero forjou, é coisa que não deve aceitar-se na cidade, quer essas histórias tenham sido inventadas com um significado profundo quer não. É que quem é novo não é capaz de distinguir o que é alegórico do que não é. Mas a doutrina que aprendeu em tal idade costuma ser indelével e inalterável. Por causa disso, talvez, é que devemos procurar acima de tudo que as primeiras histórias que ouvirem sejam compostas com a maior nobreza possível, orientadas no sentido da virtude (PLATÃO, 1949, p. 89 e 90).

Aqui é possível enxergar que Sócrates reconhece que os mitos de Homero e Hesíodo podem ter um sentido alegórico²¹, entretanto ele não acha interessante a mensagem que aqueles estão passando. Também ele coloca em questão a veracidade das histórias.

Daqui existe a possibilidade de extrair não só a necessidade que os jovens devem ter acesso à virtude, por meio das fábulas, mas também que é preciso orientá-los de seu sentido alegórico, já que talvez eles não entendam sozinhos. Todavia, outro ponto importante é que o melhor é essas fábulas não virem como doutrina, como verdade e sim como reflexão.

Adimanto então questiona Sócrates: “[...] mas se alguém nos perguntar ainda o que é isso e quais são essas fábulas, quais diremos que são?” (PLATÃO, 1949, p.90). Ao que Sócrates responde: “Ó Adimanto, de momento, nem eu nem tu somos poetas, mas fundadores

²⁰ A obra de J.K Rowling está em bastante consonância com suas ideias já que ela atribuiu essa característica aos vilões e mostra a miséria da tirania. Ao contrário dos três protagonistas (Harry, Rony e Hermione), que a autora permitiu que passassem por uma guerra, onde eles eram alvo, mas não chegassem a matar ninguém. Até mesmo contra Voldemort, Harry apenas lançava feitiços de proteção. Mais sobre o assunto no próximo capítulo.

²¹ “Distinguir um sentido velado (profundo) sob o sentido manifesto (superficial) do discurso” (BRISSEON, 2014, p. 64).

de uma cidade. Como fundadores, cabe-nos conhecer os moldes segundo os quais os poetas devem compor suas fábulas²²” (PLATÃO, 1949, p.90).

Sócrates também deixa claro que as fábulas não devem colocar a culpa dos males em deuses. Até porque esse discurso conformista facilmente seria usado por pessoas mal-intencionadas²³. “Além disso, é prejudicial a quem os ouve. Efetivamente cada um arranjará desculpa para a sua maldade” (PLATÃO, 1949, p.113).

Sócrates mostra as contradições dos versos dos poetas nos quais apresentam deuses que ao mesmo tempo em que elogiam a justiça premiam a injustiça, se ela vem junto com riquezas, poder, que podem lhe render belos sacrifícios, “oferendas”. É como se os próprios deuses fossem corruptíveis, vendíveis, compráveis e interesseiros:

[...] uma outra espécie de argumentos sobre a justiça e a injustiça, proferidos quer por leigos quer por artistas do verso. Todos em uníssono entoam hinos sobre a beleza da temperança e da justiça, embora difíceis e trabalhosas, ao passo que a intemperança e a injustiça são coisa suave e fácil de alcançar, odiosas apenas à fama e à lei. Proclamam que a injustiça é, em geral, mais vantajosa do que a justiça, e estão prontos a pretender que são felizes os maus, se forem ricos ou possuidores de outras formas de poder, e a honrá-los em público e em particular, ao passo que desprezam e olham com sobranceira os que forem fracos e pobres, embora concordem que são melhores do que os outros. Mas, de todos os argumentos os que tomam forma mais surpreendente são os que dizem respeito aos deuses e à virtude: que os próprios deuses atribuíram a muitos homens de bem infelicidades e uma vida desgraçada, e aos maus o contrário. (PLATÃO, 1949, p. 64).

Além do que, já que a principal preocupação de Sócrates é educacional, que tipo de impressão tem aquele que ainda está com o seu caráter em formação ao perceber que os deuses premiam injustiça? Logo os deuses, há alguma referência maior?

O homem justo tem sua vida de temperança premiada pelas desgraças e os deuses (adorados pelo povo) são os que coroam isso? Não há nada de bom ao sair da caverna? Não há nenhum prêmio e honra depois de romper os grilhões? Aqui percebemos que o problema para Sócrates não é o mito, a fábula ou arte como ele e outros como Nietzsche vão chamar as obras dos poetas. O problema é o senso comum e um senso comum que educa jovens para adorar e se espelhar em tiranos, corruptores e abusadores.

Será que Sócrates se colocaria contra uma história que premia o esforço, o saber e a temperança e mostra as mazelas da tirania, do amor ao dinheiro, dos preconceitos? Será que

²² Nesse caso há um exemplo de fábula, que parece estar nos moldes de Platão, trata-se de uma história reconhecida por combater o preconceito, a tirania e por colocar a violência como atributo da vilania e não de heróis essa história é Harry Potter. Mais sobre isso no próximo capítulo.

²³ Rowling além de não valorizar a violência tão repudiada, pelo mestre de Platão, nos bons personagens ainda apresenta possíveis causas do mal diferentes de Deus, deuses, o destino ou coisas do tipo (que era uma grande preocupação de Sócrates), além disso as causas, parecem estar em consonância com as ideias de Sócrates: uma má educação, a ignorância, uma alma mal administrada, o egoísmo, as más escolhas, a violência e a busca pelo poder.

Sócrates se colocaria contra uma fábula que não se coloca como religião, nem como verdade, mas que sem a pretensão de ser mais do que uma fantasia levanta reflexões e mostra heróis muito mais próximos ao seu posicionamento sobre a moral e o exemplo que deve ser dado aos mais jovens, pelo menos no início da juventude?

Além de criticar a flexibilidade de deuses vendíveis, o texto de Platão chega inclusive a questionar a existência deles e se realmente essa existência faz alguma diferença se é que os deuses são como os poetas dizem:

[...] com cujos recursos havemos, ora de persuadir ora de exercer violência, de tal maneira que satisfaremos as nossas ambições, sem termos de pagar a pena. Mas aos deuses não é possível passar despercebido nem fazer violência. Ora, se eles não existem ou não se preocupam com as coisas dos homens, para que havermos de importar-nos com o passar despercebido? Se, porém existem, e se preocupam, nós não sabemos nem ouvimos falar deles a mais ninguém, senão através das leis e dos poetas que trataram da sua genealogia, e são esses mesmos que dizem que eles são de molde a deixarem-se flectir por meio de sacrifícios, preces brandas e oferendas (PLATÃO, 1949, p.67).

O fato dos poemas de Homero e Hesíodo terem o “status” de religião na cultura grega e dessa forma influenciarem o comportamento destes, esse parece ser o motivo da preocupação que aparece na obra de Platão. Afinal, o que faz parecer boa parte dos personagens e principalmente Sócrates com os próprios mitos a não ser, que estão a tentar influenciar disposições morais? Então, por qual motivo o fundador da Academia, ou melhor os personagens de sua obra, implicariam com aqueles que se utilizam praticamente dos mesmos métodos que eles²⁴? Provavelmente pelo fato de mesmo sendo métodos parecidos, passarem lições diferentes, ou melhor, de um deles servir a crítica, a reflexão e outro ao senso comum.

Apesar de Platão utilizar os mesmos artifícios, que (o seu texto) parece renega-los, pois não os utiliza para o mesmo fim. Principalmente quando a voz vigente é do personagem Sócrates, ele o faz para educar, educar para o bem; o mito e a arte platônica diferentemente da mitologia e arte grega tradicional serve a educação moral²⁵.

A escrita de Platão conserva a oralidade; por isso, nele, logos, o racional e os mitos, as verdades escondidas no primitivo dado pelos deuses coexistem. Mas os mitos platônicos não se confundem com a mitologia grega. Eles têm algo de peculiar, são recursos quase didáticos para expressar o que o rigor da dialética não pode dizer. É preciso romper o processo dialético demonstrativo, teórico, e comunicar o sentido de algo, por meio da narrativa. Tudo indica que sua intenção é pedagógica, pois o mito,

²⁴ É claro que os diálogos não criam uma religião, no entanto, isso não quer dizer que eles não projetem possibilidades sobre o além. Pelo menos é isso que Droz mostra em seus textos ao classificar os mitos da obra de Platão. Esse tipo de mito, ela chama de “mitos expressão de uma convicção”.

²⁵ Isso não quer dizer que Platão esteja diretamente associado à instrumentalização educacional do mito, pois isso está mais relacionado às falas do personagem Sócrates. Ou seja, há mais de uma perspectiva em sua obra.

no fim ou no meio do diálogo serve para esclarecer os interlocutores e permite concentrar a reflexão no essencial (PAVIANI, 2008, p. 91).

Como dito por Jayme Paviani: “[...] nega os poetas gregos pela incapacidade de seus textos de corresponderem às exigências morais de melhoria do ser humano” (PAVIANI, 2008, p. 65). Até porque não estava mais evoluindo conforme o tempo e o público, já que estava escrito e sacramentado.

No mesmo capítulo intitulado “Educação Ética e Estética”, a censura moral das artes, Paviani, mostra a crença que aparece na obra platônica, no fato de que somente a formação filosófica é capaz de trazer o domínio da parte racional sobre a parte apetitiva e passional da alma. Então, a diferenciação do mito do texto de Platão para outros mitos é o fato do seu visar à formação filosófica, que garantiria o domínio da parte mais elevada da alma sobre as outras. “Os deuses de Homero, infelizmente, possuem vícios e fraquezas que afastam os jovens da verdade” (PAVIANI, 2008, p. 66). Além disso, as qualidades estéticas da arte poética a tornam ainda pior, pois produzem encantamento o que aumentaria seu efeito destrutivo, todavia e se essas qualidades fossem utilizadas para o uso da razão, para a reflexão sobre a moral?

A preocupação que aparece na obra não é apenas moral, mas também didática, como nos mostra Paviani. O grande problema socrático com as “mimeses” é que se tratava de uma imitação imperfeita do mundo sensível, que já era uma imitação do mundo inteligível, ou seja, trata-se de algo muito afastado do mundo das ideias. E é imperfeita, porque provavelmente (segundo Sócrates) os poetas não têm conhecimento sobre todos os assuntos, sobre os quais eles falam. Além disso, a imitação passa uma ideia de inspiração e verdade, o que leva aquele que lê a querer imitar também.

Mas será que toda imitação na percepção dele é ruim ou danosa? “Se imitarem, que imitem o que lhe convém desde a infância – coragem, sensatez, pureza, liberdade, e todas as qualidades dessa espécie” (PLATÃO, 1949, p.120). Isso quer dizer que deve ser escondido o fato que há outro tipo de natureza, outro tipo de comportamento? Quer dizer que os jovens não devem conhecer outros aspectos da natureza humana? “Pois devem conhecer-se os loucos e os maus, homens e mulheres, mas não fazer nem imitar nada que seja deles” (PLATÃO, 1949, p.121).

Apesar de achar que não se deve imitar o que mau, Sócrates defende, que as pessoas devem sim conhecer o que é a maldade, para não sofrerem devido a sua ingenuidade sendo enganados por outrem. Nesse sentido, ele afirma que provavelmente os idosos são mais sábios devido ao fato de poderem ter percebido o que é a injustiça sem precisar deixa-la se alojar

dentro deles, só observando nos outros (PLATÃO, 1949). Todavia é necessário esperar até a velhice para observar e atingir esse conhecimento?

É preciso levar em conta que atualmente há meios de se informar e saber sobre a história e refletir a seu respeito, utilizando a filosofia para que as pessoas conheçam aquilo que é danoso à humanidade ou aos seres, para que possam pensar sobre aquilo que não querem que se repita. Entretanto, é claro que isso não é acessível a todos, é para isso que existem trabalhos de sensibilização²⁶.

A mitologia poética de Homero e Hesíodo foi expulsa de sua República ideal, por trazer influências negativas à juventude. E Sócrates, demonstra grande preocupação diante do que deve e o que não deve ser ensinado. Sócrates diz ter respeito e dedicação, por Homero, mas que não se deve honrar um homem acima da verdade.

Paviani também critica a censura que aparece no texto de Platão sobre as artes imitativas e poéticas, pois apesar de não se tratar de uma censura “policia” não deixa de ser problemática. Se trouxermos para os dias de hoje, será que censura é algo bom e compatível com uma educação filosófica? Fica aqui a provocação!

1.2 Suposto Paradoxo Platônico: Algumas Visões Dissonantes e Contrapontos

É perceptível que o discurso racional, conceitual e a reflexão moral têm sido os caminhos tradicionais da filosofia desde Platão e, principalmente, representados por ele. Através do filósofo do martelo, Nietzsche, conhecemos uma negação da suposta “filosofia moral”, atribuída por ele a uma tradição platônica, e a valorização do caminho oposto, mas será que a filosofia platônica está tão distante desse caminho oposto? Antes de adentrarmos nessa questão, se faz necessário compreender qual seria esse caminho oposto.

No pensamento de Nietzsche, analisado pelos filósofos Gérard Lebrun e Stefan Vasilev Krastanov, é possível encontrar duas formas opostas de filosofar que envolvem a arte (é importante ressaltar, que Nietzsche chama a mitologia grega de arte) e filosofia do discurso racional, conceitual e reflexão moral. Seriam duas reações supostamente opostas ao princípio da filosofia; o *Pathos* – espanto.

O pathos é o espanto e ‘o espanto – diz Heidegger – é, enquanto pathos, a arkhé da filosofia. Designa aquilo de onde algo surge [...]’. Esse ‘algo surge’ remonta a um

²⁶ J. K Rowling tenta mostrar para os jovens de maneira acessível, de uma maneira atrativa os perigos da tirania. E ela mesma afirma que, boa parte da inspiração para a história foi devido ao seu trabalho com refugiados. J.K Rowling e os refugiados experienciaram o mal da tirania e da desigualdade, muitos jovens podem não ter que passar por isso, se enxergarem, escolherem evitar e transformar a realidade.

processo em que algo se engendra, aparece, algo vem a ser, enfim, em que algo se cria. Esse algo é a filosofia e ela se cria nesse pathos. Aristóteles também confirma esse significado: ‘Pelo espanto (pathos por excelência) os homens chegam agora e chegaram à origem imperante do filosofar’. Até mesmo Platão atribuiu ao pathos a origem da filosofia [...] (KRASTANOV, 2011, p. 18).

A capacidade do ser humano de espantar-se é o impulso gerador da filosofia, pois se faz necessária uma espécie de incomodo para que aja disposição para a dúvida, o questionamento, o levantamento de discursos e perspectivas. Esse incomodo, esse espanto pode ser gerado de diferentes maneiras, diante de diferentes assuntos como: a maldade, o amor, a política, a ética, a existência, a morte, entre outros.

Um dos resultados diante disso é o uso da razão para conservação, ou seja, para escapar ou ordenar aquilo que te espanta; todavia existe uma outra possibilidade, que esses estímulos te levem a inspirações criativas. Afinal, assim como existem filósofos que teorizam racionalmente sobre o amor (exemplo), existem também artistas que criam músicas e outras representações, que segundo Schopenhauer vão além da razão e mesmo assim, para ele, exprimem filosofias.

Schopenhauer além de valorizar a música como forma de filosofia para além da razão, também vê na arte a única maneira de nos libertarmos da prisão da vontade (ainda que temporariamente). A vontade que consistiria na angústia de estar sempre almejando algo, que quando alcançado é logo substituído por outros anseios. Para esse pensador a intuição é mais elevada do que a própria razão, pois pode nos tirar do individualismo nos conectando e acalmando-nos por meio da contemplação estética com a essência dos objetos (SCHOPENHAUER, 2001). Nietzsche se inspira em Schopenhauer na exaltação da arte sobre o caminho tomado e glorificado pela filosofia tradicional, pelo menos na concepção dele.

Segundo Krastanov, as duas reações opostas ao espanto, os dois caminhos seriam o “pathos artístico” e a “consciência moral”. Termos que Krastanov vai utilizar demonstrando uma visão nietzschiana de Platão e da história da filosofia. O sentido em que Krastanov (2011) usa o termo artístico é de ação, pulsão (fundamentalmente) criadora e produtora.

O termo arte utilizado algumas vezes no decorrer dessa dissertação vem principalmente como derivado dessa nomenclatura de Krastanov (2011) e do uso feito tanto por Nietzsche e Platão para designar o mito. Como já mencionado, o mito era frequentemente chamado de arte poética. Já o termo consciência moral é utilizado para definir a base da tradição filosófica iniciada em Sócrates e Platão. “A razão disso é que a discussão filosófica acerca da verdade está presente em todos esses filósofos e a verdade compõe a base do sentido moral.” (KRASTANOV, 2011, p. 20).

[...] O pensamento de Nietzsche está repleto de oposições: arte – moral, pathos – consciência; devir – fixidez; conceito – metáfora; Dionísio – Sócrates, entre outros. Todavia elegemos uma oposição fundamental, que engloba todas as outras, a saber, pathos artístico versus consciência moral. (KRASTANOV, 2011, p. 21).

Krastanov mostra como a filosofia nietzschiana coloca em oposição o pensamento socrático-platônico e a arte que era tão presente na cultura grega (da mitologia e da tragédia). Em Nietzsche os conceitos arte, filosofia e mitologia estão relacionados, esses que seriam supostamente desintegrados pela tradição platônica dominante na história da filosofia. O filósofo do martelo apresenta certo saudosismo pela Grécia mitológica, ou seja, pelo comportamento grego anterior a moralidade socrático-platônica. Um período de valorização do corpo, de muitas manifestações artísticas, em que os próprios deuses eram referências estéticas, diferentemente de outras religiosidades condenadas por Nietzsche, por seu efeito moralizador e de negação da vontade.

Nietzsche certamente rejeita qualquer possibilidade de fundamentação da verdade. Esta, na medida em que se desvincula das correntes racionais e das convenções estabelecidas, ou seja, enquanto questionadas para além do sentido moral, não passaria de uma metáfora. A negação da possibilidade da verdade, por sua vez, aponta para um deslocamento da dimensão racional e conservadora para a dimensão artística e criativa. Se não há verdade, tudo teria que se reduzir a metáforas (KRASTANOV, 2011, p. 16).

Essa dissertação, pega a rota pelo “pathos artístico”, pela rota da metáfora e do mito, mas sem abandonar a “consciência moral”. Utilizando a mitologia para ensinar, porém, uma rota repleta de filosofia, com reflexões sobre moral e política. Nesse aspecto aparentemente Aristóteles estaria em maior conformidade com a proposta do que Platão, pois o primeiro associa a arte à reflexão moral e ao alcance da justa medida. Já que, vendo a representação do horror, o espectador tende a não querer para si²⁷.

O fundador do Liceu, vê na representação trágica, na imitação a expurgação de algumas emoções para que essas não atrapalhem o intelecto e o efetivo uso da razão. Além disso, apesar da obra *Poética* de Aristóteles falar da arte de seu tempo (tragédia e comédia), de forma alguma é datada, e sim dá base para inúmeros tipos de manifestações artísticas até os dias de hoje (Aristóteles, 1991). Realmente, Aristóteles seria uma ótima fundamentação para uma filosofia dentro da arte e do mito, se não fosse Platão a própria exemplificação do artista das palavras e parábolas, que parece negar a si e a outros com a mesma habilidade em prol de um “bem maior”.

²⁷ Ao ver o autoritarismo e a intolerância de Voldemort e os comensais da morte os leitores e espectadores, que compreendem não devem querer para si. Mais sobre esse autoritarismo e intolerância no próximo capítulo.

Nietzsche, Lebrun, e Krastanov chamam de artista aquele que cria, dessa forma Platão era um artista, pois na concepção dos mesmos Platão cria uma forma de filosofar. Todavia, no texto de Platão, artista é aquele que imita, pelo menos, boa parte deles; e a imitação é corruptora:

Nietzsche só pode responder pondo em questão o tipo discurso que as torna possíveis. Mostrando que até esse discurso ainda remete a uma maneira – notável e paradoxal – de viver dominando. Platão foi acima de tudo, um artista – e a vontade de verdade pode ser descrita como uma das inúmeras formas da mentira fomentada pela vida. Mas o que especifica o artista veritativo é justamente o que ele tem de renegar a *vis creativa* que se expressa por seu intermédio, e também tem de recusar o nome de ‘criador’. Como chegamos a esse ponto? (LEBRUN, 1988, p. 138).

Segundo a análise de Lebrun da filosofia de Nietzsche, essa se opõe ao pensamento platônico por sua ideia de verdade. No entanto, ele reconhece em Platão um artista, um artista criador da vontade de verdade e conservação, mas que para fixá-la como única, renega o próprio método, uma falsificação exigida pela vida. Ainda mais fundamental que a questão da certeza é a questão dos valores, o texto de Platão lhes dá o mesmo estatuto que a matemática.

Esse sistema de falsificação lhes apareceu como sendo um aparelho de proteção, e eles sentiram a necessidade de ter definitivamente garantida a possibilidade de se decifrar o estável em meio ao fluido, de se distinguir o rosto da máscara. Os que satisfizeram seu anseio e lhes forneceram tal garantia merecem, realmente, o nome de criadores? Sim e não: pois, se criação. Sua obra consistiu em dissimular o fato de que a esquematização era, simplesmente, o modo de comportamento que dava as melhores condições de sobrevivência (LEBRUN, 1988, p. 138).

Nietzsche e seus comentadores, então, nos apresentam o paradoxo platônico, pois Platão na concepção desses é artista, que renega a arte. No capítulo “Disputa em Homero”, da obra *Cinco Prefácios de Cinco Livros não Escritos*, o filósofo do martelo concebe a teoria segundo a qual o discípulo de Sócrates constrói os mais belos mitos e tem a mais encantadora retórica para competir com os outros artistas, mas como “jogada final”, para derrotar seus concorrentes, trata de desacreditar o que eles fazem. Condena assim a arte, que ele mesmo utiliza, pois assim a sua seria a única, a verdadeira.

[...] os diálogos de Platão, aquilo que possui um destacado sentido artístico é, na maior parte das vezes, o resultado de uma rivalidade com a arte dos oradores, dos sofistas, dos dramaturgos de seu tempo, descoberta para que ele pudesse dizer por fim: ‘Vejam, também posso fazer o que os meus maiores adversários podem; sim, posso fazê-lo melhor do que eles. Nenhum Protágoras criou mitos tão belos quanto os meus, nenhum dramaturgo, um todo tão rico e cativante quanto o Banquete, nenhum orador compôs discursos como àqueles que eu apresento no Górgias – e agora rejeito tudo isso junto, e condeno toda arte imitativa! Apenas a disputa fez de mim um poeta, um sofista, um orador’. (NIETZSCHE, 1992, p. 30-31).

Afinal, se você é um artista movido pela disputa, movido por seu lado “tigre” (termo que Nietzsche vai utilizar como símbolo de luta, força, selvageria e competição), nada como

superar o “herói nacional da poesia”. Isso faz ainda mais sentido se pensarmos que Platão, antes de seguir Sócrates, permeou pelas artes da tragédia, da pintura e da poesia e, mesmo depois dos ensinamentos de seu mestre, não abandona as narrativas e alegorias.

Parece ainda mais brilhante e persuasivo se levado em conta que, nessa perspectiva, o texto de Platão expulsa da República o maior poeta, Homero, que seria, na concepção de Nietzsche, o maior rival possível para qualquer outro artista de seu tempo. Platão assim tenta vencer a disputa encerrando a disputa. E o último “ataque do tigre” é negar sua natureza em prol de aniquilar todos os outros tigres. Se a motivação de Platão é realmente essa, é difícil dizer com certeza (outras possibilidades aparecerão no decorrer da dissertação), mas o resultado dessa suposta disputa é o que realmente nos interessa.

Uma perspectiva que explora alguns aspectos já apresentados aqui e contribui e se diferencia com relação a outros, que mostra uma visão da relação entre Platão e a arte bastante equilibrada é a apresentada por Rafael Azzi em *A arte e a educação em Platão e Schiller*. A comparação mostra, que filósofos de períodos tão distintos talvez tenham bastantes pontos em consonância e isso talvez possa ser um indicativo de que as restrições à arte apresentadas nos diálogos não sejam tão grandes como faz parecer Nietzsche.

O comparativo feito por Azzi entre eles, tomando como premissa uma suposta grande divergência entre os dois, que seria o tratamento dado à arte, acaba por sugerir (depois da análise), que talvez não exista tanta diferença assim. Para o autor, ainda que o conceito de arte não seja exatamente o mesmo em Platão e Schiller, a influência dela na moralidade aparenta ser a principal preocupação. A diferença, segundo a tese de Azzi é a conclusão, pois no diálogo platônico se destaca a provável influência negativa da arte, diferente de Schiller que defende o campo estético como o mais fértil para a construção do conhecimento e da moral.

Azzi começa dizendo que antes de Platão não havia muita distinção entre um texto pautado no *logos*, que trata filosoficamente das coisas e relações humanas e um texto poético voltado para o entretenimento. No entanto, apesar do marco que Azzi anuncia a respeito de Platão, é importante lembrar que os Pré-Socráticos já haviam iniciado esse processo. Até mesmo a problematização sobre os deuses já era característica de filósofos como Xenófanes, por exemplo.

Boa parte dos momentos em que o texto platônico critica a arte, diz respeito à arte poética (que é mais conhecida hoje por mito). Para Azzi, a crítica de Sócrates (nos diálogos de Platão) além de ser pelo fato dos deuses representarem um exemplo negativo, da poesia exercer forte influência e alimentar a parte passional da alma ao invés da parte racional, é também porque a poesia refletia o senso comum e não saía dele.

Mesmo Schiller reconhecendo que a arte possa ser usada negativamente em mãos erradas, para ele não se deve abdicar de seu grande poder.

Não se deve abdicar de um grande poder apenas porque esse pode ser usado de forma errada. Não parece haver nenhum substituto à altura da energia de caráter que a arte possui. Segundo o autor, a beleza é o maior e mais eficiente motor que pode levar o homem a grandeza e excelência. Abdicar desse poder não parece solução viável, pois nada se pode colocar no lugar da beleza; sem arte o homem facilmente será entregue à rudeza ou à demasiada severidade. Arte e beleza são elementos necessários para a construção do homem equilibrado. (AZZI, 2011, p. 55).

Outra crítica que aparece nas falas de Sócrates é sobre a arte imitativa, pois “A simples representação do mundo como ele é não ajuda a discernir como o mundo deveria ser o ideal.” (AZZI, 2011, p. 36). Entretanto para Schiller cabe justamente à arte idealizar, a verdadeira arte não quer colocar-se no lugar da realidade e nem dissimular a mesma, mas sim potencializá-la.

Para Schiller a arte não é meramente emocional e sim uma unidade entre emoção e razão. Além de envolver a liberdade de pensamento e escolha. Dessa forma, talvez quando Sócrates argumenta que a arte apela para as partes mais baixas da alma esteja falando da puramente apelativa.

Enquanto o poeta grego, indesejado na República, é aquele que se limita a imitar as coisas do mundo, e pretende jogar com a emoção da plateia em busca de aplausos fáceis, o artista de Schiller é capaz de observar, além da mera aparência, determinando aquilo que seus contemporâneos realmente precisam, oferecendo uma arte tanto capaz de entreter quanto de fazer pensar. (AZZI, 2011, p. 84 e 85).

Sócrates até deixa espaço para essa arte se os homens mostrados e exaltados por ela forem modelo de comportamento. A arte quando direcionada, pela mão do firme filósofo pode ajudar grandemente na educação dos indivíduos. Azzi argumenta o fato, amplamente debatido acima, de o próprio Platão utilizar mitos para ensinamentos e que antes mesmo da filosofia era poeta. Inclusive alguns pensadores como Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher (professor de Filosofia da Teologia na Universidade de Berlim) e Karl Wilhelm Friedrich Von Schlegel (poeta, crítico literário, filósofo, filólogo e tradutor alemão) consideram os diálogos de Platão tanto como obra de arte, quanto como filosofia. Ele trata como uma espécie de drama filosófico e não necessariamente uma doutrina fechada como pensadores como Nietzsche fazem parecer (AZZI, 2011).

Existe ainda uma outra interpretação, que vai ainda mais na linha da dissolução desse suposto paradoxo platônico, apresentada no artigo *Platão e Nietzsche: a trama dramática da metafísica* e no capítulo “Platão e a negação dialética da poesia” (presente na obra *Ética e Política no Mundo Antigo*) escritos por Hector Benoit. Interpretação que contribui muito para o foco em outro viés da filosofia de Platão que não é trabalhado habitualmente. Para Benoit, a

visão que a maior parte da tradição tem sobre as obras platônicas é extremamente limitada e mais baseada na compreensão de Aristóteles das obras de seu mestre e no neoplatonismo do que propriamente nas obras de Platão.

Segundo Benoit, a maior parte daqueles que tentam entender a obra platônica acabam por ignorar o fato de Platão ser alguém que relata diálogos e que existem concepções distintas de diferentes pessoas e/ou personagens impressas nos diálogos platônicos. A tradição filosófica então, influenciada pela interpretação Aristotélica e principalmente neoplatônica (talvez interpretação proposital) funde todas as falas das obras platônicas ou principalmente as de Sócrates em uma única doutrina, que na concepção da maioria, seria a mensagem que o fundador da Academia gostaria de passar.

No entanto, se muitos helenistas e comentadores contemporâneos ainda interpretam e citam os Diálogos sem levar em conta os personagens, a ação dramática, a materialidade da cena, em uma palavra, a léxis dos Diálogos, se ainda boa parte dos intérpretes contemporâneos ainda lê os Diálogos como se eles fossem um monólogo, como se eles fossem um tradicional tratado filosófico que expressaria de maneira unívoca o logos, o pensamento ou a doutrina de Platão, todos esses helenistas, intérpretes e comentadores, são apenas bem fiéis à tradição, de longe quase absoluta e hegemônica, uma tradição que se firma desde pelo menos os séculos V e VI D.C.. Refiro-me à tradição cristalizada nos manuais e comentários daquela época, como o manual *Prolegômenos à Filosofia de Platão*, texto anônimo do século VI, ou como os extensos comentários de Proclus datados do século V (BENOIT, 1998, p.118).

Benoit ainda afirma que embora muitos teorizem sobre a forma narrativa, os diálogos, os personagens colocam isso muito abaixo de uma suposta corrente platônica dogmática e que alguns fazem isso conscientemente por escolha. Um dos que, segundo Benoit, faz isso é Proclus (importante representante do neoplatonismo no século V), que assume destacar a doutrina moral de Platão acima da imitação presente em suas obras, acreditando ter o dever de exaltar aquilo que é o melhor do autor, o que é supostamente mais elevado.

Ou seja, como explicitará ainda mais adiante Proclus, é absurdo valorizar a parte sensível em Platão, pois este não pode ser confundido com um poeta. Em poetas, como Homero, diz Proclus, realmente a imitação é 'a preocupação principal', mas Platão, ao contrário, não pode ser classificado na categoria dos 'produtores de simulacros'. (BENOIT, 1998, p. 119).

Segundo a leitura acima citada, Proclus escolhe a parte da obra de Arístocles²⁸, que acredita, conforme suas ideias e concepção de mundo, como mais relevantes e suprime assim a outra parte. Não queria que Platão fosse confundido com um poeta, alguém que produz simulacros. Nega, dessa forma, a mitologia e o paganismo em favor da verdade e da moral. Negação que vai auxiliar muito a utilização da suposta doutrina de Platão em favor do

²⁸ Arístocles é o nome verdadeiro do filósofo Platão, o apelido pelo qual ficou conhecido é dado devido aos seus ombros largos.

cristianismo mais tarde. E assim como ele, a maior parte dos filósofos acreditando seguir um caminho traçado pela filosofia platônica talvez tenha deixado de lado a estrutura de seu pensamento.

Benoit mostra que Nietzsche traz um pequeno diferencial nesse sentido, pois questiona quem está falando quando vai tratar dos diálogos. Ao contrário do neoplatonismo, que trata Sócrates e Platão como seres que trazem a revelação da verdade, quase comparados ao próprio Cristo.

Nietzsche também em parte diferencia Sócrates e Platão e tece suas críticas mais pesadas ao primeiro. Na concepção do filósofo do martelo, Sócrates é um sofista ardiloso que enganou e seduziu Platão. Para Nietzsche, Sócrates tenta se destacar de alguma forma, já que não possuía os atributos geralmente destacados pelos gregos, beleza e riquezas. Então, Sócrates utilizava outro meio para seduzir, a dialética. Inverteu então os valores gregos para poder melhor se encaixar, para ser mais admirável e desejável.

A exaltação da beleza, das aparências e do poder agora se torna um erro, faz-se necessário ir além da superficialidade, os olhos do corpo devem se fechar para que seja possível enxergar com a alma, uma vez que essa valoriza a sabedoria, a verdade e a moral. Platão, na visão nietzschiana, teria negado sua natureza de poeta em prol de seguir a Sócrates.

Benoit admite que a crítica de Nietzsche seja original se comparada à tradição, mas não se levado em conta os próprios diálogos platônicos. O problema está no fato de que os leitores direcionados pelo que supostamente já se sabe, acabam por não levar em conta a trama, os personagens e a narrativa. Ao se olhar atentamente para os textos de Platão fica difícil tomar como certa uma verdade plena, absoluta e revelada por ele, já que ele não toma a palavra em seus próprios textos (pelo menos não de forma direta), apenas é citado poucas vezes.

Benoit ainda mostra algumas supostas fontes onde provavelmente (pelo que dizem as fontes) o próprio Platão teria negado uma doutrina platônica.

Ainda que talvez apócrifas, são significativas neste sentido as palavras que se leem na Carta II atribuída a Platão: ‘não existe obra de Platão e não existirá’ (314 c). Na mesma direção podemos lembrar as palavras que lhe são atribuídas no manual anônimo do século VI Prolegômenos. Segundo o anônimo, teria dito Platão: ‘não sei nada, não ensino nada, apenas percorro aporias’ (p. 17: ouden oida oute didasko ti, alla diaporon monon). (BENOIT, 1998, p. 122).

Se as afirmações da citação em questão pertencem realmente a Platão, ele mesmo assume então, que na verdade, apenas percorre os paradoxos, apenas conta uma história, constrói uma narrativa como um artista. Dessa forma, na perspectiva de Benoit, Nietzsche, na

verdade, não desconstrói o platonismo, e sim destaca algo que já estava presente nos diálogos, todavia, foi de certa forma, apagado pelo neoplatonismo.

Nessa mesma linha, Benoit também questiona a corrente aceita pela tradição de que Platão é avesso ao mito, ou seja, à arte poética e também outras artes imitativas; pois essa ideia leva em conta algumas falas do personagem Sócrates em um único diálogo como a voz da verdade ou como a voz que fala por Platão. Fazendo isso, no entanto, esquecem-se novamente de tudo que há em torno, como os próprios feitos e a própria linguagem usada nos textos de Platão.

Constatações de que Platão expulsou os poetas e a poesia da polis futura embasam-se numa tradição cuja leitura dos Diálogos é ela própria desdramatizada, anti-trágica e anti-poética: os Diálogos manifestam-se, nessa tradição, apenas enquanto conteúdo conceitual, e assim, separados e contraditórios em relação à sua própria forma, enquanto pensamento sem modo de exposição, *noesis* sem *lexis*. Trata-se de uma leitura que, precisamente, elide a *lexis* platônica, lê os diálogos como monólogos narrativos, Sócrates como narrador privilegiado, fiel portador e instrumento do pensamento, do espírito e da doutrina de um Platão desmaterializado (BENOIT, 2001, p. 26)²⁹.

E a contradição não está apenas no fato de se ter como verdade que Platão repudia totalmente o mito mesmo sua obra estando repleta deles, mesmo alguns tendo inspiração na mitologia vigente (ainda que não seja igual), mesmo que Platão não fale em suas obras e apresente diferentes personagens com visões dissonantes. A contradição também está na ideia dele negar a arte imitativa, pois é o que ele faz em toda a sua obra. Ele geralmente imita Sócrates, que muitas vezes imita a outros. Na leitura de Benoit, os diálogos e os mitos fazem parte da cena dramática do artista Platão.

Benoit não leva em conta apenas algumas falas e sim toda a estrutura da obra. E a partir dessa ótica não há só a dissolução de um suposto paradoxo bastante intrigante, como também há ainda mais base para utilização de histórias como Harry Potter como inspiração e sensibilização filosófica, pois ao mesmo tempo em que corresponde às expectativas morais de Sócrates, também se trata de uma fábula composta por mitos, metáforas, diálogos, personagens e dramatização assim como a obra de Platão.

Mesmo Sócrates não é tão fechado com relação à mitologia. O que ele faz é questionar a veracidade do mito de diferentes maneiras, mas ao mesmo tempo não o descarta completamente. Muitas vezes expõe suas contradições, em outras simplesmente os cita como se fossem acontecimentos canônicos. De certa forma então, Sócrates tira o mito do campo da religião, do dogma e traz para a análise filosófica, pelo menos quando em sua concepção se

²⁹ BENOIT, H. *Platão e a negação dialética da poesia*. In: FUNARI, P. *Ética e política no mundo antigo*. Campinas, SP: UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2001.

faz necessário. Sócrates não se nega a dialogar uma volta dos poetas a república, tão pouco faz uso do recurso mítico da mesma maneira que os poetas, as diferenças são sim significativas. Logo, há uma grande possibilidade de que a relação entre o texto platônico e os poetas não seja tão paradoxal assim.

É possível perceber por intermédio dessa leitura que há muitas interpretações sobre o pensamento platônico e até mesmo que possa haver caminhos, métodos e perspectivas que ainda não tenham sido tão exploradas. E quem sabe um pensador, que já foi tão estudado e lembrado, que viveu 348 a.C., ainda tenha algo de novo a ensinar. Ou quem sabe seja possível passar essa sabedoria antiga e clássica, vinculando-a aos meios atuais de sensibilização. Como nos indica Pierre Aubenque:

O platonismo é um pensamento vivo, indagador e que ainda pode reservar algumas surpresas aos espíritos mais avisados. Sem dúvida, uma leitura atenta convencerá a alguns que os diálogos de Platão levam em consideração as razões do adversário e que, dificilmente, se deixam reduzir a fórmulas ou sistemas (AUBENQUE, 1989, p.4)³⁰.

O fato do termo censura aparecer na obra platônica, pode gerar um desconforto compreensível, mas é importante entender que o personagem Sócrates estava lidando com o senso comum de uma época. E que em nenhum momento, ele fecha as portas para o diálogo, ao contrário, pois deixa claro que se alguém apresentar bons argumentos em favor da arte poética/ do mito de Homero e Hesíodo ele com prazer receberá seus versos de volta na República.

Mesmo assim, diga-se que, se a poesia imitativa voltada para o prazer tiver argumentos para provar que deve estar presente em uma cidade bem governada, a receberemos com gosto, pois temos consciência do encantamento que sobre nós exerce [...] mostrando como é não só agradável, como útil, para os Estados e a vida humana (PLATÃO, 1949, p. 473).

Não é possível que ele apenas temesse o poder de ideias ultrapassadas aceitas passivamente? As pessoas não temem ou deveriam temer isso hoje? Nietzsche não faz críticas até mais duras ao senso comum de sua época? Sócrates se reconhece como um amante dos mitos de Homero e Hesíodo, o problema é a aceitação passiva de algo que para ele não mostrou contribuir para a sociedade, pelo menos não os que foram escritos naqueles moldes.

Mas se assim não for, meu caro amigo, faremos como aqueles que, quando estão apaixonados por alguém, e reconhecem que aquele amor lhes é proveitoso, se afastam dele [...]. Repetiremos que não devemos nos preocupar com essa poesia como detentora da verdade, e como coisa séria, mas o ouvinte deve estar prevenido receando pelo seu eu interior (PLATÃO, 1949, p.474).

³⁰ AUBENQUE, P. Prefácio. In: PIETTRE, B. *Platão A República: Livro VII; Comentários: Bernard Piettre*; tradução de Elza Moreira Marcelina. –Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Ática, 1989.

Sócrates não renega o poder do mito, ao contrário, o valoriza muito, por isso, acredita que ele deva ser utilizado com cuidado. Ao contrário do que muitos defendem, ele não bane completamente a poesia, ele não descarta o mito e sim o adapta as necessidades educacionais: “[...] também os poetas devem compelir-se a fazer-lhes composições próximas desse teor.” (PLATÃO, 1949, p.89).

1.3 O Mito Alegórico em Platão

Ao mesmo tempo em que há uma necessidade de rompimento com o mito, que representava de certa forma o senso comum não refletido, também existe a possibilidade de exploração da imaginação, dos métodos de ensino e até quem sabe da filosofia presente no mito. Droz explica que apesar da fama, o texto platônico não foge a essa regra:

Platão não escapa a essa ambiguidade: sua preocupação primeira era, efetivamente, dar à busca da verdade um rigor de demonstração e de linguagem ainda desconhecido dos pensadores que precederam. Manifestou, sempre, a sua desconfiança contra os poetas, ilusionistas e mentirosos, e não hesitou em colocar a ficção poética ao lado da opinião incerta e suspeita³¹. No entanto, sua obra está plena de narrativas míticas: retoma alguma à tradição, remaneja-as ao sabor da sua fantasia ou das necessidades da discussão; outras, inventa-as completamente. Existem poucos diálogos – das obras da juventude às da maturidade – que não contenham um ou vários mitos, é verdade que de importância, teor e funções muito diferentes. Pode-se mesmo dizer que, no interior do *mythos* antigo, Platão criou gênero novo, já que o mito platônico não se confunde com as narrativas da mitologia grega nem com as histórias legendárias tais como foram legadas por Homero, Hesíodo, os trágicos os poetas órficos ainda que, frequentemente nelas se inspire (DROZ, 1997, p. 10).

Nesse momento, Droz parece endossar o paradoxo platônico, mas na verdade o resolve, pois, apesar de Platão utilizar mitos e até mesmo se inspirar nos poetas ao mesmo tempo em que seus personagens fazem críticas pesadas a eles, na verdade o que ele faz é “não jogar fora a criança com a água do banho”, como a autora já diz, o mito que Platão faz não se confunde com o dos poetas. O fato dele utilizar formatos parecidos não quer dizer que em seus textos não possam ter críticas. Afinal, ele é um filósofo e seu trabalho não aceitar passivamente e questionar o que está pré-estabelecido.

Já que o mito platônico tem suas próprias características e não se confunde com a mitologia também conhecida como arte poética, qual é esse diferencial? Geneviève Droz traz definições do que é o mito platônico suas principais características e funções algumas delas são: “O mito se apresenta como uma narrativa fictícia: cria uma situação, conta uma história

³¹ Nesse caso, seguindo a linha de Benoit o mais adequado seria Sócrates. Talvez exista essa ambiguidade devido ao fato de ser um diálogo (com personagens e ideias diversas) e não um monólogo.

que, como toda história, compreende uma ação e personagens [...] A forma narrativa no mito, fantasista, cômica, ou dramática, aproxima-o da fábula, da parábola, da alegoria.” (DROZ, 1997, p.10).

Há um tipo específico de mito platônico, que interessa a essa dissertação, trata-se do mito alegórico. Segundo Droz, a função do mito alegórico é “[...] divertir, descansar, ajudar à compreensão, sugerir eficazmente.” (DROZ, 1997, p. 14), ela cita como alguns dos mitos alegóricos: Prometeu, nascimento de Eros, a parelha alada e o mito da caverna.

Não deve ser lido ou escutado por ele mesmo: tem um sentido oculto; é portador de mensagem e, portanto, requer ser ultrapassado, traduzido, interpretado, decifrado; e se o autor nos dá, por vezes, as chaves para uma decifração possível (que é o caso da alegoria, cujo sentido é explicitado imagem após imagem), o mito mantém-se, com frequência, livremente aberto a múltiplos níveis de significação que um simples comentário não poderia esgotar. (DROZ, 1997, p.11).

Por diversas vezes o texto de Platão conta histórias que não estão ali por elas mesmas apenas, há outro sentido, um fim didático para elas. É preciso um desvelamento dessas histórias e muitas vezes os próprios personagens de Platão o fazem, nesse sentido se trata de uma alegoria. Isso não quer dizer que a explicação, contida no texto, esgote todo o sentido ali presente, pois séculos se passaram e ainda se descobrem novos sentidos e encaixes de sentido na atualidade de suas fábulas, se trata então de um mito com várias conexões e significados. Dessa forma os mitos platônicos (ou melhor, boa parte deles) são mitos alegóricos³², pois ao mesmo tempo em que explica, deixa em aberto.

Mesmo Platão explicando o significado de sua história, o que poderia fazer dela apenas uma alegoria, muita coisa fica para ser interpretada e há muitos níveis de significação. Isso, pelo menos segundo Droz, faz da imagem lançada por Platão um mito alegórico. “É uma narrativa simbólica, com múltiplas peripécias, rica em leituras e níveis de interpretação diversos. Ocupa legitimamente, um lugar em nosso inventário como um mito alegórico” (DROZ, 1997, p. 76).

O termo mito alegórico, apesar de muitas vezes utilizado por Droz para classificar muitos mitos platônicos, não é o único tipo (de mito platônico) citado pela autora. Ela cita também os mitos-conjectura que têm a função de “[...] substituir a dialética nos assuntos de difícil conceptualização (mundo devir) e oferecer uma hipótese verossímil, plausível.” (DROZ, 1997, p. 15) e os mitos-expressão de uma convicção, que por sua vez devem “[...] substituir a dialética nos assuntos que se situam além do concebível (a alma, a morte) e se

³² Existem outros tipos de mito em Platão, mas os mais próximos de *Harry Potter* são os mitos alegóricos apesar da história do bruxo ter alguns requisitos de outros tipos de mito de Platão.

apresentar como crenças salutares, merecedoras de que a elas demos crédito.” (DROZ, 1997, p. 15).

O mito alegórico platônico é uma elucidação, uma metáfora, pois tenta trazer a reflexão, por meio de narrativas. Seria uma maneira didática de fazer pensar, por meio da interpretação, algo parecido com o que seria feito mais à frente por Jesus Cristo³³, conforme afirmavam seus apóstolos, que ensinava por meio de parábolas (histórias geralmente não reais que possuem simbolismos e que pretendem levantar reflexões), ou por outros filósofos como Marx³⁴. Nesse sentido ambos fazem o uso de alegorias.

A alegoria aqui parece ter uma função didático - pedagógica evidente. Platão não abandona o conhecimento mítico da tradição secular nem o opõe absolutamente ao conhecimento científico. Ao contrário, introduz de modo admirável no seu texto a integração dos saberes [...]. Nesse sentido, o mito é linguagem e sentido, de elucidação de fundamentos e não explicação científica. Por isso, o uso de mitos e de alegorias permite uma ligação mais direta com o público. (PAVIANI, 2008, p. 92).

Assim como os personagens de Platão fazem uso de metáforas, “[...] formando salto, lançou-se sobre nós como uma fera, para nos dilacerar” (PLATÃO, 1949, p. 19), mais um exemplo; “Julgas-me tão delirante que tente fazer a tosquia de um leão, pondo-me de mau partido contra Trasímaco?” (PLATÃO, 1949, p. 28), outro; “Ainda não sei ao certo, mas por onde a razão, como uma brisa, nos levar, é por aí que devemos ir” (PLATÃO, 1949, p. 118). Também fazem uso do mito alegórico, da fabulação para sensibilizar e demonstrar, são como espécies de metáforas maiores, pois carregam um duplo sentido onde é preciso fazer uma analogia para entender. Sócrates, inclusive, alega fazer uso de metáforas: “Mas não vá a minha metáfora tornar-se um tanto maçadora.” (PLATÃO, 1949, p. 343).

Geneviève Droz explica que o mito permanece de certa forma indefinível e que as fronteiras são fluidas e conversam de diferentes maneiras com discursos figurados. Alguns dos mitos platônicos pegam lendas emprestadas, outros são totalmente novos. Também evidencia que Platão não traz grande ajuda a respeito de uma definição fixa (DROZ, 1997).

Não esperemos uma definição unívoca da simples afabulação mais ou menos suspeita à expressão de uma crença à qual é legítimo aderir todo o ser, o mito é objeto de apreciações variadas, das mais negativas às mais valoradas. E Sócrates pode, ao mesmo tempo, qualificar sua narrativa mítica como ‘história da carochinha’ e reclamar para ela a mais alta consideração. (DROZ, 1997, p. 12).

Entre as principais maneiras de como o próprio texto de Platão classifica os seus mitos estão, segundo Droz: a fabulação próxima da mentira; divertimento (jogo, fábula para

³³ A relação está no âmbito do ensino e não no religioso.

³⁴ Benoit aborda essa maneira de trazer a reflexão também utilizada por Marx na obra, *Ética e política no mundo antigo*.

crianças, contos da carochinha); descanso; subterfúgio; palavra sagrada vinda das profundezas dos tempos; crença moralmente eficaz; ideia aproximada, mas satisfatória; hipótese representativa fictícia, mas verossímil; expressão de uma convicção interior³⁵.

Sócrates classifica o mito conforme é conveniente para o discurso filosófico, ou seja, conforme se adequa ou não a melhor educação filosófica dos futuros possíveis líderes da cidade, principalmente em seus anos iniciais de formação de mentalidade.

O mito não é, como tal um método para buscar a verdade; é um meio para expor o verossímil. Se se excluem os casos limites de narrativas alegóricas, com finalidade essencialmente lúdica ou pedagógica, simples “auxiliares”, a serviço da reflexão ou da compreensão, o mito, intervindo lá onde a dialética se mostra inoperante, não pode pretender à verdade; propõe, como bem mostrou Victor Brochard, uma hipótese plausível, ainda que não verificável, sugere o provável. Esse provável nem por isso deve ser subestimado. Se é que é, em suma, dado os limites de nossa razão, o que podemos fazer de melhor, ele pode ser, também, objeto de uma forte adesão interior, de uma intensa certeza íntima. “Grande é a esperança” que suscitam os mitos [...] (DROZ, 1997, p11).

Utilizar mais os mitos alegóricos como maneiras de ensinar ou de sensibilizar para o ensino ajuda os professores de filosofia a se blindarem contra as acusações infundadas sobre doutrinação e professores que querem impor a “sua verdade”. Qualquer um que se proponha a analisar a história da filosofia com honestidade intelectual, perceberia que o que ela pretende é o oposto disso. O que ela faz na maior parte do tempo é colocar em questão, levantar hipóteses, questionar, duvidar, suspender o juízo. Entretanto, quanto mais maneiras os professores de filosofia tiverem para permitirem interpretação, imaginação, reflexão ao invés de algo que pessoas mal-intencionadas ou mal informadas associem a doutrina, mais possível será de quebrar as barreiras imaginárias construídas por esses mesmos sujeitos³⁶.

O mito por utilizar o fator fantástico produz um certo encantamento, que era fonte de preocupação de Sócrates, porém ao mesmo tempo é defendido por ele, quando usado para fins devidos, tanto é que ele o faz. O texto platônico mostra outra maneira para ensinar os jovens que talvez tenha sido ignorada por boa parte da tradição, quem sabe seja uma opção seguir o conselho: “Ora, vamos lá! Eduquemos estes homens em imaginação, como se estivéssemos a inventar uma história.” (PLATÃO, 1949, p.86). Como educar por meio da imaginação? Como o texto platônico faz? E como fazê-lo dialogando com o que é atual?

³⁵ Tirando a parte do sagrado e da crença, a alegoria construída por J.K Rowling (autora de Harry Potter) também se encaixa em todos os outros parâmetros. Mais sobre isso no próximo capítulo.

³⁶ Em Harry Potter os professores também sofrem acusações de fazerem conspirações políticas e coisas do tipo, o que se mostra ser apenas medo do ministro da magia de perder poder e ter suas atitudes questionadas.

1.4 Alguns Mitos Alegóricos na Obra de Platão como Fábulas de Educação Política

Platão (que é tido como o grande marco inicial do discurso clássico da filosofia) se utiliza do mito alegórico para ilustrar e chamar atenção para questões políticas, educacionais e epistemológicas (a passagem do mundo sensível para o mundo inteligível) em sua obra, *A República*, onde é possível encontrar o que talvez seja um dos mais renomados textos da história da filosofia: “O Mito da Caverna”.

No livro VII, da obra *A República*, Platão nos mostra um diálogo protagonizado por Sócrates, juntamente com Glauco e Adimanto. O mestre diz: “[...] imagina a nossa natureza, relativamente à educação ou à sua falta, de acordo com a seguinte experiência. Suponhamos uns homens numa habitação subterrânea em forma de caverna, com uma entrada aberta para a luz [...]” (PLATÃO, 1949, p. 315). E assim se inicia uma das histórias mais renomadas de todos os tempos, principalmente no meio educacional, que coincidentemente, ou não, é o assunto por detrás da alegoria.

Em um tom de possibilidade e questionamentos, Sócrates continua, o mestre nos aponta que nessa caverna há uma entrada para a luz (que se estende pelo comprimento da gruta), porém os homens, que lá dentro estão, foram acorrentados lá desde a infância, de uma forma que ficam no mesmo lugar e podem olhar apenas para frente e não para abertura na parte de cima da gruta. Atrás dos homens brilha uma fogueira e tem um caminho ascendente, ao longo desse caminho há um muro baixo (parecido com o muro usado para show de marionetes). Atrás desse muro passariam homens carregando objetos, que ultrapassariam a altura do muro. Logo, esses homens enxergariam apenas as sombras dos objetos, projetadas pelo fogo na parede oposta da caverna (PLATÃO, 1949).

Como as sombras projetadas na parede da caverna eram tudo que eles enxergavam, julgavam ser aquela toda a realidade³⁷. E a demonstração de Sócrates continua agora com o ápice da história.

- Considera pois – continuei – o que aconteceria se eles fossem soltos das cadeias e curados da sua ignorância, a ver se, regressados à sua natureza, as coisas se passavam deste modo. Logo que alguém soltasse um deles, e o forçasse a endireitar-se de repente, a voltar o pescoço, a andar e a olhar para a luz, ao fazer tudo isso, sentiria dor, e o deslumbramento impedi-lo-ia de fixar os objetos cujas as sombras via outrora. Que julgas tu que ele diria, se alguém lhe afirmasse que até então ele só vira coisas vãs, ao passo que agora estava mais perto da realidade e via de verdade, voltado para objetos mais reais? E se ainda, mostrando-lhes cada um desses objetos que passavam, o forçassem com perguntas a dizer o que era? Não te parece que ele

³⁷ Um ponto importante de se observar é que o texto aqui está adaptado e resumido, que no diálogo Sócrates faz toda a alegoria em forma de vários questionamentos

se veria em dificuldades e suporia que os objetos vistos outrora eram mais reais do que os que agora lhe mostravam? (PLATÃO, 1949, p.316 e 317).

E após receber concordância mediante sua fala, Sócrates continua sua explanação:

-Portanto, se alguém o forçasse a olhar para a própria luz, doer-lhe-iam os olhos e voltar-se-ia, para buscar refúgio junto dos para os quais podia olhar, e julgaria ainda que estes eram na verdade mais nítidos do que os que lhe mostravam?

-Seria assim – disse ele.

- E se o arrancassem dali a força e o fizessem subir o caminho rude e íngreme, e não o deixassem fugir antes de o arrastarem até luz do sol, não seria natural que ele se doesse e agastasse, por ser assim arrastado, e, depois de chegar à luz, com os olhos deslumbrados nem pudesse ver nada daquilo que agora dizemos serem os verdadeiros objetos? (PLATÃO, 1949, p. 317).

Sócrates explica que é provável que esse homem demorasse a se habituar e que seria um processo longo e doloroso, mas depois que conseguisse enxergar ficaria feliz com a mudança, porém deploraria a situação de seus antigos companheiros. Se depois esse homem tivesse que descer novamente e convencer os outros a subir o julgariam louco, insano e poderiam até matá-lo (PLATÃO, 1949).

O mito alegórico da caverna não é uma referência apenas na filosofia, como educacional, mas influenciou também o imaginário do “entretenimento”³⁸. Inclusive é uma parte da filosofia bastante reconhecida (ainda que superficialmente) pelos alunos do ensino médio em âmbito geral.

Sócrates está exemplificando através desse mito alegórico, entre outras questões, a ascensão epistêmica, onde o prisioneiro é arrastado para fora da escuridão da sua ignorância. É importante lembrar que o prisioneiro acreditava ser sua ignorância, verdade e experiência de vida. Quantas pessoas se consideram tão dotados de conhecimento e de razão, que achariam um desrespeito que questionassem suas sombras? A própria ideia de algo diferente daquilo que acreditam não seria ofensivo, não seria considerado maluquice? E até seria justificável para elas exercer violência sobre esses baderneiros, esses subversivos, que tentam ir contra tudo aquilo que eles acreditaram a vida inteira. E não seria conveniente para aqueles que os aprisionaram limitados a sombras, a espectros da realidade, que eles pensassem assim, que estivessem tão habituados ao ponto de defender suas correntes?

³⁸ Um exemplo é o filme *Matrix*, que tem uma relação bastante popular com a alegoria da caverna, uma das autoras que fala sobre essa relação é a filósofa Marilena Chauí, em sua obra *Convite à Filosofia*. A história é uma espécie de versão cibernética do mito da caverna. E isso pode ser exemplificado através da fala do personagem Morpheus: “Você precisa entender, a maioria destas pessoas não está preparada para despertar. E muitas delas estão tão inertes, tão desesperadamente dependentes do sistema, que irão lutar para protegê-lo.” (MATRIX, 1999).

Sair da caverna é algo sofrido, a busca pelo conhecimento não é fácil, demanda esforço, é algo trabalhoso. Entretanto, tratando-se da realidade escolar, o jovem não poderá ser arrastado para fora da caverna, ele mesmo vai ter que arrastar-se de lá³⁹. Por isso, é necessário um trabalho de sensibilização. “[...] não eduques as crianças no estudo pela violência, mas a brincar, a fim de ficar mais habilitado a descobrir as tendências naturais de cada um.” (PLATÃO, 1949, p. 352). Isso não quer dizer que o percurso será fácil, até porque se ele quiser ascender mais precisará se esforçar⁴⁰.

Já que não se pode arrastar, quem fará a tarefa ainda mais complexa de dialogar e sensibilizar? Quem vai exercer a ingrata tarefa de ajudar os prisioneiros que não querem ser ajudados? Existe um outro mito alegórico, também presente na obra *A República*, não tão conhecido como o mito da caverna, que vai tratar sobre isso.

Sócrates chama esse mito alegórico de metáfora “[...] carece de uma resposta em forma de metáfora.” (PLATÃO, 1949, p. 272) para explicar porque os filósofos não são valorizados. O que exemplifica mais uma vez o viés metafórico dessas fábulas. Ele pede para imaginar um navio, onde todos querem ser pilotos sem jamais terem estudado para isso. E ficam o tempo todo incumbidos em tramar para tomar o leme do navio.

[...] estão sempre a assediar o dono do navio, a pedir-lhe e a fazer tudo para que lhes entregue o leme; algumas vezes, se não eles que o convencem, mas sim outros, matam-nos, a esses, ou atiram-nos pela borda fora; reduzem a impotência o verdadeiro dono com a mandrágora, a embriaguez ou qualquer outro meio tomam conta do navio, apoderam-se de sua carga, bebem e regalam-se de comer, navegando como é natural que o faça gente dessa espécie; ainda por cima elogiam e chamam marinheiros, pilotos e peritos na arte de navegar a quem tiver a habilidade de os ajudar a obter o comando, persuadindo ou forçando o dono do navio (PLATÃO, 1949, p. 273).

Assim como valorizam aqueles que por meio da persuasão ou da violência auxiliam para que cheguem ao comando, eles desvalorizam aqueles que não o fazem, que estão mais ocupados em estudar o céu, as estações do ano e os ventos. Esses últimos são vistos como inúteis por aqueles que desejam comandar o navio, quando na verdade são eles que estão adequados ao comando.

A metáfora mostra que as pessoas anseiam pelo poder sem estar preparadas para ele. Querem tirar desse poderio benefício próprio e não visam o bem da “tripulação”, estando

³⁹Como afirma Droz “Acontece que para sair da caverna da opinião, temos, na realidade, que ‘nos’ arrancar dali.” (DROZ, 1997, p.79).

⁴⁰ Mesmo entendendo que certas coisas não são simplesmente entretenimento poderá ser um pouco doloroso. Ainda mais se os heróis e vilões o ajudarem a fazer um autoexame. Se reconhecer alguém parecido com um comensal da morte, por exemplo, poderá iniciar um processo de autoconhecimento e mudança, se não esbarrar e empacar na negação.

dispostas a usar de violência. Quando o povo é persuadido, por esses e deixam que eles guiem “o navio” correm um grande risco. Ao desvalorizar o filósofo, ao desvalorizar o próprio conhecimento permite-se que pessoas despreparadas e mal-intencionadas cheguem ao poder.⁴¹

Ambos os mitos tratam de temáticas bastante próximas, pois cabe àquele que já iniciou sua ascensão da gruta escura, depois de enxergar a miséria em que vivia e que continuam a viver seus antigos companheiros de cárcere, entender que é preciso ajudar os outros que ainda estão assolados pelas trevas da ignorância. Dá mesma maneira, guiar o navio é tarefa para quem busca entender o funcionamento desse e que visa o bem da tripulação. Para Sócrates ambas as tarefas devem ser exercidas pelo filósofo e por quem busca o conhecimento.

E esse método (do mito alegórico como fábula educativa) não se trata de um único e mero acidente, já que nos deparamos antes com ele, em “O Anel de Giges”, livro II (PLATÃO, 1949). A história narrada por Glauco tem partes que provavelmente foram retiradas da obra de Heródoto, porém a parte fantástica do anel é de autoria platônica (como nos informa Maria Helena da Rocha Pereira nas notas de rodapé da obra *A República* publicada pela Fundação Calouste Gulbenkian). Glauco dialogava com Sócrates sobre os benefícios da justiça e da injustiça e se alguém escolheria a justiça por si só e não pelos benefícios da sua boa fama.

Sentiremos melhor como os que observam a justiça o fazem contra vontade, por impossibilidade de cometerem injustiças, se imaginarmos o caso seguinte. Dêmos o poder de fazer o que quiser a ambos, ao homem justo e ao injusto; depois vamos atrás deles, para vermos onde é que a paixão leva a cada um. Pois bem! Apanhá-los, ao justo, a caminhar para a mesma meta do injusto devida à ambição, coisa que toda criatura está por natureza disposta a procurar alcançar como um bem; mas, por convenção, é forçada a respeitar a igualdade⁴². (PLATÃO, 1949, p. 56).

Glauco explana uma história contada sobre um antepassado que vê seu destino transformado por um anel que lhe dá o poder da invisibilidade. Giges tem seu destino e personalidade totalmente modificados pelo poder do anel, que o leva e/ou ajuda a cometer um assassinato.

Por meio da fala de Glauco, Platão nos traz a questão de se alguém escolheria a justiça mesmo se ninguém pudesse o ver. Existe outra questão nessa história, que é sobre o que o

⁴¹ Harry Potter também é uma metáfora sobre isso, sobre pessoas que almejam o poder pelo poder e os males que elas podem causar, por não honrarem a sabedoria e sim a disputa. Mais sobre a temática no próximo capítulo. Além disso, por coincidência ou não, a título de curiosidade, J.K Rowling utiliza dois termos em sua alegoria que aparecem aqui nessa metáfora platônica. O primeiro se trata dos animais fantásticos e o segundo as plantas mandrágoras.

⁴² É interessante transcrever a introdução que Glauco faz antes de iniciar a narrativa, pois ele parece descrever o pensamento do Lorde das Trevas nas palavras de um dos seus servos: “Eu era um rapaz tolo naquela época, cheio de ideia ridículas sobre o bem e mal, só existe o poder, e aqueles que são demasiado fracos para o desejarem.” (ROWLING, 2000, p. 210).

poder pode despertar, ampliar ou mostrar no ser humano. E quanto maior poder, mais é perigoso que ele caia em mãos erradas ou que esteja concentrado⁴³.

O abuso de poder continua sendo tema em outras metáforas presentes no texto de Platão:

É que julgas que os pastores ou os boieiros velam pelo bem das ovelhas ou dos bois, e que os engordam e tratam deles com outro fim em que não seja o bem dos patrões ou o próprio. E mesmo os que governam os Estados, aqueles que governam de verdade, supões que as suas disposições para com os súditos são diferentes das que se têm pelos carneiros, e que velam por outra coisa, dia e noite, que não seja tirarem proveito deles? (PLATÃO, 1949, p.32).

Aqui vemos novamente o texto de Platão ou no caso o seu personagem Trasímaco fazendo analogia, falando metaforicamente e/ou alegoricamente. E se trata de uma alegoria bastante interessante sobre o poder, que poderia ter saído de alguma corrente marxista, anarquista ou até feminista, na qual existe essa percepção do poder como controle, dominação e exploração⁴⁴.

Mas a maneira mais fácil de aprenderes, é se chegares à mais completa injustiça, aquela que dá o máximo de felicidade ao homem injusto, e a maior das desditas aos que foram vítimas de injustiças, e não querem cometer atos desses. Trata-se da tirania, que arrebatava os bens alheios e ocultava pela violência, quer sejam sagrados ou profanos, particulares ou públicos, e isso não aos poucos mas de uma só vez. Se alguém for visto a cometer qualquer destas injustiças de per si, é castigado e recebe as maiores injúrias. Efetivamente a quem comete qualquer destes malefícios isoladamente, chama-se sacrilégio, gatuno, espoliador, ladrão. Mas se um homem, além de se apropriar dos bens dos cidadãos⁴⁵, faz deles escravos e os torna seus servos, em vez de epítetos injuriosos, é qualificado de feliz e bem-aventurado, não só pelos seus concidadãos, mas por todos os demais que souberam que ele cometeu essa injustiça completa. (PLATÃO, 1949, p. 33).

Apesar dessa fala não vir de Sócrates e mesmo que ele discorde de Trasímaco, que tenta lhe mostrar que a injustiça é mais vantajosa que a justiça, isso não quer dizer que Sócrates discorde de todo o conteúdo de sua fala e no decorrer da obra vemos claramente que ele não o faz. O problema está na conclusão de que é mais vantajoso ser injusto, por isso, é o que deve ser escolhido quando não é possível ser julgado tanto pelo fato de não ser descoberto ou de ser muito poderoso e poder levar vantagem. Todavia com relação à tirania, Platão provavelmente utiliza a fala de Trasímaco para mostrar toda a cegueira das pessoas com

⁴³ Uma fábula mitológica atual que provavelmente foi inspirada no mito acima é a saga de filmes mais premiada, baseada em uma das sequências de livros que está entre os mais vendidos da história da humanidade, *O Senhor dos Anéis*. A história deste best-seller também envolve um anel de poder, que uma das facilidades que ele oferece é também a invisibilidade. A narrativa nos traz uma grande reflexão sobre como o poder é capaz de corromper o ser humano, pois vemos grande mudança de comportamento nas pessoas que se aproximam do anel do poder.

⁴⁴ J.K Rowling nos mostra preocupações semelhantes sobre a capacidade devastadora do poder. Também mostra medidores parecidos com o Anel de Gíges, *As Relíquias da Morte* (mais sobre elas no próximo capítulo).

⁴⁵ Um dos primeiros sinais da tirania de Voldemort foi se apropriar de objetos que considerava valiosos.

relação ao poder como os maus atos são aceitáveis, ou até mesmo louváveis, quando há um “status”, quando realizados por uma elite.

Provavelmente para alguns escravizar ou explorar seja mais perdoável que roubar, porque os escravos não têm forças para lutar, ou não se percebem escravos e/ou servem a uma cadeia, um sistema que não permite que se libertem e/ou acham que um dia poderão ter seus servos para escravizarem também⁴⁶, como sugere Trasímaco, que seja a vontade da maioria (praticar a injustiça).

Até mesmo, quando o texto de Platão não é especificamente sobre política há muitas vezes a crítica à tirania embutida de alguma forma. Como ocorre no mito alegórico da parelha alada, contido no *Fedro*, que apesar de ser um livro mais destinado a questão do amor e da retórica, não deixa de atacar a tirania e colocá-la do lado oposto da filosofia/sabedoria. Na última parte do mito, que é bastante longo, Sócrates separa as almas humanas que vivem na Terra em nove. A alma que teve a mais ampla visão no outro plano está destinada à: “[...] amar o saber, ou a amar o belo, ou ser devoto às Musas e às coisas do amor.”, já a nona a mais limitada será: “um tirano” (PLATÃO, 2016, 102). No final da obra *A República* também há um mito sobre o além que coloca o tirano como a pior das almas.

Essa parte dos mitos está de certa forma relacionada com a tripartição da alma feita na obra *A República*⁴⁷. Na qual a alma é dividida da seguinte forma: a parte mais baixa está localizada no ventre é conhecida como apetitiva ou “[...] concupiscência, devido à violência dos desejos relativos à comida, à bebida, ao amor e a tudo quanto o acompanha; e chamámo-lhe amiga do dinheiro, porque é sobretudo com dinheiro que se satisfazem os desejos dessa espécie.” (PLATÃO, 1949, p. 426). A mediana localizada no coração conhecida como irascível: “Pois então! E a parte irascível (emocional e instintiva), não diremos que está sempre a tender, toda ela para dominar, vencer e ter fama?” (PLATÃO, 1949, p. 426). Já a parte mais elevada localizada na cabeça é conhecida como racional: “Mas, realmente, quanto à parte pela qual aprendemos, é evidente para toda a gente que toda ela tende sempre para o conhecimento da verdade, e é de todas aquelas a que menos importam a riqueza e a fama?” (PLATÃO, 1949, p. 427).

⁴⁶ O escravo não se percebe escravo como os comensais, que pensam estarem em igualdade com o Lorde das Trevas, porém quando não servem mais em sua jornada de ascensão ao poder são descartados. São escravos que escravizam a outros.

⁴⁷ Como mostra Droz (1997, p.53 e 54).

É claro que o melhor é que o cocheiro guie os cavalos e não o contrário⁴⁸, é melhor que o homem controle o leão⁴⁹ ou a serpente⁵⁰, que vivem dentro dele e não convém que seja dominado por eles. Quando alguém escolhe a injustiça, porque enxerga utilidade nela é como se alimentasse uma fera dentro de si e enfraquecesse o homem. Já quando se escolhe ser justo fortalece o homem e domina a fera, fazendo do leão seu aliado. “A honestidade submete a parte animalesca da nossa natureza à parte humana, ou, talvez melhor ainda, à divina, ao que a desonestidade escraviza a parte domesticada à selvagem?” (PLATÃO, 1949, p. 443). No entanto, para ter uma alma equilibrada e fazer prevalecer a parte humana, ou melhor, a parte divina é necessária uma boa educação.

Sócrates se preocupa principalmente com a educação dos guardiões e do rei-filósofo, sendo o último o que consegue alimentar melhor a parte racional da alma. No entanto, apesar dos guardiões (que guardam a cidade) precisarem estar preparados para o combate, eles não devem almejar a violência. Dessa forma, da mesma maneira em que precisam ter coragem, também necessitam de gentileza e temperança. Quando Sócrates está a expor as qualidades que um guardião deveria ter, ele questiona: “Onde acharemos um feitio doce e impetuoso ao mesmo tempo?” (PLATÃO, 1949, p.83).

Esperava de um guardião alguém que não fosse violento, mas que estivesse pronto para se sacrificar, se fosse necessário, em favor do povo.⁵¹ “E para eles serem corajosos? Porventura não se lhes devem dizer palavras tais que façam com que temam a morte o menos possível?”⁵² (PLATÃO, 1949, p.101)

Mas para Sócrates, os mais alinhados à liderança são os sábios, aqueles que alimentam mais a parte racional da alma (acima dos instintos, emoções e desejos). Esses deveriam governar, os filósofos que buscam o bem, a verdade e não ganhos pessoais. A questão é que esses, que deveriam governar, não o querem geralmente. “Ora a verdade é que convém que

⁴⁸ Metáfora presente no *Fedro* no mito da parelha alada.

⁴⁹ Essa metáfora presente na obra *A República* também está presente em *Harry Potter*, pois Harry diz ter que controlar o leão em seu peito. Coincidentemente ou não (provavelmente não) Harry fazia parte da Grifinória, casa cujo símbolo era um leão.

⁵⁰ A metáfora contida na *República* também aparece em *Harry Potter*, mas dessa vez a cobra domina o homem tanto é que simbolicamente Voldemort vai ficando com uma aparência ofídica, quanto mais ele pratica o mal. Quando jovem ele pertencia a casa da Sonserina, cujo o símbolo era uma cobra.

⁵¹ Harry chega a se entregar para ser morto, quando soube que era preciso. Mais sobre isso no próximo capítulo.

⁵² Outra história recente bastante marcante e cheia de alegorias é *Pantera Negra*. No final do filme o personagem Killmonger afirma: “Jogue-me no oceano com meus antepassados que pularam dos navios, porque sabiam que a morte era melhor do que a escravidão.” Obviamente está é uma referência direta a escravidão longa e cruel, que os negros sofreram em diversos países. Quando eram transportados, por meio de navios, de suas casas até seus cativéis. No entanto, a principal relação aqui parece ser de prioridades: “por crianças e por homens que de devem ser livres, e temer a escravidão mais do que a morte” (PLATÃO, 1949, p.103).

vão para o poder aqueles que não estão enamorados dele.” (PLATÃO, 1949, p.325). O que é preciso para que os adequados ao cargo governem, já que não é algo que eles almejam?

[...] os bons homens não querem governar nem por causa das riquezas, nem por causa das honrarias [...]. Ora o maior dos castigos é ser governado por quem é pior do que nós, se não quisermos governar nós mesmos. É com receio disso, me parece, que os bons ocupam as magistraturas quando governam; e então vão para o poder, não como quem vai tomar conta de qualquer benefício, nem para com ele gozar, mas como quem vai para uma necessidade [...] o verdadeiro chefe não nasceu para velar pela sua conveniência, mas pela de seus súditos (PLATÃO, 1949, p.38).

Então, o que deve governar é aquele que não deseja e sim o faz por ser sua obrigação, por ter recebido uma educação filosófica. Sendo como o homem que se liberta da caverna e enxerga a luz e, por isso, percebe que precisa voltar e tentar libertar seus companheiros, ou melhor, que necessita trazer a reflexão sobre a libertação para que os mesmos possam escolher se libertar das trevas da ignorância. “[...] aguentarão os embates da política, e assumirão cada um deles a chefia do governo, por amor à cidade, fazendo assim, não porque é bonito, mas porque é necessário” (PLATÃO, 1949, p.358).

Os filósofos então iriam para o poder principalmente para tirar o tirano de lá ou para evitar que ele ocupe esse lugar.

[...] disputam o poder, como se ele fosse um grande bem. Mas a verdade é esta: na cidade em que os que têm de governar são os menos empenhados em ter o comando, essa mesma é a melhor e mais pacificamente administrada, e naquela em que os que detêm fazem o inverso, sucederá o contrário (PLATÃO, 1949, p.324).

O tirano tem motivações egoístas e egóicas, o que não é adequado a quem têm como função cuidar do coletivo. “Esqueces-te novamente, meu amigo, que à lei não importa que uma classe qualquer da cidade passe excepcionalmente bem, mas procura que isso aconteça à totalidade.” (PLATÃO, 1949, p.323).

Esse homem de viés ditatorial quer sempre prevalecer sobre todos, tanto o seu contrário como o seu semelhante. Isso não quer dizer, que ele não tenha habilidades sociais de convencimento, uma delas é a bajulação de outros tiranos ou de pessoas que tenham algo que ele precisa. E ele cada vez precisa de mais, sua alma desregulada onde o irascível controla a razão, faz dele uma fera faminta. “Logo, na verdade, e ainda que assim não pareça a alguns, o tirano autêntico é um autêntico escravo, de uma adulação e servilismo extremo, lisonjeador dos piores; incapaz de satisfazer de algum modo os seus desejos, mostra-se muito carecido de quase tudo e pobre de verdade” (PLATÃO, 1949, p. 424).

O fato de serem bajuladores ou de muitas vezes conseguirem reunir seguidores em torno de si, não quer dizer que desenvolvam verdadeira afeição ou amizade. “Atravessam toda a sua vida sem serem amigos de ninguém, sempre como déspotas ou como escravos de

outrem, sem que a natureza do tirano possa jamais provar a verdadeira amizade e liberdade” (PLATÃO, 1949, p. 417). As suas relações estão associadas à conveniência, ao medo e a ignorância (que por vezes leva a uma idolatria e fé cegas). “Não é verdade que quanto mais os concidadãos o odiarem, devido ao seu procedimento, tanto mais ele precisará de lanceiros mais numerosos e mais fiéis?” (PLATÃO, 1949, p. 403).

Então, é com a ajuda de servos bajuladores que se espelham em sua tirania, pois também são tiranos com menos poder para exercer a tirania, contribuindo para que o tirano chegue e se mantenha no poder, todavia não somente com a ajuda deles, mas também pela ignorância do povo.

Porém quando num Estado há muitas pessoas desse jaez, e são muitos os que as seguem, e eles se apercebem do seu número, então são esses os que, com a cumplicidade da estupidez do povo, geram um tirano, que será aquele que, dentre todos, albergar na sua alma o tirano maior e mais completo (PLATÃO, 1949, p. 416-417).

O povo que boa parte das vezes é cheio de opiniões sobre tudo, mas ficam todas na superficialidade. “E a opinião diremos nós a julgar pelas aparências?” (PLATÃO, 1949, p. 259). São as sombras no fundo da caverna “[...] diremos que têm opiniões sobre tudo, mas não conhecem nada daquilo sobre o que emitem” (PLATÃO, 1949, p. 263). Esse mesmo povo acostumado a suas correntes, quando está em uma democracia, por ignorância, acaba por escolher um tirano, colocando fim à democracia, pois aprenderam a amar suas correntes. “O povo ao tentar escapar ao fumo da escravatura de homens livres, há de cair no fogo do domínio dos escravos, revestindo, em vez daquela liberdade ampla e despropositada, a farda mais insuportável e mais amarga, a da escravatura dos escravos” (PLATÃO, 1949, p.407).

Isso porque boa parte da população também não tem a alma bem administrada e não valoriza aquilo que eleva a alma. “Logo, quando numa cidade se honra a riqueza e os ricos, a virtude e os bons são menos considerados” (PLATÃO, 1949, p.373). Quando a parte que valoriza em si mesmo não é o conhecimento, como poderá valorizar isso nos outros? Como poderá dar o leme do navio para aquele com motivações que ele desconhece ou desvaloriza?

Aqueles que colocam o tirano no poder geralmente possuem motivações parecidas: ignorância, uma alma mal administrada, o medo e a violência. “[...] conseguem-no pela força armada, ou então mesmo antes de chegar a esse ponto, implantam esse governo pelo medo” (PLATÃO, 1949, p. 374). E é claro, assim como quase todas as coisas têm raízes na educação e na infância, há também a motivação das influências, principalmente de formação do caráter nos primeiros anos, que está relacionada aos pais, mas também ao senso comum, cultura e religiosidade de sua época.

E nessa questão também consiste a crítica de Sócrates aos poetas e ao fato de suas fábulas serem contadas aos jovens ainda em formação.

“E elogia a tirania como se nos igualasse aos deuses, e outras coisas do gênero, quer ele, quer outros poetas. Por isso, os poetas trágicos, na sua qualidade de sábios, hão de perdoar a nós e àqueles que têm um governo próximo do nosso, por não os recebermos na nossa cidade, devido a serem encomiastas da tirania” (PLATÃO, 1949, p.405).

E dessa forma o povo eleva ao poder pessoas violentas e sem postura, essas não são adequadas para a política. As maldades de todo tipo, deslealdades, injustiças, impiedades e hostilidades crescem quando o tirano chega ao poder. Não poupará meios para alimentar a fera (que têm dentro de si) que é ambiciosa, tem gosto por honrarias, quer evidenciar-se. “O tirano ousará exercer violência sobre o pai, e bater-lhe, se ele não obedecer?⁵³” (PLATÃO, 1949, p. 406).

Aquele que pende para a tirania só usa a lei quando é conveniente, porém não a respeita, pois acredita ser maior que ela. “Fogem da lei como as crianças do pai, porque foram educados, não pela persuasão, mas pela violência.” (PLATÃO, 1949, p. 369). Aqui é perceptível novamente a ideia de que a raiz de tudo isso é uma má educação.

O povo que subestima o conhecimento não caminha para o bem. O povo que escolhe alguém dominado por seu lado irascível, será dominado pela violência e pela guerra. “Um tirano tem sempre necessidade de desencadear guerras.” (PLATÃO, 1949, p. 402). Tanto para que a população tenha a impressão que necessita de um líder, como também para que, estando na miséria abarrotada de impostos para pagar, não venha a tramar contra ele. Então, a sociedade que entrega o anel, o leme do navio aos ditadores, insiste em permanecer na caverna, pois não dá ouvidos aos filósofos, pelo fato de os considerarem loucos, pelo fato de estar apegada demais às sombras e caminhando para a própria destruição.

Todos esses mitos alegóricos, presentes no texto de Platão, ajudam a educar pela imaginação, são fábulas de significados, apreciações e usos inúmeros, mas um deles é a educação política.

Que essa abordagem pela ficção possa fazer conhecido e amado um Platão cujo gênio poético não fica nada a dever ao rigor teórico! Isso, se concordamos em reconhecer à poesia seu verdadeiro status e toda a sua dignidade: não uma outra maneira agradável e sedutora, de exprimir um pensamento que já lá se encontra, mas a expressão do que, precisamente, não se pode dizer na linguagem da racionalidade; expressão do que está, ao mesmo tempo, aquém e além do pensamento conceitual; expressão do inconcebível. Entre *logos* e *mythos*, Platão não fará escolha, pois ele sabe, ou sente muito bem, sua necessária complementariedade. Platão é, indissolivelmente e no seu sentido mais nobre, filósofo e poeta. Ou, no sentido grego filósofo e músico. (DROZ, 1997, p.16).

⁵³ Voldemort assassina o próprio pai. Mais sobre isso no próximo capítulo.

Afinal, se Platão mostra o mito (em forma de alegorias/metáforas) para sensibilização didática em seu discurso, ou se o mito e a narrativa são o próprio discurso, não seria esse um dos caminhos para sensibilizar os jovens para o filosofar em sala de aula? Existem outras metáforas capazes de trazer reflexões filosóficas e despertar o interesse dos alunos ao mesmo tempo? Há outra maneira de ensinar a filosofia trazendo a reflexão de forma não dogmática e pragmática? Sim, um outro possível caminho é a alegoria, o mito, a metáfora. O outro caminho seria o desvelar do entretenimento que cativa os alunos, como por exemplo, *Harry Potter*.

2. HARRY POTTER E A HISTÓRIA FILOSOFAL

Em 2008 J.K Rowling, autora de *Harry Potter* e primeira escritora a ficar milionária vendendo livros, foi convidada a palestrar em Harvard⁵⁴. Em sua fala conta que quem discursou em sua formatura foi uma filósofa, a baronesa Mary Warnock, e que não se lembrava de uma palavra do que a pensadora havia dito e isso moldou de certa forma o que Rowling falou para encorajar aqueles jovens. Claro que isso pode ter sido somente uma piada, mas vamos imaginar que não foi para podermos refletir sobre algumas questões.

A coletânea de textos *Harry Potter e a Filosofia*, nos mostra algo que para olhares menos atentos pode não ter relação com o acontecimento acima, mas é essencial para o filosofar olhar para além da superficialidade. Logo no início da obra, é dada a informação que nos Estados Unidos o nome do primeiro livro, dessa saga inglesa, foi alterado de *Harry Potter e a Pedra Filosofal* para *Harry Potter e a Pedra Mágica*, pois em algum momento, os responsáveis pela adaptação daquele país, temeram que o termo, filosofia, afastasse os leitores. O que tanto essa mudança de nome, como a falta de recordação de Rowling sobre o discurso da pensadora têm a dizer? Será que *Harry Potter* ou a autora da obra estão dissociados da filosofia, como esses acontecimentos podem fazer parecer?

O temor a respeito do nome não se confirmou válido, afinal *Harry Potter* fez um sucesso tremendo em boa parte do globo e a maior parte manteve o nome original dado pela autora *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. Além disso, alterar um nome não altera o conteúdo da coisa, afinal, a lenda em torno da tal “pedra filosofal” é anterior a *Harry Potter* e já tinha esse nome. Sem contar que, como já foi dito na introdução, os livros de Rowling não trazem uma filosofia formal, porém estão repletos de histórias que geram reflexões filosóficas.

Já com relação à fala de Rowling em Harvard, é preciso analisar um pouco. Rowling inicia seu discurso demonstrando o quanto estava ansiosa e nervosa por estar ali, tenta então aliviar a tensão com algumas “piadas” e falar que não se lembrava da fala de quem discursou em sua formatura tira o peso de sua própria fala.

Mais à frente nesse mesmo discurso a autora mostra, que o distanciamento da filosofia não existe, afinal ela mesma depois de suas referências e piadas iniciais parte para um

⁵⁴ Disponível em: < <http://maioresdiscursos.blogspot.com/2018/11/discurso-j-k-rowling.html#:~:text=Discurso%20de%20JK%20Rowling%20na,o%20poder%20de%20imaginar%20melhor.%2022> Acesso em: 20/08/2019.

discurso bastante reflexivo com reverência a sabedorias antigas, a empatia, ao esforço e a luta contra autoritarismo e como a imaginação pode ajudar nisso. Também cita os filósofos Sêneca e Plutarco. Se não existe aversão pela filosofia, qual o motivo do discurso da filósofa não ter se fixado?

E mesmo que tenha sido apenas um recurso cômico, que provavelmente foi, também existe a possibilidade de usarmos esse acontecimento como uma metáfora para o possível desinteresse, não de J.K Rowling, pois dá parte dela não há, e sim de muitos jovens que se deixam levar pelo senso comum, jovens que, supostamente, levaram à mudança do nome do primeiro livro nos Estados Unidos. Será que a filosofia não está alcançando os jovens como deveria a ponto da editora ter medo de usar o termo filosófico?

É costumeiro que parte da tradição filosófica venha a se orgulhar de que ela seja algo difícil, que demande um pesado esforço e que seja algo alcançável para poucos. E é provável que isso esteja correto em certa medida, mas por esse caminho se complica a manutenção da filosofia como disciplina no ensino médio. Talvez por um momento, seja necessário aos filósofos se debruçarem em sua tarefa de professor de filosofia. Não é pretendido banalizar a filosofia, mas partir de um ponto acessível à juventude mais despreparada ou mais entediada diante dos grandes textos e dos discursos que aparentemente estão muito distantes de sua realidade (só aparentemente).

É claro que essa questão tem raízes muito mais profundas e seria completamente injusto responsabilizar os filósofos e professores de filosofia, que também acabam sendo vítimas de um sistema educacional fragilizado. É preciso levar em conta a desvalorização proposital da disciplina, por alguns dos agentes políticos, históricos e atuais, que detêm ou detiveram o poder. Afinal, faz pouco tempo que a filosofia voltou para o currículo escolar brasileiro, após ser retirada no período ditatorial, e seu regresso foi “a conta gotas”.

Nas escolas estaduais de Mato Grosso do Sul, há apenas uma aula de filosofia por semana em cada turma e só começam a partir do primeiro ano do ensino médio, o que dificulta não só o aprofundamento do conteúdo como também, muitas vezes, uma real conexão com o aluno. Além dos outros problemas gerais, que permeiam principalmente a educação pública, como vulnerabilidade social, desamparo familiar, falta de investimento, dificuldade de aprendizagem, que todas as áreas do conhecimento enfrentam para acessar o desenvolvimento juvenil.

É claro que esses problemas não serão resolvidos com “um passe de mágica” mesmo que para essa mágica fosse utilizada a Varinha das Varinhas⁵⁵, entretanto é preciso que o professor busque maneiras para derrubar algumas dessas barreiras, ainda que seja uma tarefa ingrata, injusta e muitas vezes solitária. Ser professor passa pela necessidade de se importar com o que incentiva, atrai e sensibiliza seu aluno. O que passa não só pela docência, mas também pela própria filosofia.

‘A filosofia é deslumbramento’, disse Platão. O seu mistério e sua maravilha raramente são perdidos em uma criança. Os jovens não precisam que alguém lhes ensine a curiosidade filosófica. Ela vem naturalmente quase ao mesmo tempo em que aprendemos a falar, o mundo e seus mistérios encantam a nossa imaginação. Quem sou eu? Por que estamos aqui? Quem criou Deus? A luz da geladeira realmente apaga quando fechamos a porta? As crianças nascem filósofas. Geralmente, apenas os esforços combinados dos adultos – compreensivelmente cansados de responder aos seus ‘porquês’ – podem sufocar a paixão da criança pelo entendimento. Nenhuma obra da literatura popular fez mais nos últimos anos para nos lembrar de como é ser criança do que a série Harry Potter. Nenhum livro fez mais nos últimos anos para espalhar e estimular o interesse pela filosofia [...] (IRWIN, 2004, p. 14).

Aqui, a coletânea de textos *Harry Potter e a Filosofia*, logo em sua introdução, tenta mostrar ou relembrar que a curiosidade filosófica é algo inerente à criança e que é perdida pela impaciência dos adultos. Mas será que a filosofia formal, que é aprendida mais tarde por eles na escola, resgata o que se perdeu?

É uma pergunta que não pode ser respondida com exatidão, pois existem diferentes sistemas educacionais e diferentes indivíduos reagindo de distintas maneiras aos estímulos que recebem. O que sabemos é que se isso acontece, levando em conta as experiências de diferentes docentes e a relevância dada à filosofia com relação a outros componentes curriculares, não é em grande escala. Então, se faz necessário pensar novas estratégias para ajudar na sensibilização dos jovens para introduzir o filosofar e, utilizar os mitos alegóricos presentes no desvelamento do entretenimento, talvez seja um caminho e sem dúvida um dos maiores dos últimos tempos é *Harry Potter*.

A filosofia convida-nos a revisitar a infância, favorecendo nosso deslumbramento de olhos bem abertos. [...]. Assim como o Harry Potter nos fez lembrar de como é ser criança [...]. As obras de Rowling com certeza não são escritas como tratados filosóficos, mas estão repletas de significado filosófico. Elas não são apenas histórias interessantes e bem contadas, mas são também emocionais, imaginativas e intelectualmente atrativas. Isso as torna um mapa útil para conduzir os leitores através de um terreno com contínuas paisagens filosóficas. (IRWIN, 2004, p. 15).

Harry Potter é um bom exemplo de caminho alegórico não só pelas reflexões filosóficas presentes em suas páginas, mas principalmente porque é necessário resgatar aquela

⁵⁵ Em *Harry Potter* os bruxos utilizam varinhas para canalizar a magia, a varinha das varinhas é tida como a mais poderosa de todas.

curiosidade filosófica que está presente nas crianças. Por isso, faz-se necessária uma obra que permeie o imaginário juvenil, mas que por outro lado não seja demasiadamente infantilizada ao ponto de afastar os adultos, algo capaz de produzir sensibilização em praticamente todas as idades. Afinal, os principais públicos de Harry Potter, hoje, são jovens e adultos. Se uma criança que teve contato com Harry Potter voltar a ter contato com a saga com mais idade será outra experiência, conseguirá aprofundar-se em nuances que não alcançava quando era mais novo.

Claro que mesmo a fantasia não vai alcançar a todos, principalmente se tratando dos livros, afinal conhecendo o público do ensino médio percebe-se uma série de dificuldades que já foram mencionadas acima. Então, ainda que não seja possível iniciar a todos na leitura, por intermédio de *Harry Potter*, há outro recurso mais simples, os filmes.

A imagem talvez seja considerada um recurso simplista, tratando-se de filosofia, todavia se faz necessário partir de algo e pelo menos de início, simplificar para alcançar os simples. Um questionamento que pode ocorrer é: se os mitos alegóricos como *Harry Potter* são capazes de trazer reflexões filosóficas, qual a necessidade de um professor ou de aulas? E a resposta é que alguém precisa fazer a ponte entre o simples e o complexo, alguém precisa guiar o aluno a lançar um segundo olhar sobre algo que, para olhares mais desatentos, é apenas uma história de aventura e fantasia.

Ao professor também compete enriquecer o mito alegórico, relacionando-o com os clássicos da filosofia e levantando pontos de reflexão concatenados à realidade e acolhendo e desenvolvendo os levantados pelos alunos. É preciso ter em mente que esse é um trabalho de sensibilização que cabe ao mestre e deve também partir do interesse do aluno para que aja um aprofundamento para uma filosofia mais formal, clássica e que apesar das dificuldades e do rigor teórico não deixa de ser necessária. Afinal, as buscas por coisas grandiosas geralmente não são simples e Harry Potter nos confirma isso em sua longa e difícil jornada, todavia essas mesmas coisas quando conquistadas são transformadoras.

2.1 Níveis ordinários de magia⁵⁶: uma breve sinopse para os não conhecedores da saga *Harry Potter*

Harry Potter é deixado na porta de seus tios ainda bebê, eles o criam, sempre o preterindo com relação ao filho deles. Enquanto Duda (o filho) é mimado e ganha passeios e

⁵⁶ O título faz referência aos exames intermediários realizados em Hogwarts.

inúmeros presentes em seu aniversário, Harry mora em um armário embaixo da escada, faz as tarefas domésticas e não recebe sequer felicitações quando completa mais um ano. Até que um dia algo muda sua vida e sua percepção sobre a realidade.

O pobre menino órfão passa a receber insistentes cartas, que seus tios não deixam chegar até ele. Quem estaria mandando cartas para alguém tão desassistido? E as cartas não eram o mais estranho, mas sim o fato dessas serem entregues por corujas. Já que os tios de Harry não o deixam receber as cartas, o meio-gigante Hagrid⁵⁷ aparece pessoalmente para entregá-la a Harry. Então, em seu aniversário de onze anos, o garoto, que até então só havia recebido maus-tratos, recebe um presente mágico, pois descobre que é um bruxo e que vai para a escola de magia e bruxaria Hogwarts.

A caminho da escola, Potter já conhece aqueles que serão seus companheiros por uma longa jornada: o divertido Rony⁵⁸ e a inteligente Hermione⁵⁹. Outra descoberta de Harry é que ele, na verdade, era famoso pelo fato de ter sobrevivido ao ataque de um dos bruxos mais poderosos e maléficos de todos os tempos, tão terrível que as pessoas temiam pronunciar seu nome. Você sabe quem, aquele que não deve ser nomeado, Lorde das Trevas, eram todos codinomes dados a um único bruxo, Voldemort. O nome Voldemort foi criado por Tom Marvolo Riddle que não aceitava um nome comum, ainda mais porque era igual ao de seu pai, um trouxa.

Voldemort desejava o poder e para obter isso, aproveitou-se dos preconceitos de uma suposta elite bruxa. Que acreditavam em pureza de sangue e defendiam que os bruxos não deveriam se relacionar com os “trouxas” (pessoas sem magia) e também não aceitavam os nascidos trouxas (bruxos que apesar de terem pais trouxas nasceram bruxos, provavelmente por causa de ancestrais dotados de magia). Essa elite dotada de preconceitos costumava

⁵⁷ Apesar de excluído pela maioria, Hagrid (o guarda-caça) goza da inteira confiança de Dumbledore. Hagrid carregou Harry em seus braços, quando o bruxinho era ainda bebê, depois da morte de seus pais. Anos mais tarde Hagrid, inconsolável, carregou novamente o corpo de Harry (durante a segunda guerra bruxa), pensando que seu amigo estava morto.

⁵⁸ O cômico Ronald Weasley. Apesar de ser o único dos três que é considerado “sangue puro” não recebe grande consideração (claro que é mais do que Hermione), pois sua família é considerada “traidora do sangue”, por se envolver com “trouxas” e “nascidos trouxas” e por ser bastante pobre. Rony tem seis irmãos: Percy, Gui, Carlinhos, Fred, Jorge e Gina. E é filho de Molly Prewett e Arthur Weasley, ambos membros da ordem da Fênix (uma organização de resistência ao Lorde Voldemort do qual os pais de Harry também faziam parte, antes de falecerem).

⁵⁹ Hermione Granger é premiada por sua incrível capacidade lógica. A maior magia da melhor amiga de Harry são os livros, está geralmente bem à frente de seu tempo e dessa forma vive salvando seus amigos através do conhecimento. Hermione sofreu perseguição e tortura não só por fazer parte do movimento contra Voldemort, mas porque era filha de trouxas e, para os preconceituosos, “sangue ruim”. “A bruxa mais inteligente de sua idade” dedicou boa parte da sua vida à solitária tarefa de tentar melhorar a vida dos elfos domésticos até se tornar Ministra da Magia (o cargo político mais alto do mundo bruxo).

chamar os nascidos trouxas com um termo racista: “sangue ruim”. Lorde das trevas, então, inflamou esse discurso de ódio e dessa forma conseguiu reunir um espectro de seguidores, os comensais da morte.

Com a ajuda desses seguidores, Voldemort torturou, perseguiu e matou muitos a quem considerava inferiores e também aqueles que se colocavam em seu caminho. Os pais de Harry faziam parte desses que foram assassinados por atravessar seu caminho. Lilian e Tiago Potter⁶⁰ foram mortos em frente a Harry, quando era ainda um bebê, ambos faziam parte de uma organização conhecida como Ordem da Fênix, que havia se unido contra o Lorde das Trevas. Pelo fato do bebê Harry ter sido o único que sobreviveu ao ataque, ele ficou conhecido no meio bruxo como “o menino que sobreviveu”. A questão era que o Lorde das Trevas na verdade tinha ido atrás de Harry por causa de uma profecia:

‘Aquele com o poder de vencer o Lorde das Trevas se aproxima... nascido dos que o desafiaram três vezes, nascido ao terminar o sétimo mês... e o Lorde das Trevas o marcará como seu igual, mas ele terá um poder que o Lorde das Trevas desconhece... e um dos dois deverá morrer na mão do outro pois nenhum poderá viver enquanto o outro sobreviver... aquele com o poder de vencer o Lorde das Trevas nascerá quando o sétimo mês acabar...’ (ROWLING, 2015e, p. 680).

No entanto, ele só havia ouvido parte dela “Aquele com o poder de vencer o Lorde das Trevas se aproxima... nascido dos que o desafiaram três vezes, nascido ao terminar o sétimo mês [...]” (ROWLING, 2015e, p.680), pois seu informante só conseguiu escutar metade. Sem ter o conhecimento da profecia total e sem buscar esse conhecimento antes de tomar atitudes, o Lorde das trevas acaba por realizá-la. No estilo “mata antes e pergunta depois”, típico de tiranos. Segundo o professor Dumbledore, ele mesmo criou seu próprio inimigo. O fato é que o destino, ou as mãos do tirano e a latente fome de justiça de tentar livrar o mundo de alguém sem escrúpulos e sedento de poder marcaram a vida de Harry.

Durante o ataque aos Potter, aquele que não deve ser nomeado foi derrotado, mas ao contrário do que muitos pensavam, ele não estava morto ou pelo menos, boa parte dele não estava. Na verdade, quando Lorde Voldemort atacou Harry, ainda bebê, se deparou com um

⁶⁰ Os marotos eram compostos por Remo Lupin (Aluado); Pedro Pettigrew (Rabicho); Sirius Black (Almofadinhas) e Tiago Potter (Pontas). Os amigos de escola conhecidos por suas travessuras são os criadores do mapa do maroto (objeto mágico que mostra em tempo real as pessoas e os lugares em Hogwarts), o qual ajuda Harry em suas aventuras pelo castelo. Aluado era lobisomem e seus amigos para ajudarem a tornar suas noites de lua cheia menos difíceis e solitárias, tornaram-se animagos (bruxos que são capazes de se transformar em um animal sem o uso da varinha) ilegais. Acabaram por entrar todos na Ordem de Fênix, mas Pettigrew os traiu, entregando a localização dos Potter para Voldemort, sem deixar saberem que foi ele, pois incriminou Sirius. Depois de inocentado (de certa forma) Sirius teve pouco tempo para ficar junto do afilhado Harry, já que foi morto e uma das motivações, que o levou a morte foi a indiferença com o rabugento elfo de sua família, Monstro.

poder que não conhecia. Quando Lilian, mãe de Harry sacrificou-se por ele, ela criou para seu filho uma proteção e dessa maneira não pôde ser tocado. O Lorde das trevas, que nunca havia conhecido o amor, foi derrotado por ele, pelo menos temporariamente.

Enquanto Potter cresce dividindo sua infância e adolescência entre conhecer uma nova realidade cheia de poções, encantamentos e perigos na escola de Hogwarts (dirigida pelo famoso e poderoso Alvo Dumbledore). E depois voltar para a casa de seus tios, durante as férias, casa nada parecida com um lar, aquele que não deve ser nomeado tentava retornar.

A possibilidade de retorno do Lorde das trevas existia, pois esse temendo sua própria morte repartiu sua alma por meio de magia das trevas. Criou assim, as “Horcruxes”, que se tratavam de objetos mágicos, que agora continham partes da alma do Lorde Voldemort. Você sabe quem, utilizando assassinatos pensou ter criado sete Horcruxes, não obstante, o que ele não esperava é que por acidente acabou por criar uma oitava. Na noite em que matou os pais de Harry, Lorde das Trevas acabou por deixar outra parte de sua alma presa em Harry Potter. Dessa forma, os dois estavam interligados. Mesmo o Lorde das Trevas tendo se conectado com Harry e dessa forma tendo lhe passado (inconscientemente) várias de suas habilidades, o menino que sobreviveu nunca se permitiu assemelhar-se a ele, não almejava o poder e não justificava violência extrema, mesmo quando sua vida estava em risco.

2.2 Harry Potter como Mito Alegórico nos Moldes da Obra de Platão

Revedo a definição de Droz sobre o mito platônico é possível ver a profunda relação ou até inspiração que dá a histórias como Harry Potter: “O mito se apresenta como uma narrativa fictícia: cria uma situação, conta uma história que como toda história, compreende uma ação e personagens. A forma narrativa no mito, fantasista, cômica, ou dramática, aproxima-o da fábula, da parábola, da alegoria.” (DROZ, 1997, p. 10). A história escrita por J.K Rowling é fictícia, compreende ações e diversos personagens e certamente é fantasista, cômica e dramática. E como a autora tem assumidamente um posicionamento político, que a influenciou na escrita (que inclusive já fez relação abertamente entre seus vilões e governantes autoritários) e muito desse posicionamento vem de sua própria vivência, sua experiência com refugiados e suas histórias ao combater a tirania.

Sua história, então, quer passar uma mensagem, um duplo sentido, se aproximando da fábula, da parábola e da alegoria. “O mito rompe com a demonstração dialética; interrompe o discurso conceitual e propõe-se, mais ou menos explicitamente, como um outro tipo de discurso: não mais abstrato, mas metafórico.” (DROZ, 1997, p. 10). Algo que é metafórico

carrega um significado além, um outro sentido, é permitido fazer analogias, como é possível associar Voldemort e os comensais da morte ao autoritarismo, fascismo, nazismo e elitismo.

Muitos não conseguem se aproximar ou ter uma profunda empatia, quando leem ou ouvem falar superficialmente de textos sobre opressão, todavia é diferente depois de observar toda a trajetória de Hermione e vê-la sendo torturada. Ainda que pareça estranho e até cruel que as pessoas se aproximem de personagens fictícios e não dos reais, talvez se eles pudessem entender que a Hermione é uma representação da realidade, conseguissem enxergar a dimensão de diversos problemas⁶³.

Na verdade, Hermione é uma alegoria de sofrimentos reais, que conseguem envolver o espectador, pelo fato dele parar para acompanhar sua história. Esse mesmo espectador não consegue acompanhar as histórias reais de outras meninas, que assim como Hermione sofrem diversos tipos de opressão, uma vez que quando essas histórias chegam até ele vem geralmente através dos noticiários. Ou seja, acaba que em meio a tanta informação não passa de um número (em sua mente sobrecarregada), ou quando essa informação vem em forma de educação política direta as pessoas tendem a se fechar para ela. O desvelamento da Hermione reconecta a empatia criada pela personagem para com meninas reais, que sofrem torturas reais e muitas vezes piores.

Nesse amplo leque de qualificações, duas concepções do mito parecem dominar: ou é ele uma outra explicação (por meio de imagem ou símbolo) para o conhecido, explicação mais divertida repousante, sugestiva ou pedagógica ou, então, é uma hipótese lançada sobre o desconhecido, hipótese verossímil e “suficiente” para esclarecer-nos sobre uma questão obscura, uma aposta que merece ser feita, um risco que, certamente, segundo as palavras de Fédon, vale a pena correr [...] não afirma a verdade, oferece sentido (DROZ, 1997, p.12).

Dessas duas opções a primeira é a que está mais associada à história de J.K Rowling, pois a autora mostra por intermédio de imagens de uma maneira repousante e sugestiva como o autoritarismo é ruim e como o preconceito, a hipermasculinidade, o elitismo e a desigualdade estão associados ao crescimento deste (autoritarismo). De certa forma é tão repousante que para os olhares mais desatentos facilmente se passa como mero entretenimento. “O mito contém implicitamente uma dupla intenção pedagógica: em primeiro lugar, evidentemente, porque esclarece o interlocutor em dificuldades e proporciona repouso ao espírito fatigado, ou se faz sustentáculo de uma discussão que patina e não avança.” (DROZ, 1997, p.11).

⁶³ “A imaginação não é apenas a distinta capacidade humana de visualizar aquilo que não existe, sendo assim a fonte todas as invenções e inovações. Na sua indiscutível capacidade transformar e revelar, ela proporciona-nos empatia com outros seres humanos cujas experiências jamais compartilhamos.” (ROWLING, 2008).

Nem sempre assuntos como as mazelas do preconceito e da hipermasculinidade serão bem recebidos, muitos tendem a se fechar para essas questões. Utilizar o mito alegórico, nesse caso, Harry Potter, pode produzir resultados por não ter uma abordagem direta e agressiva, mas interpretativa e reflexiva.

J. K. Rowling explica parte de sua obra em seus discursos, entrevistas e redes sociais, faz relação dos vilões com os políticos opressores, mostra sua inspiração por ter trabalhado com refugiados, por ter precisado de ajuda do governo ao ser abandonada pelo esposo tendo que cuidar sozinha da filha. Entretanto, a fábula criada por Rowling é longa, complexa e dificilmente vai se esgotar, por isso, se encaixa no mito alegórico (apesar de apresentar aspectos de outros tipos de mitos); pois ao mesmo tempo em que explica deixa muito mais em aberto para desvelamento.

Outro ponto que Platão e Rowling têm em comum é o que Benoit chama de *léxis*, que seria a forma como o texto se apresenta. Benoit trata o diálogo platônico como dramatização (BENOIT, 2001, p. 18-19), nessa perspectiva se aproxima de *Harry Potter* apesar da história do bruxo ser mais fantástica, mas isso já entra no conteúdo e não na forma. A obra *A República*, assim como a maior parte dos textos platônicos, vem em forma de diálogo, assim como *Harry Potter*. Há também narrativas durante o texto, mas em ambos os autores não aparecem diretamente. O mais curioso é que dentro do diálogo e da narrativa da obra Platônica existem mitos contados pelos próprios personagens e isso ocorre também em *Harry Potter*. O leitor agora poderia pensar, mas não é a história de *Harry Potter*, o mito? Sim, mas dentro desse mito alegórico em forma de narrativa e diálogo existe outros mitos, contados pelos personagens que interrompem a narrativa e o diálogo, como por exemplo: “O Conto dos Três Irmãos”.

Dumbledore deixa de herança a Hermione um livro, *Os Contos de Beedle O Bardo*, aparentemente apenas uma história de Contos Infantis. Descobre-se que um dos contos é particularmente importante, pois os objetos do conto realmente existem (no mundo deles) e Voldemort está interessado em um deles (a Varinha das Varinhas). O conto é “As Relíquias da Morte”.

A fábula conta a história de três irmãos que escaparam da morte, mas a mesma não ia desistir de suas almas tão facilmente, então tentou enganá-los. Fingiu cumprimentar os irmãos por sua grande astúcia e disse que cada um poderia escolher um prêmio. O mais combativo dos irmãos pediu a varinha mais poderosa, que fosse capaz de derrotar todos os duelos e inclusive vencer a morte. Outro irmão, que também era arrogante, pediu algo que tivesse a

capacidade de ressuscitar os mortos. O último dos irmãos, mais humilde e mais sábio, pediu algo que pudesse tirá-lo dali em segurança sem ser seguido pela morte.

Então a morte entregou aos irmãos respectivamente a Varinha das Varinhas, a Pedra da Ressurreição e a Capa da Invisibilidade. Cada irmão seguiu o seu caminho. O primeiro irmão usou a varinha para matar um antigo rival e se gabar para os outros de sua invencibilidade. No entanto, durante seu sono alguém roubou sua varinha e o matou. Dessa forma, a morte levou o primeiro irmão.

O segundo irmão trouxe de volta uma moça, que desejava e que havia falecido precocemente, porém ela estava fria e triste, não pertencia mais ao mundo dos vivos. Enlouquecido pelo desejo, cometeu suicídio para juntar-se a sua amada. Dessa forma, a morte levou o segundo irmão.

Já o terceiro irmão, mesmo que a morte o procurasse muito, não o encontrava. Só quando estava já em idade avançada, o último dos irmãos despiu a capa e a entregou ao seu filho. Acolheu, assim, a morte como uma velha amiga (ROWLING, 2008, p.85 até 91)⁶⁴.

Hermione lê a história na obra *As Relíquias da Morte*, mas J.K Rowling fez com que o livro *Os Contos de Beedle O Bardo*, que existe na história de *Harry Potter* também existisse na vida real (assim como outros livros que aparecem dentro da saga). *Os Contos de Beedle O Bardo* contém esse e outros contos, além de comentários de Dumbledore e notas de rodapé com reflexões da autora.

A história das Relíquias não é somente importante pelo fato dos objetos realmente existirem (no mundo bruxo) e serem perigosos, mas porque traz reflexões importantes. Se Voldemort tivesse feito essas reflexões talvez não fosse atrás da Varinha das Varinhas, ou parafraseando Dumbledore, não seria quem é.

É possível relacionar os três irmãos com a repartição da alma da obra de Platão. O irmão do meio tem a parte dos apetites mais a florada, pois ressuscita alguém por quem era apaixonado e sucumbi por causa do desesperado desejo. O mais velho tem a parte irascível mais desenvolvida, escolhe a Varinha que considera ter imenso poder e usa para exercer violência e domínio sobre os outros, sucumbe pelas disputas que cria. E o mais novo alimenta mais a parte racional da alma, não é ambicioso, ao contrário, tem humildade para buscar entender a realidade, o que o faz sábio. O único que se saiu bem tendo um objeto de grande poder, foi o que não desejou o poder e não o usou para tirar vantagem dos outros.

⁶⁴ É importante ressaltar que a história está resumida.

O que deve ocorrer a qualquer bruxo inteligente que estude a pretensa história da Varinha das Varinhas é que todo homem que afirme ter sido seu dono insistiu em sua ‘invencibilidade’, quando os fatos que se conhecem sobre sua passagem pelas mãos de muitos donos demonstram não só que ela foi vencida centenas de vezes, como atraiu tanta confusão [...] os humanos têm um pendor para escolher precisamente as coisas que lhe fazem mal. Qual de nós, porém, teria revelado a sabedoria do terceiro irmão, se lhe fosse oferecido escolher o melhor presente da Morte? Bruxos e trouxas são igualmente imbuídos de sede de poder; quantos teriam resistido à ‘Varinha do Destino’? Que ser humano, tendo perdido um ente amado, poderia resistir à tentação da Pedra da Ressurreição? Mesmo eu, Alvo Dumbledore, acharia mais fácil recusar a Capa da Invisibilidade; o que prova apenas que, esperto como sou, continuo sendo um bobalhão tão grande quanto os demais. (ROWLING, 2008, p. 102-103).

O comentário feito por Dumbledore acima traz reflexões importantes, assim como o anel de Giges, as Relíquias da Morte mostram que o poder demasiado geralmente acentua o que as pessoas têm de pior, principalmente se lhes falta sabedoria e comedimento. E quem resistiria ao poder? Ou melhor, quem faria bom uso dele?

Como Dumbledore afirmou muitos bruxos se gabaram de ter uma varinha invencível e exerceram com ela grande violência. Faz-se importante ressaltar a nota que a autora deixa a respeito do fato: “Nenhuma bruxa jamais afirmou ter sido dona da Varinha das Varinhas. Extraíam disso a conclusão que quiserem.” (ROWLING, 2008, p.102). Então, qual conclusão ou melhor qual reflexão é possível tirar disso?

2.3 Algumas Cavernas em Harry Potter: Analogias da Ignorância do Hábito

As analogias continuam. A filósofa Droz, ao explicar o mito da caverna, acaba por explicar também histórias como as dos elfos domésticos, dos comensais da morte (nesses casos sem perceber), e outros diversos tipos de opressão e ignorância, inclusive reais:

A ilusão é total – já que, desde seu nascimento, esses cativos confundem, sem o saber, a realidade com simulacros de realidade – mas, apesar de tudo, confortável: passivamente habituados a tudo receber do exterior, não têm eles mais a fazer do que se ater à opinião reinante [...] contentando-se com preconceitos (afirmações feitas antes de qualquer juízo); aceitam os boatos que circulam, as opiniões mais coerentes, os lugares-comuns em vigor, mesmo os mais sem fundamento, os mais superficiais ou mais perigosos. [...] Presas do condicionamento da intoxicação mental, estão duplamente acorrentados: primeiramente, porque vítimas; depois porque ignoram do que são vítimas. Mais escravizado ainda do que o escravo é escravo que se crê livre. (DROZ, 1997, p.78).

Essa descrição se encaixa perfeitamente na situação vivida pelos elfos domésticos que, mesmo sendo criaturas mais poderosas que os bruxos, aceitam serem subjugados, escravizados e maltratados por eles. E a justificativa que Hermione dá para isso assemelha-se

a fala de Droz: “É porque eles não têm instrução sofrem lavagem cerebral!” (ROWLING, 2015d, p. 178). Com exceção do personagem Dobby⁶⁵ (que queria ser livre), os elfos achavam que não era direito alguém como eles desejar a liberdade, inclusive passaram a excluir e a julgar Dobby depois que ele conseguiu sua liberdade (com a ajuda de Harry).

Ah, meu senhor – disse Winky, sacudindo a cabeça -, ah meu senhor, sem querer lhe faltar o respeito, meu senhor, mas não tenho muita certeza se o senhor fez um favor a Dobby, meu senhor, quando deu a liberdade a ele. [...] A liberdade está subindo à cabeça dele – disse Winky tristemente. Ideias acima da condição social dele, meu senhor. Não consegue outro emprego, meu senhor. [...] Ele está exigindo pagamento pelo trabalho que faz, meu senhor. (ROWLING, 2015d, p. 76).

Quando Harry se encontra com a elfa Winky⁶⁶, ele se depara com a estranha situação de alguém que acha correto estar em uma posição de inferioridade. Alguém que acredita ser uma elfa boa e adequada pelo fato de ser bem-mandada, nas palavras dela.

- Elfos domésticos não recebem pagamento, meu senhor! – disse ela num guincho abafado. – Não, não, não. Eu digo ao Dobby, eu digo, procure uma boa família e tome juízo, Dobby. Ele anda fazendo todo o tipo de feitiço avançado, meu senhor, o que não fica bem para um elfo doméstico. (ROWLING, 2015d, p. 76).

Apesar de Harry ficar espantado com os dizeres da elfa, quem demonstra real insatisfação e indignação com a situação deles é Hermione. Primeiramente, quando vê que a elfa não consegue correr, mesmo diante de perigo iminente, por não ter sido autorizada a isso. Depois ao ver todo o trabalho que eles realizam sem receber nada de bom em troca, somente humilhações. “-Sabem, os elfos domésticos têm uma vida duríssima! – Disse Hermione, indignada. – É escravidão, isso é que é! [...] Por que ninguém faz nada para acabar com uma situação dessas?” (ROWLING, 2015d, p. 95). Ao que Rony respondeu com notável resignação: “-Ué, os elfos são felizes, não são? – Admirou-se Rony. – Você ouviu a Winky durante a partida... ‘Elfos domésticos não devem se divertir’... é disso que ela gosta, que mandem nela...”. O que causou ainda mais indignação na garota, que acusa Rony de ser

⁶⁵ “Dobby um elfo livre”, foram essas palavras escritas em sua lápide. O elfo havia sido escravo na casa dos Malfoy, entretanto, diferente dos outros elfos queria ser livre. Ao ouvir o seu “senhor” tramar contra Harry Potter, Dobby venceu os tabus de sua raça e tentou ajudá-lo, mesmo indo contra os seus patrões. Mesmo sendo um elfo diferenciado, as marcas da escravidão em sua mente eram intensas, tanto é que toda vez que ajudava o menino Potter, ele flagelava-se logo em seguida. O elfo foi liberto por Harry e depois ganhou um emprego em Hogwarts. Escolheu suas condições de trabalho e salário, que eram bem menores do que o diretor havia proposto, o que demonstra mais uma vez as marcas da escravidão. Dobby morreu enfrentando os seus antigos patrões e salvando Harry, Rony e Hermione.

⁶⁶ “Winky a boa elfa doméstica”, como ela diz - deve-se ao fato dela servir a família Crouch com gratidão. Para elfos como Winky, as atitudes de Dobby são uma desonra. Entretanto, todo o trabalho e dedicação da elfa não são suficientes para Bartolomeu Crouch, que jogou a responsabilidade dos atos do filho nas costas de Winky e depois a mandou embora, o que para alguém tão bitolada quanto Winky foi uma desonra, o que a fez tornar-se alcoólatra.

conivente com tudo de ruim que acontece com os elfos simplesmente porque não quer se dar ao trabalho de fazer algo: “-É gente que nem você, Rony – começou Hermione com veemência -, que sustenta sistemas podres e injustos, só porque são preguiçosos demais para...” (ROWLING, 2015d, p. 95).

Quando Hermione cria o F.A.L.E (Fundo de Apoio à Libertação dos Elfos), ela faz sua descida de volta à caverna com pouquíssimo apoio, pois apenas Dumbledore estava realmente ao seu lado. “Alguns pareceram ligeiramente interessados no que a garota tinha a dizer, mas relutavam em assumir um papel mais ativo no movimento. Muitos encaravam a coisa toda como piada.” (ROWLING, 2015d, p.177). Até porque era algo que já existia há muito tempo e ninguém havia realmente se movido a respeito, “Andei pesquisando minuciosamente na biblioteca. A escravatura dos elfos já existe há séculos. Custa a acreditar que ninguém tenha feito nada contra ela até agora.” (ROWLING, 2015d, p.167).

Isso faz com que Steven W. Patterson, autor do capítulo “O Lamento de Monstro: F.A.L.E como uma Parábola da Discriminação, Indiferença e Justiça Social”, que pertence à coletânea *Harry Potter e a Filosofia*, questione:

Há muita discriminação na série de livros Harry Potter. Quase todo o tempo, a discriminação aparece no comportamento dos personagens que são indubitavelmente maus. Seja o ódio classista de Draco Malfoy contra os Weasley, o desejo racista de Voldemort em destruir todos os de “sangue-ruim”, o mau tratamento que Lucio Malfoy dispensa a Dobby e aos outros elfos domésticos, ou o desprezo xenofóbico de Dolores Umbridge por Hagrid, a mensagem é clara: a discriminação é algo praticado por pessoas más. Ninguém considerado bom discrimina os outros. Mas isso é verdade? (PATTERSON, 2004, p. 113)⁶⁷.

Quando Hermione explica sobre seu projeto aos seus amigos, Rony e Harry, não se mostram nem um pouco empolgados, mesmo Harry tendo libertado Dobby há pouco tempo, mesmo os dois sendo considerados heróis da história e mesmo que eles não sejam indiferentes aos elfos, a questão é que nem todos entendem que é necessário libertar prisioneiros que não querem ser libertos. E é exatamente essa resposta que Rony dá a Hermione, quando ela critica o fato de a escravidão dos elfos estar ocorrendo há séculos e ninguém fazer nada a respeito disso, Rony responde: “-Hermione, abra bem os ouvidos – disse Rony em voz alta. – Eles gostam. Disso. Gostam de ser escravizados!” (ROWLING, 2015d, p. 167).

Até mesmo Hagrid, que sempre demonstrou que a compaixão fazia parte de sua natureza diz coisas que se forem trazidas para a realidade de grupos historicamente

⁶⁷ PATTERSON, S. “O Lamento de Monstro: F.A.L.E como uma Parábola da Discriminação, Indiferença e Justiça Social”. In: IRWIN, W. (Coordenador.). *Harry Potter e a Filosofia*. Coletânea de David Baggett e Shawn Elein; tradução de Giovana Louise Libralan. São Paulo: Madras, 2004.

marginalizados mostra como a alienação é algo terrível. “Tudo bem, tem aberrações em toda espécie da natureza. Não estou dizendo que não haja elfo esquisito que aceite a liberdade, mas você jamais convenceria a maioria deles a concordar com isso, não, nada feito Hermione.” (ROWLING, 2015d, p. 196).

O fato de Hermione e Dumbledore, pessoas com a sabedoria e busca pelo conhecimento sempre destacada na história, serem os únicos a realmente entenderem a importância de lutar para a libertação dos elfos, mesmo contra a vontade deles, mostra um alinhamento do pensamento da autora com o expresso na obra de Platão. Pois para o pensador é o sábio o único que pode libertar aquele que está aprisionado, já que o prisioneiro não conhece a liberdade e está acostumado as suas correntes.

‘Se alguém soltasse um desses prisioneiros’... Quem seria esse ‘alguém’ misterioso que empreende a ingrata empreitada de livrar um prisioneiro de suas cadeias, de forçá-lo a voltar-se, de coagi-lo a andar em direção à mureta e o olhar os objetos dos quais, até então, só tinha visto as sombras? (DROZ, 1997, p. 78).

Apesar de Rony e Harry terem iniciado seu processo de esclarecimento, de já terem iniciado sua jornada para fora da caverna e entenderem a situação deplorável dos elfos, eles não compreendem a necessidade de libertar quem supostamente não quer ser liberto. É importante ressaltar que tanto Hermione como Harry e Rony viveram situações de opressão, ou seja, detinham correntes que em algum momento os aprisionaram. Além de serem perseguidos e torturados por se colocarem contra a tirania de uma elite excludente, que defende manter a pureza do sangue bruxo. Já eram herdeiros dos conflitos gerados pela militância de seus pais (no caso de Harry e Rony). Havia também outros aspectos, entre eles, a vulnerabilidade econômica de Rony, a orfandade de Harry, a não “pureza” de sangue de Hermione, que faziam com que as pessoas os menosprezassem e diminuíssem o tempo todo. Então, de forma alguma esses eram a favor da escravidão dos elfos.

Rony e Harry, todavia, não tinham chegado ao grau de compreensão de Hermione, que enxergou a necessidade de agir imediatamente. Talvez seja justamente pelo grau de entendimento que no fim Harry se torna um *auror* (agente especializado em investigar crimes relacionados com magia das trevas, algo parecido com militares e policias, se for equivaler com o mundo trouxa) e chefe do Departamento de Aurores no Ministério da Magia, ou seja, uma espécie de guardião, mas é Hermione que atinge o cargo político mais alto no mundo bruxo de Ministra da Magia. Claro, não sem antes passar por uma expressiva carreira política envolvida em causas sociais, inclusive defendendo oficialmente os direitos dos elfos domésticos. Rony também trabalha como *auror* por um tempo.

No pensamento platônico os guardiões defendem a cidade, mas é o Rei-filósofo (o sábio, ou o que busca a sabedoria) que governa. Hermione⁶⁸ é destacadamente a que mais busca o conhecimento, inclusive utilizando um vira-tempo⁶⁹ para estar em mais de uma aula ao mesmo tempo e é a única dos três protagonistas que depois das batalhas volta para a escola para terminar os estudos, já que os três acabaram sendo obrigados a interrompê-los, devido aos acontecimentos e pelo fato de estarem sendo perseguidos.

Além disso, Sócrates dizia que a política deve buscar o interesse do mais fraco, nesse sentido, poderia se levantar o ponto de que os elfos têm uma magia maior e mais poderosa que os bruxos, todavia a questão é que eles não a utilizavam em seu próprio favor e acreditavam ser fracos ou menos dignos, devido ao poder das correntes ideológicas que os prendiam.

Patterson questiona, a estranha apatia de Harry e Rony diante da indignação da amiga para com os maus-tratos aos elfos e chega a indagar se os heróis também podem ser preconceituosos. E a resposta é sim, provavelmente não da forma direta e agressiva de um comensal da morte ou de um bruxo elitista qualquer, que vai humilhar e torturar os elfos por considerá-los criaturas inferiores. Todavia, Sócrates tenta mostrar que a raiz do mal é a ignorância, e Rony ignora a real condição dos elfos, assim como os próprios elfos.

Rony declara que os elfos domésticos, na verdade, querem ser escravos. Mas como isso é possível se eles são criaturas racionais? Há um fenômeno que poderia explicar consistentemente o aparente desejo dos elfos pela escravidão e a racionalidade deles. Observou-se esse fenômeno em grupos que sofrem períodos longos de preconceito. Com o passar do tempo, a autoimagem desses grupos começa a se parecer com a imagem criada por aqueles que os escravizam, e a resultante falta de respeito próprio é mais eficaz do que qualquer corrente. (PATTERSON, 2004, p. 119).

O autor do capítulo utiliza dois pensadores afro-americanos para dar mais embasamento na correlação da visão de que os elfos têm sobre sua servidão com relação aos grupos, os quais são historicamente oprimidos, alienados e marginalizados. Um dos autores é W.E.B. DuBois, que em 1903 publicou a obra *The Souls of Black Folk (As Almas da Gente Negra)*, na qual explica o fenômeno como a falta de uma autoconsciência verdadeira, em que alguns grupos não conseguem enxergar-se por si mesmos, ao contrário sempre olham para si pelo olhar de outra pessoa.

Outro pensador a abordar o assunto é o filósofo Cornel West, escritor de *Race Matters (Questão de Raça de 1993)*, segundo sua análise o que compõe a miséria social dos negros é o

⁶⁸ É interessante citar que, mesmo em uma época tão longínqua, Sócrates defendia que as mulheres poderiam fazer parte tanto da política, como da defesa da cidade.

⁶⁹ Objeto mágico utilizado pelos bruxos para voltar no tempo. São extremamente raros e perigosos.

legado do preconceito institucional que gerou aceitação resignada de ideias autodegradantes. Os negros, conforme diz West, foram por muito tempo tratados como cidadãos de segunda classe e isso acabou sendo internalizado por muitos deles. Agora não é necessário enfrentar apenas os estereótipos, que são lançados sobre eles pelos outros, mas também os que estão em suas mentes e almas machucadas (apud. PATTERSON, 2004).

Da mesma forma, Hermione além de enfrentar a elite opositora que desejava a escravidão, também, e principalmente, encontrava resistência dos próprios elfos, que não viam mais a si mesmos, mas apenas sombras projetadas de si por outrem. “A resistência dos elfos à liberdade não é uma indicação das profundezas do desejo de seus corações, mas da profundidade de sua escravidão.” (PATTERSON, 2004, p. 120).

Assim como os prisioneiros da caverna, que ficaram desde a sua infância vendo apenas as sombras projetadas no fundo da caverna e acreditavam que aquela era toda a realidade, também os elfos, os negros, as mulheres, os trabalhadores pouco valorizados geralmente acabam por acreditar naquilo que durante séculos projetaram sobre eles. Mesmo que isso os desvalorize e os aprisione, muitos não enxergam ou negam suas correntes.

Ainda sobre os elfos domésticos, é importante destacar a história do elfo Monstro que além de apoiar sua própria escravidão, também era a favor de toda a ideologia elitista, racista e autoritária de seus patrões, os Black (alguns eram comensais da morte); mesmo levando em conta que essa família tinha empalhado todos os seus ancestrais e que ele mesmo (Monstro) tenha sido vítima da tortura realizada pelo Lorde das trevas.

O padrinho de Harry, Sirius Black, era contra a ideologia de sua família, logo aos olhos de Monstro era visto como um traidor, quando sua família morre, ele herda o elfo. Apesar de Sirius Black estar teoricamente do lado do “bem”, pelo fato do elfo ser rabugento e “apoiar” a ideologia dos patrões, Sirius o ignora. Ele ignora o tamanho da alienação vivida por Monstro, diante de todos esses anos escravidão, o que ocorre é que o elfo acaba entregando-o aos comensais da morte e provocando indiretamente sua morte⁷⁰.

- Sirius não odiava Monstro. Considerava-o um servo indigno de atenção nem interesse. Indiferença e negligência frequentemente causam mais danos do que a aversão direta... a fonte que destruímos essa noite representava uma mentira. Nós bruxos maltratamos e abusamos de nossos companheiros por muito tempo, e agora estamos recebendo nosso pagamento. (ROWLING, 2015e, p. 675).

⁷⁰ A própria autora fala diretamente, pessoalmente sobre o resultado da apatia em seu discurso em Harvard: “Além disso, aqueles que optam por não simpatizar trazem à existência monstros reais. Pois mesmo sem nunca cometermos um ato claro de maldade, nós colaboramos com isso através da nossa própria apatia” (ROWLING, 2008).

Patterson cita Dumbledore em a Ordem da Fênix para mostrar que a sabedoria do diretor de Hogwarts o fez questionar e alertar Black sobre o tratamento desferido ao elfo. Para ele não se pode subestimar alguém com cicatrizes tão profundas. A questão é que a indiferença das pessoas “boas” ajuda para que o mal continue a governar. Essa preocupação era central no pensamento socrático, que via os sábios reclusos ignorando seus deveres e alerta sobre o governo dos maus, quando os outros estão inertes.

Algo muito importante que vemos nessa passagem é a equação de Dumbledore referente à indiferença e a negligência aliadas aos maus-tratos e abuso. Outro ponto relevante é o reconhecimento de Dumbledore de que os bruxos estão pagando o preço pelo mau tratamento dispensado aos elfos domésticos e outras criaturas mágicas, no curso da batalha contra Voldemort. (PATTERSON, 2004, p. 122).

Patterson afirma que o preconceito é imoral. E que quando as pessoas lhe são indiferentes, então, são cúmplices do declínio da sociedade. Dessa forma, Sirius é parcialmente responsável por sua própria morte, devido ao tratamento dado ao monstro. O problema é que os personagens, assim como a maioria das pessoas, estão muito ocupados com problemas aparentemente mais sérios para entender a ligação que esses problemas têm com a justiça social⁷¹.

Outro momento, em que é possível ver semelhanças entre a saga Harry Potter e o mito da caverna, é quando se trata do espelho de Ojesed. Harry, o menino órfão, ao olhar para o espelho enxerga sua família ao seu lado. Tal visão mexe com ele de uma maneira, que ele passa a procurar o espelho todos os dias e fica em sua frente por horas. Então, o professor Dumbledore resolve intervir:

Mostra-nos nada mais nada menos do que o desejo mais íntimo, mais desesperado de nossos corações. Você que nunca conheceu sua família, a vê de pé a sua volta. [...] porém o espelho não lhe dá nem o conhecimento nem a verdade. Já houve homens que definharam diante dele, fascinados pelo que viram, ou enlouqueceram sem saber se o que o espelho mostrava era real ou sequer possível. (ROWLING, 2015a, p. 156).

Harry iludido pela projeção no espelho esquece-se dos seus afazeres, iludido e aficionado pelas imagens ali projetadas. Entretanto, o professor Dumbledore o aconselha que não se deve apenas viver sonhando, ao ponto de esquecer-se de viver. O espelho parece ser um tipo ainda mais poderoso de caverna, pois projeta suas próprias expectativas ilusórias, projeta aquilo que as pessoas estão desesperadas para acreditar. Será que existem cavernas

⁷¹ [...] a indiferença não se anuncia nas feias palavras ou ações de pessoas facilmente identificáveis; em vez disso, ela furtivamente corrói os elos que nos mantêm unidos enquanto se esconde em plena vista sob o melhor manto possível – a nossa própria ignorância (PATTERSON, 2004, p. 124).

reais como o espelho de Ojosed? As pessoas se perdem em expectativas ilusórias e se esquecem de viver?

O fato da história criada por Platão e a história de J.K Rowling se encaixarem tão bem com diferentes questões reais, mostra o que elas têm em comum, o fato de serem mitos alegóricos. Além disso, Harry Potter é uma história repleta de personagens originários de mitologias (principalmente a grega), como por exemplo: hipogrifo, dragões, centauros, fênix, basilisco, acromântula, entre outros. Porém, essa história não traz apenas inspiração de outras mitologias, também se trata de uma fábula metafórica, assim como os mitos alegóricos do texto de Platão, que carregam uma influência da mitologia grega, todavia estão empenhados em trazer reflexão.

2.4 Perto de Ser “Homem” Longe da Humanidade: Não Só Uma Crítica ao Machismo, mas à Hipermasculinidade.

A autora da saga *Harry Potter* apesar de assinar os livros como J. K. Rowling não foi registrada com esse nome, seu nome real é Joanne e ela não possui sobrenome que inicia com a letra K. Essa troca ocorreu por “conselho” da editora, pois na concepção dessa, os meninos não comprariam os livros se soubessem que esse era escrito por uma mulher. Essa notícia tem um tom de antiguidade, afinal é sabido que durante muito tempo as mulheres assinaram livros com pseudônimos masculinos pelo preconceito característico da época, mas parece que as coisas não mudaram tanto assim, já que uma pressão parecida ocorreu com a autora de obras desse século. Tamanha a popularidade de suas obras, Joanne se tornou uma das autoras mais reconhecidas, renomadas e premiadas. Quantas outras mulheres deveriam também receber honrarias, mas não puderam nem assinar suas próprias obras?

Sobre o feminismo presente nas obras existe certa divergência, o que já era esperado levando em consideração que existem diferentes tipos de feminismo. Hermione é uma protagonista que quebra alguns padrões de gênero e que se destaca por habilidades historicamente consideradas e ensinadas como se fossem masculinas como: sua liderança, sua lógica, inteligência e dedicação aos estudos.

Apesar das críticas ao fato de terem mais personagens masculinos em destaque, esses personagens masculinos são valorizados como bons quando demonstram características tidas historicamente como femininas. O oposto aparece na vilania que tem o comportamento conhecido tipicamente, na atualidade, como “masculinidade tóxica”. Como nos mostra a filósofa Anne Collins Smith no capítulo intitulado: “Harry Potter, feminismo radical e o poder

do amor”. Que foi escrito para a coletânea de textos, *A Versão Definitiva de Harry Potter e a Filosofia Hogwarts para os Trouxas*, em que enumera as características tidas como tradicionalmente femininas: amor, interdependência, trabalho em rede ou em grupo, compartilhamento, compaixão e emoção. Já as tradicionalmente atribuídas como masculinas: controle, independência, individualismo, hierarquia, dominação, competição e agressão.

Algumas feministas radicais acreditam que nossa sociedade seria beneficiada se as pessoas em geral se tornassem mais andróginas, de forma que homens e mulheres pudessem, de forma livre, misturar e combinar quaisquer características que os atraíam mais, em níveis individuais. Desta maneira, homens e mulheres tornar-se-iam pessoas, mas nossa compreensão sobre o que são as pessoas não seria mais limitada às diretrizes estabelecidas por uma sociedade dominada por homens. Outras feministas radicais creem que os valores tradicionalmente considerados femininos beneficiariam mais a nossa sociedade e deveriam ser adotados por homens e mulheres na mesma medida, mudando assim a definição de *pessoas* para um modelo mais centrado no feminino. (SMITH, 2011, p. 86)⁷².

Rowling parece estar em bastante consonância com último ponto pelo fato de privilegiar as características tidas historicamente como femininas em seus heróis (inclusive, e principalmente, os masculinos) e também por relacionar os adjetivos ensinados como masculinos com a vilania (inclusive nas personagens femininas).

Os vilões são agressivos, eles buscam o poder e demonstram uma necessidade fálica (termo usado por Smith) de subjugar ao mesmo tempo em que têm os seus sentimentos reprimidos. Talvez, nesse sentido, o machismo e/ou a hipermasculinidade sejam o ponto inicial do autoritarismo. Uma sociedade que cria garotos nesses moldes pode estar transformando-os em vilões.

Segundo Smith e parte do feminismo, Rowling parece estar em consonância com antigos filósofos e teólogos como Santa Gertrudes, Gandhi e C. S. Lewis, que acreditavam que traços como amor, compaixão, gentileza e bondade são os mais importantes para a humanidade. A autora de Harry Potter também parece concordar com escritoras feministas como Heather Booth, Evi Goldfield, Sue Munaker, que acreditam ser artificial a imagem de que a nossa sociedade constrói e impõe o feminino e o masculino. A escritora do capítulo mostra a necessidade das pessoas se tornarem mais andróginas mesclando as características tidas historicamente como femininas e masculinas.

A motivação pela qual a nossa sociedade não pode estar subjugada por essa masculinidade artificial parece clara se olharmos tanto a história escrita por Rowling, como a sociedade real, pois ambas parecem dominadas e aterrorizadas por personagens e/ou homens

⁷² SMITH, A. Harry Potter, feminismo radical e o poder do amor. In: IRWIN, W. (Coordenador.). *A Versão Definitiva de Harry Potter e a Filosofia Hogwarts para os Trouxas*. Coletânea de Gregory Bassham; tradução de Giovana Louise Libralan. São Paulo: Madras, 2011.

controlados pela hipermasculinidade. Os homens cometem mais crimes, segundo os dados da BBC, eles são responsáveis por 95% dos homicídios no mundo⁷³. Por mais que pareça um dado bastante alarmante, isso é apenas um exemplo, afinal, são séculos de guerras e tiranias advindas principalmente da dominação masculina.

O Capítulo também alerta sobre o fato de mesmo que as características tidas como femininas sejam mais adequadas para uma sociedade mais equilibrada, elas são nocivas quando ficam a cargo somente da mulher. As meninas são tradicionalmente ensinadas a ter docilidade, serem respeitadas e pacíficas. A questão é que elas não são retribuídas da mesma maneira, sendo assim acabam submetendo-se a julgo desigual. O que pode resultar em resignação diante de um relacionamento abusivo, a ponto de voltar-se contra outras mulheres, projetar o machismo que sofreram em seus filhos e filhas, normatização da violência, não sair de um relacionamento que pode ou vai levá-la à morte, etc.

Segundo o cronômetro da violência retirado do site Violência Contra as Mulheres em Dados⁷⁴ uma mulher é vítima de estupro a cada nove minutos, três mulheres são vítimas de feminicídio a cada dia, uma mulher registra agressão a cada dois minutos, mulheres são as principais vítimas de ameaça e constrangimento ilegal, a maioria dos casos de violência sexual contra crianças e adolescentes é cometida pelos homens da própria família.

Smith mostra a demasiada importância que a autora de Harry Potter dá ao amor, já que esse sempre sobrepuja o mal sem competir com ele. O que ressalta novamente a preferência por características tidas historicamente como femininas, exemplo o amor, em detrimento das masculinas, exemplo a competição. Parece absurdo que realmente alguém coloque o amor como uma característica restrita ou tipicamente feminina e não como algo aconselhável para toda a humanidade e dedicada a todos os seres e à vida, todavia a realidade na maioria das vezes é mesmo absurda.

Harry é salvo pelo amor de sua mãe, já que essa se sacrifica por ele e, durante muito, tempo também é protegido (sem ter consciência disso) pelo rabugento Snape⁷⁵, que amou a mãe de Potter em segredo sua vida toda, seu amor e seu arrependimento o fazem arriscar e perder sua vida pelo menino. Esse que tinha os olhos de sua amada, mesmo Harry também sendo filho daquele que sempre o maltratou e humilhou. Logo, mais uma vez, o amor vence a competição. “– Severo Snape não era homem seu. Snape era de Dumbledore, desde o

⁷³ Retirado do site: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-37730441>> em 24/10/2019.

⁷⁴ Retirado do site: <<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/>> em 24/10/2019.

⁷⁵ Professor de poções em Hogwarts no período em que Harry estudou na escola; contemporâneo de Lilian e Tiago; espião duplo. A morte de Lilian, com sua participação indireta, fez com se arrependesse de seguir Voldemort e começasse a trabalhar para Dumbledore.

momento em que você começou a caçar minha mãe. E você nunca percebeu, por causa daquilo que não pode compreender.” (ROWLING, 2015g, p. 537). Voldemort não compreende a motivação de Severo Snape, como afirma Smith, o amor é a força que desconhece e subjuga.

Durante a batalha final, Potter alerta Voldemort sobre o seu erro de ignorar aquilo que desconhece. Lorde Voldemort ironiza “É o amor de novo?” (ROWLING, 2015g, p. 536) e ainda continua “Amor, que não me impediu de matar sua mãe sangue ruim como uma barata.”. Então o garoto revela que Severo enganou, Você sabe quem em prol de sua mãe. Ao que Voldemort continua a desdenhar “Ele a desejava, nada mais, mas, quando ela se foi, ele concordou que havia outras mulheres de sangue mais puro, mais dignas dele.” (ROWLING, 2015g, p. 538). Então, Harry revelou que isso era uma farsa e que Snape, na verdade, espionava Voldemort a mando de Dumbledore. As falas de Voldemort demonstram a arrogância, a ignorância, o preconceito, o machismo e como isso o prejudicou em sua jornada, como não entender que nem todos os homens são limitados à artificialidade do masculino, fez ele se deixar enganar soberbamente.

A objetificação da mulher, ainda mais daquelas consideradas de “raça inferior”, que o Lorde das Trevas demonstra em sua última fala, remete aos reflexos da escravidão. No período da escravidão os negros eram tratados como “raça inferior” e isso está incorporado em muitas culturas ainda hoje, como exemplo a brasileira, por esse fato a mulher negra acaba passando por uma dupla diminuição: o machismo e o racismo.

Jarid Arrais no artigo *A Objetificação e Hipersexualização da Mulher Negra*⁷⁶, afirma que todas as mulheres são objetificadas, mas com relação à mulher negra isso é ainda pior. A negritude é tratada como algo exótico e até pecaminoso, nesse sentido as negras poderiam ser usadas para o sexo, porém de modo algum serviriam ao matrimônio. A análise de Arrais com relação a como a sociedade tenta desqualificar a mulher negra, assemelha-se profundamente à tentativa de desqualificação feita por Lorde Voldemort ao atacar Potter ofendendo sua mãe. Para o primeiro, Lilian no máximo serviria como objeto sexual, pois na sua percepção o fato dela não ter o “sangue puro” a tornaria desqualificada ao matrimônio.

⁷⁶ Retirado do site: <https://revistaforum.com.br/noticias/objetificacao-e-hipersexualizacao-da-mulher-negra/> em 26/10/2019.

Maria Santana dos Santos Pinheiro Teixeira e Josiane Mendes de Queiroz no artigo *Corpo em Debate: a Objetificação e Sexualização da Mulher Negra*⁷⁷, também contribuem para o entendimento dessa desvalorização: “Reportando-se ao corpo da mulher negra percebemos que é um corpo que passa por uma dualidade do ser. Ora é invisibilizado - desprezado e ora valorizado – ultrassexualizado.” (Queiroz; Teixeira, 2017, p. 3). E ainda denunciam as origens dessa dualidade: “Mas, o seu corpo é visado de forma diferenciada. Não obstante ao período escravocrata onde o corpo era exposto para ser comercializado, hoje ele é exposto para ser consumido.” (Queiroz; Teixeira, 2017, p. 1).

Lorde das trevas também não imaginou que Narcisa⁷⁸ poderia mentir sobre o fato de Harry estar vivo ou não, afinal ela mal conhecia o garoto, porém a preocupação dela não era em satisfazer as necessidades de Você sabe quem e sim em saber se seu filho, Draco, estava vivo. Quando ela chega perto do corpo machucado de Harry e percebe que está vivo, não denuncia ao Lorde das trevas e sim questiona Harry (sussurrando) sobre a sobrevivência de Draco. Após a confirmação de que seu filho vive, o amor dessa comensal da morte vence os anos de ódio, preconceito e até mesmo a educação elitista que recebeu de sua família e a faz arriscar sua própria vida, pois a única coisa que ela almeja é resgatar Draco do castelo e mantê-lo em segurança. Então, ela vira para o Lorde Voldemort, um dos seres mais perigosos de todos os tempos, e responde: “-Está morto!” (ROWLING, 2015g, p. 527). Ela sabia que se Voldemort acreditasse que Harry estivesse morto, ele iria para o castelo de Hogwarts para se gabar e assim Narcisa teria acesso ao seu filho.

O Lorde das trevas era alguém que tinha a capacidade de ler mentes, no entanto, ele não tenta decifrar a mente de Narcisa, pois a subjuga, tanto ela como o amor, ele desconhece uma motivação que não seja egoísta. Ignorar aquilo que desconhece levou Voldemort à derrota. Deveria ter se aconselhado com Sócrates, que sabia que nada sabia, entenderia que o erro de muitos é não reconhecer a própria ignorância, o que faz com que permaneçam acorrentados na caverna e matem aqueles que oferecem um pouco de luz e libertação do mal da alienação.

Harry foi salvo pelo amor de terceiros, todavia seu próprio amor, empatia e sensibilidade ajudaram a si e a muitos, como relembra Smith, ao mencionar o fato dele não ter permitido que seu professor Remo Lupin e seu padrinho Sirius Black matassem o assassino de

⁷⁷ Retirado do site:

<https://www.editorarealize.com.br/revistas/enlacando/trabalhos/TRABALHO_EV072_MD1_SA24_ID402_17072017210303.pdf> em 28/10/2019.

⁷⁸ Mãe de Draco e comensal da morte.

seus pais, pois não queria que os dois se tornassem assassinos também; o que demonstra uma personalidade bastante humana e pouco vingativa.

Até mesmo Monstro (elfo doméstico) que era extremamente preconceituoso e conivente com o comportamento elitista dos comensais da morte, afinal ele conviveu a vida toda com bruxos assim, ao ser bem tratado por Harry o auxiliou em sua missão. A compaixão que Potter sentiu por Monstro, ao entender tudo que ele sofreu e a maneira como foi criado, fez com que Harry enxergasse além da personalidade rabugenta e desrespeitosa do elfo.

Esses são só alguns exemplos de como o amor, a sensibilidade, a gentileza, a compaixão, a empatia, entre outros adjetivos altruístas, ganham papel de destaque nas histórias de Rowling. A autora do capítulo ainda destaca a preocupação e o pedido de Harry para que Voldemort se redima, o que causa no vilão bastante surpresa. Ao fazer o apelo Potter também pede ao Lorde das Trevas que seja homem “[...] seja homem ... tente sentir algum remorso...” (ROWLING, 2015g, p. 538).

Como relembra Smith, o que mostra que o conceito de que o garoto tem de homem tem relação com humanidade e não masculinidade. Nesse aspecto, apesar de Você sabe quem ser hipermasculino, não é homem. “Nos livros de Potter, o tipo certo de garoto, de fato, o tipo certo de homem, não é apenas forte e corajoso, mas bondoso, gentil e amável também⁷⁹.” (SMITH, 2011, p. 92). E no fim, Potter não o mata e sim o próprio feitiço de Voldemort acaba ricocheteando. O ser violento e competitivo acaba por destruir a si mesmo, ele é seu maior oponente.

2.5 Dobby, um Mito Alegórico da Escravidão

Os elfos domésticos trabalhavam incessantemente sem receber salário, eram torturados e humilhados por seus donos, tiveram sua autoimagem totalmente destruída por terem sido a vida inteira inferiorizados, os seus patrões faziam parte de uma elite, entretanto, isso não quer dizer que o resto da população se importava com eles. A realidade é que boa parte dessa população gostaria de fazer parte da elite para escravizar também. Todas essas características podem ser atribuídas também à população negra que foi escravizada e seus descendentes, talvez não só a eles, mas principalmente a eles.

⁷⁹ Sócrates também ressalta a importância de características como doçura, gentileza e temperança, como mostram as páginas 48 e 49 dessa dissertação.

Dobby, diferentemente dos outros elfos domésticos, tinha consciência de que sua situação era injusta e ficou muito feliz quando por meio da ajuda de Harry, conseguiu ser liberto. No entanto, até a maneira como ele foi liberto é uma alegoria da escravidão.

Os elfos não podiam usar roupas comuns, sapatos, tão pouco roupas novas, andavam descalços e usavam somente uma fronha velha, que nas palavras do próprio Dobby, era a marca de sua escravidão.

Dobby era escravo da família Malfoy, que eram bruxos extremamente elitistas e, como se não bastasse, chegavam ao extremo de serem comensais da morte. O elfo fica sabendo do plano que seu patrão tem de matar Harry Potter e tenta ajudar o garoto, pois acredita que pelo fato de Harry ter derrotado o Lorde das trevas, ele de alguma forma é um símbolo contra a opressão. Os dois se tornam grandes amigos.

Quando Harry percebe que Dobby, o elfo que tentou salvá-lo, pertencia à família dos Malfoy, então, o garoto sabe o que fazer, principalmente depois de presenciar pessoalmente os maus-tratos sofridos por Dobby. “Abriu a porta com violência e quando o elfo veio correndo para alcançá-lo, ele o chutou porta afora. Eles ouviram Dobby guinchar de dor por todo o corredor. Harry ficou parado um instante, pensando com todas as suas forças. Então lhe ocorreu...” (ROWLING, 2015b, p. 249).

Isso se deve ao fato de se recordar que quando perguntara ao elfo sobre o motivo dele utilizar aquelas vestes, ele não só ter explicado como também ter lhe dito que um elfo só poderia ser livre se fosse presenteado com uma roupa pelo seu dono. Então, Harry colocou sua meia no diário de Tom Marvolo Riddle, que era uma *horcrux* destinada a libertar a alma do lorde das trevas para que ele perseguisse os bruxos de “sangue ruim” do castelo. Lúcio havia colocado o diário no caldeirão de Gina Wesley.

Harry, então, devolve o diário a Lúcio, que parece claramente preocupado com a acusação de Potter de que ele havia tentado fazer mal aos alunos (o que era verdade), o que faz com que ele não perceba a real intenção do garoto. Depois de ameaçar Harry como um típico tirano que não gosta de ser confrontado. Ele pega o diário e joga a meia suja que estava nele para Dobby; quando o elfo pega o diário vê que tem uma meia dentro e então, ele mesmo proclama sua alforria.

Mas qual a relação da meia de Dobby com a escravidão real? Segundo Selma Vital, no artigo *Sobre sapatos, identidade e símbolos de liberdade*⁸⁰, os escravos brasileiros (isso não se dá só no Brasil, mas é importante fazer um recorte para evitar generalizações equivocadas) se apresentavam quase sempre vestindo farrapos e descalços. O que nem seria preciso levar em conta o trabalho extremamente pesado e a exposição dos corpos a diferentes temperaturas, só para entender o como isso é cruel, mas recordar isso mostra ainda mais o tamanho da desumanidade da prática.

Uma prática que marcava o outro como inferior. E que era mais uma imagem do caráter exploratório, que nas palavras da autora, visava o máximo de lucro e o mínimo de investimento. Através do diálogo com alguns autores como o historiador e professor Sidney Chalhoub, que mostra que os sapatos eram uma peça decisiva para saber se o negro, naquela época, era escravo ou havia sido liberto.

Inclusive era bastante habitual que a primeira compra depois de alcançar a liberdade fosse um sapato e isso era bastante simbólico. “A situação parece ter sido prática comum entre libertos e forros, ou seja, mesmo antes do evento da abolição. Os sapatos, ainda que não nos pés, simbolicamente lhes asseguravam o status de liberdade⁸¹. ” (VITAL, S. *Sobre sapatos, identidade e símbolos de liberdade*, 2017.) Acaba que muito além de questões estéticas são símbolos de resistência.

É visível também uma forte relação entre os elfos domésticos e grupos socialmente marginalizados quando se leva em conta a invisibilidade de sua história e a convivência dos demais: “-Elfos domésticos! Disse Hermione em voz alta, comprovando que Harry acertara. Nenhuma vez em mais de mil páginas, *Hogwarts: uma história* menciona que somos todos coniventes com a opressão de centenas de escravos!” (ROWLING, 2015d, p. 177).

Se for analisado, o que era o básico, que Hermione queria lutar para que os elfos domésticos tivessem em um primeiro momento, quantas pessoas não tinham ou ainda não possuem nem isso? “-A curto prazo os nossos objetivos – disse Hermione, falando ainda mais alto do que o amigo e agindo como se não tivesse ouvido uma única palavra – são obter para os elfos um salário mínimo justo e condições de trabalho descentes.” (ROWLING, 2015d, p. 167).

⁸⁰VITAL, S. *Sobre sapatos, identidade e símbolos de liberdade*, 2017. Retirado do site <<http://www.ct-escoladacidade.org/contracondutas/editorias/escravismo-imagem-e-letra/sobre-sapatos-identidade-e-simbolos-de-liberdade/>> em 09/04/2020.

⁸¹ Idem a referência anterior.

E se a análise se estender para os objetivos a longo prazo, a situação fica ainda pior. “A longo prazo, os nossos objetivos incluem mudar a lei que proíbe o uso da varinha e tentar admitir um elfo no Departamento para Regulamentação e Controle das Criaturas Mágicas, porque eles são vergonhosamente subrepresentados.” (ROWLING, 2015d, p. 167). Quem é bem representado na política brasileira, por exemplo? Negros, indígenas e mulheres são a maior parte da população, mas são maioria também na política?

Dobby também faz lembrar como algumas pessoas acabam normalizando a violência justamente por estarem acostumadas a ela. “-Dobby está acostumado com ameaças de morte, meu senhor. Em casa, Dobby as recebe cinco vezes por dia.” (ROWLING, 2015b, p. 135).

A história de Dobby mostra como parte de uma elite, ou de pessoas que se consideram elite, querem prevalecer sobre o outro e para isso o inferioriza: “- Seu macaquinho imundo! – Vociferou Belatriz. – Como ousa tirar a varinha de uma bruxa, como ousa desafiar os seus senhores?” (ROWLING, 2015g, p. 347).

No entanto, Dobby também representa, principalmente que é possível se libertar: “- Dobby não tem senhores! – Guinchou o elfo. – Dobby é um elfo livre, e Dobby veio salvar Harry Potter e seus amigos!” (ROWLING, 2015g, p. 347). E que depois que se está livre é importante voltar para ajudar os outros que ainda estão aprisionados⁸².

2.6 A Ideologia Puro Sangue em Harry Potter

A ideologia puro-sangue é anterior a Voldemort, afinal o fundador da casa Sonserina (Salazar Sonserina) já defendia a ideia de que trouxas, nascidos trouxas e qualquer um que não fosse um bruxo sangue puro, era inferior. A família materna de Voldemort era descendente de Salazar Sonserina e os homens (a mãe de Voldemort era reprimida por causa disso), além de terem muito orgulho disso, defendiam as ideias e o legado do ancestral famoso. É possível ver um pouco da família Gaunt⁸³ quando Dumbledore e Harry estão estudando a história de Voldemort para entender a natureza de sua maldade e as consequências dela.

⁸² Referência ao prisioneiro que se liberta da caverna e regressa para auxiliar os outros. Coincidentemente ou não, assim como o prisioneiro que regressou, Dobby acaba morrendo tentando ajudar aos outros.

⁸³ Se trata da família bruxa materna de Voldemort, que se orgulha de seu “sangue puro” e de ser da linhagem de Salazar Sonserina ou Salazar Slytherin. Violentos e com mania de grandeza foram a falência, o que não os tornou menos arrogantes. Servolo Gaunt é avô materno de Voldemort, Morfino é seu tio e Mérope sua mãe. A mãe de Voldemort viveu constantemente oprimida por seu pai e irmão tanto que acabou morrendo sozinha, logo após o parto. Depois de adulto Voldemort mata seu pai trouxa e incrimina seu tio Morfino.

Quando o chefe do Esquadrão de Execução das Leis da Magia, Ogden foi até a casa dos Gaunt (família materna de Voldemort), ele foi recebido com violência por Morfino (tio de Voldemort). Ao ir questionar o pai sobre o comportamento de seu filho, Morfino recebeu a seguinte resposta: “Isto é uma propriedade privada. Ninguém pode ir entrando e esperar que o meu filho não se defenda.” (ROWLING, 2015f, p.149). Usar a suposta defesa das posses como justificativa para violência é algo que não é incomum no mundo trouxa (no mundo real) também. Claro que Ogden não foi simplesmente entrando como Servolo disse.

Servolo (o pai) era alguém que mostrava seus preconceitos abertamente, mesmo Ogden sendo uma autoridade. “-Ãh, era o Morfino – confirmou o velho, indiferente. – O senhor tem sangue puro? – Perguntou repentinamente agressivo.” (ROWLING, 2015f, p. 149). Claro que Ogden achou a pergunta absurda e despropositada:

-Isto não vem ao caso – respondeu Ogden com frieza, e Harry sentiu seu respeito pelo bruxo crescer. Aparentemente isto fazia diferença para Gaunt. Ele estudou o rosto de Ogden e resmungou em um tom decididamente ofensivo. – Pensando bem, já vi narizes igual ao seu na aldeia. (ROWLING, 2015f, p. 149).

Servolo considerava-se melhor que os outros por pertencer à linhagem do fundador da Sonserina e por ser puro sangue, logo, ele não reconhecia a autoridade de quem fosse diferente disso, ou seja, não reconhecia a autoridade de Ogden. Quando intimou Morfino para comparecer a uma audiência no Ministério, Servolo não aceitou: “- Intimação! Intimação? Quem o senhor pensa que é para intimidar meu filho a comparecer a algum lugar? (ROWLING, 2015f, p. 151).

Em meio à tentativa de fazer seu trabalho Ogden ainda presenciou o tratamento terrível que Servolo dava a sua filha. “- Apanhe isso! – berrou Gaunt para a filha – Isso, fuce o chão como uma trouxa porca, para que serve sua varinha, seu saco de estrume?” (ROWLING, 2015f, p. 150). Gaunt também quase esganou a filha só para mostrar para Ogden o medalhão valioso que ela carregava, só parou porque Ogden interviu. Claro que se tratava de mais um gesto para mostrar sua superioridade e boa família. “E cuspiu no chão aos pés de Ogden. Morfino soltou mais gargalhadas. Mérope encolhida ao lado da janela, a cabeça oculta pelos cabelos escorridos permaneceu calada.” (ROWLING, 2015f, p. 152).

Ogden tentava retomar o assunto, pelo qual havia ido até ali, mas o Sr. Gaunt achava que os trouxas mereciam violência simplesmente por serem trouxas. Na concepção dele, o que o filho fez foi correto. “Ah, achei que o senhor tinha cara de amigo dos trouxas assim que o vi – desdenhou Gaunt, tornando a cuspir no chão.” (ROWLING, 2015f, p.153).

Ogden teve que presenciar ainda mais absurdos, como o descontrole de Servolo, quando Morfino lhe disse que a irmã Mérope gostava de observar o trouxa que morava ao

lado. “– É verdade? Perguntou Gaunt implacável, dando uns passos em direção a filha apavorada. –Minha filha, uma descendente de Salazar Slytherin, suspirando por um trouxa nojento de veias imundas?” (ROWLING, 2015f, p. 154). Partiu inclusive para a violência física: “- Sua bruxinha abortada nojenta, sua traidorazinha do sangue! – Urrou Gaunt descontrolado, apertando o pescoço da filha.” (ROWLING, 2015f, p.154).

A mania de grandeza altamente destrutiva, ostentada pela maior parte da família Gaunt, em que as coisas e a linhagem são mais importantes que as pessoas e a própria vida, é explicada por Dumbledore ao falar sobre isso com Harry. Uma família cheia de homens arrogantes que desprezavam a única mulher da casa, mas que não sabiam nem sequer fazer a própria comida sozinhos.

O avô de Voldemort. Servolo, seu filho Morfino e sua filha Mérope foram os últimos Gaunt, uma família bruxa muito antiga conhecida por sua índole instável e violenta que se transmitiu através de gerações devido ao hábito de casarem entre primos. A falta de juízo associada à mania de grandeza redundou na dissipação do ouro da família muitas gerações antes de Servolo nascer. Ele viveu, como você bem viu, em condições sórdidas e miseráveis, dono de um péssimo gênio e uma arrogância e um orgulho desmedidos, além de alguns objetos de família que ele valorizava tanto quanto o filho e muito mais do que a filha. (ROWLING, 2015f, p. 155).

Mérope (mãe de Voldemort) diferente do pai e do irmão, reprimia sua magia. Provavelmente por associá-la às maldades dos homens de sua família, como Dumbledore aponta. Ela morreu sozinha e desamparada em um orfanato, onde o filho dela cresceu até atingir a idade de ir para Hogwarts.

Será que é só no mundo mágico de Harry Potter existem homens com mania de grandeza e mulheres reprimidas e desamparadas? Será que é só nas famílias bruxas os garotos aprendem com os pais a se tornarem intimidadores e as garotas são sobrecarregadas com tarefas domésticas e têm seus sentimentos repreendidos? Será que é só no universo de Harry Potter as coisas e as doutrinas ilusórias têm mais valor que as pessoas?

O menino Tom (Voldemort) foi criado sem acesso a nenhum afeto, logo, também não desenvolveu nenhum. Porém, aprendeu logo cedo a manipular as pessoas para conseguir o que pretendia, pela bajulação, pelo engano ou pela força⁸⁴. Logo viu, na ideologia sangue puro uma maneira de crescer e reunir seguidores, facilmente cegados pelo próprio preconceito.

Demonstrações de força, “superioridade” e desrespeito aos adversários eram comuns para impressionar a plateia. Lembrando que os adversários no caso poderiam ser

⁸⁴ Sócrates fala sobre o perigo dessas características, como mostra a página 50.

simplesmente pessoas que defendessem pacificamente ideias divergentes. No livro *Harry Potter e as Relíquias da Morte* (nos filmes a cena aparece em *Relíquias da Morte Parte I*), Voldemort tortura a professora Caridade Burbege pelo fato dela promover o estudo dos trouxas. “–Sim... a professora Burbege ensinava às crianças bruxas tudo a respeito dos trouxas... e como se assemelham a nós... Um dos Comensais da morte cuspiu no chão.” (ROWLING, 2015g, p. 16). Voldemort ironiza o modo de vida da professora Caridade antes de matá-la e deixar seu corpo estendido na mesa (onde há vários Comensais da Morte em volta) para que sua cobra o coma. Um banquete e um espetáculo.

– Silêncio – ordenou Voldemort, com outro breve movimento da varinha de Lúcio, e Caridade silenciou como se tivesse sido amordaçada. – Não contente em corromper e poluir as mentes das crianças bruxas, na semana passada, a professora Burbege escreveu uma apaixonada defesa dos sangues ruins no Profeta Diário. Os bruxos, disse ela, devem aceitar esses ladrões do saber e magia. A diluição dos puros sangues é, segundo Burbege, uma circunstância extremamente desejável... Ela defende que todos casemos com trouxas... ou, sem dúvida com lobisomens... (ROWLING, 2015g, p. 17).

É importante citar que Draco⁸⁵ assiste a tudo horrorizado, segurando o choro, tentando não demonstrar fraqueza perto do bruxo que mata os que ele considerava “fracos”. Apoiar uma ideologia de dominação para alguns parece uma questão de ego e de esconder as próprias “fraquezas”, mas será que todos estão dispostos a viver bem com as consequências daquilo que propagavam? Talvez para alguns as ideias radicais só são boas para assustar os outros, mas no fundo não querem que se realizem.

É importante citar que muitos comensais da morte tinham muito medo de Voldemort e alguns tentaram (poucos com sucesso) o abandonar. É difícil dizer quem é o mais covarde, o valentão que desiste quando o que ele tanto dizia almejar ocorre, ou aquele que leva até as últimas consequências, e gosta dessas consequências.

Sobre alguém que leva as ideias até as últimas consequências, um dos maiores exemplos da história é Bellatrix Lestrange. A Comensal era extremamente fiel às vontades de Voldemort, uma idolatria servil, motivada principalmente por ele representar tão bem os ideais excludentes propagados pela família da mesma. Diferente de seu líder, Bellatrix parece realmente acreditar na ideologia puro sangue ou querer muito acreditar, o que a faz parecer

⁸⁵ Draco Malfoy, o garoto rico, “sangue puro”, que pertencia a uma família de linhagem famosa e reconhecida, “os sagrados vinte e oito”, aquele que apronta, mas não pode chegar em casa com um arranhão, senão o pai chega na escola tentando demitir todo mundo, sendo assim, aquele que paga para jogar quadribol e que ainda criança tem falas extremamente preconceituosas. No entanto, é bem perceptível a influência dos pais (Lucio e Narcisa Malfoy) sobre ele (principalmente do pai).

muito mais enlouquecida do que o principal vilão, que por sua vez parece só usar isso para manipular seus seguidores.

Em um certo momento, Harry, Rony e Hermione são capturados e levados até a mansão dos Malfoy. Bellatrix precisa de informações e então, ela escolhe Hermione para torturar, a escolha se deve pelo fato da Hermione ser uma nascida trouxa, na linguagem preconceituosa deles, sangue ruim. Quando sua irmã Narcisa pede para que levem os prisioneiros ao porão Bellatrix exclama: “– Espere – disse Bellatrix, rispidamente. – Todos menos a sangue ruim.” (ROWLING, 2015g, p.338). Ao que Rony pede para ficar no lugar dela e após receber uma bofetada de Bellatrix tem sua resposta: “- Se ela morrer durante o interrogatório, você será o próximo. No meu caderninho, traidor do sangue vem logo abaixo de sangue ruim.” (ROWLING, 2015g, p. 339). Ou seja, os que não apoiam as ideias também são perseguidos, mas antes vem àqueles que simplesmente não nasceram da forma que eles queriam, culpados por serem quem são (sem escolhas), culpados por existirem.

Harry e Rony são trancados no porão e a sessão de tortura começa. No filme Bellatrix rasga a pele do braço de Hermione escrevendo o termo *mudblood* (termo original do inglês que designa sangue ruim), já no livro ela lança na garota a maldição imperdoável *Cruciatus* (maldição da tortura). Quando Rony e Harry conseguem sair do porão (graças ao Dobby) e partem em defesa da amiga Bellatrix diz a eles: “– Larguem suas varinhas – sussurrou a bruxa. – Larguem ou verão como o sangue dela é imundo!” (ROWLING, 2015g, p. 346). E faz mais ameaças que apresentam doses pesadas de machismo, racismo e desprezo pela vida humana.

- Agora – disse Belatrix, com suavidade, quando Draco voltou correndo com as varinhas -, Ciça, acho que devemos amarrar esses heroizinhos outra vez, enquanto Greyback cuida da senhorita sangue ruim. Tenho certeza que o Lorde das Trevas não vai lhe negar a garota, Greyback, depois do que fez está noite. (ROWLING, 2015g, p. 346).

Em *Harry Potter* fica claro que a ideia de pureza de sangue, e que isso faça alguma diferença, é tão absurda quanta a ideia de sangue azul. Não existem raças bruxas assim como não existem raças humanas, a divisão entre raças é social e artificial, criada para satisfazer o ego e os interesses de uma elite (ou de alguns que pensam que são elite). Hermione é brilhante, quase todos que passam pela vida dela (e que possuem uma percepção honesta e que não esteja nublada pelo preconceito) o afirmam. Isso não impede que ela sofra vários ataques físicos e morais, inclusive por se destacar mais que os outros. Quantas Hermiones há por aí? Se você trocar o termo sangue ruim por outros grupos que sofrem preconceito e ler o

texto novamente, será que ainda estará imerso em uma história fantasiosa imaginária ou em algo muito próximo da realidade?

Algo que demonstra bem como a estrutura social em Harry Potter e os grupos marginalizados são na verdade um mito alegórico das estruturas sociais reais e dos grupos marginalizados reais; é a estátua que Hermione, Rony e Harry veem quando chegam ao ministério da magia (disfarçados), depois que Voldemort toma o poder⁸⁶ (colocando os seus lá dentro).

Harry olhou com mais atenção e percebeu que aquilo que imaginou serem tronos ornamentados eram, na realidade, esculturas humanas: centenas de corpos nus, homens, mulheres e crianças, todos com feições idiotas e feias, torcidos e comprimidos para sustentar os bruxos com belos trajes. – Trouxas – sussurrou Hermione. No lugar que realmente lhes cabe. Andem, vamos indo. (ROWLING, 2015g, p. 181-182).

A escultura que mostrava os trouxas (distorcidos) abaixo dos bruxos, carregando-os e sustentando-os assemelha-se muito às diversas pirâmides sociais que aparecem nos livros de ciências humanas. Durante muito tempo a estátua que estava no lugar dessa anteriormente, mostrava todos em harmonia, mas isso para Dumbledore sempre foi uma mentira. Talvez seja por isso que as ciências humanas recebem tantos ataques; Como Dumbledore, a maioria dos especialistas mostra que a pirâmide existe, no entanto, muitos preferem negar e desacreditar, como fizeram com Dumbledore. Até que venha um Você Sabe Quem para escancarar diante de todos não para que tenham conhecimento, mas sim para que se curvem ainda mais.

2.7 Voldemort um mito alegórico que rememora Hitler: uma nova tentativa de alertar um povo de memória curta

Voldemort é um mito alegórico que se encaixa muito bem em personalidades como Hitler; e as relações entre eles são inúmeras, “[...] a simetria entre Voldemort e Hitler já foi, diversas vezes, admitida por Rowling em entrevistas.” (BENATTO, 2015, p. 6). Em uma dessas entrevistas, na BBC Newsround, Rowling relaciona seu vilão não só a Hitler como também a figuras autoritárias mais atuais, que apesar de seu comportamento alarmante, são menos temidas.

A possibilidade de conseguir enxergar aspectos de pessoas reais em um personagem fictício, juntamente com o fato da fábula criada ter uma coerência interna, faz com que a

⁸⁶ “Embora ele perceba que sua reputação impede sua tomada direta do poder como Ministro da Magia, ele cobiça os poderes do cargo e coloca outras pessoas ali como instrumentos de seus desejos.” (WILLIAMS e KELLNER, 2011, p. 130).

história seja verossímil⁸⁷. No entanto, a inspiração por meio do real divide espaço com a criação da autora. “Se relaciona com a figura histórica, porém, em se tratando de um ser fictício, não haverá equivalência total.” (BENATTO, 2015, p. 10).

Hitler tentou entrar na Academia de Belas Artes de Viena e falhou, o que lhe trouxe enorme frustração, além de ter um desempenho medíocre na escola de Linz, o que fez com que abandonasse os estudos. Lorde Voldemort candidatou-se ao cargo de professor de defesa contra as artes das trevas em Hogwarts, quando foi recusado lançou uma maldição no cargo, o que fez com que nenhum professor ficasse nele por mais de um ano.

Os dois tiveram uma infância conturbada e muito disso devido ao fato de terem perdido suas respectivas mães. Nenhum dos dois achou conforto e amor na figura paterna, ao contrário, já que Hitler era reprimido e maltratado pelo pai⁸⁸. Voldemort, por sua vez, foi abandonado pelo seu pai, o que fez com que depois que chegasse a fase adulta, ele o procurasse e o matasse.

Algo comum entre Adolf Hitler e Lord Voldemort é a relação conturbada que ambos tiveram com suas respectivas famílias, especialmente com a figura paterna. No segundo capítulo, comentamos o breve encontro de Lord Voldemort com a família paterna, e como o rancor, criado pelo abandono do pai, levou Voldemort a assassinar a família e forçar que o tio, Morfino, fosse condenado em seu lugar. (BENATTO, 2015, p 32).

Além disso, o Lorde das Trevas renegou o nome de seu pai, que era o mesmo que o seu, por isso passou a ser conhecido pelo anagrama Voldemort.

‘Lord Voldemort’ é o nome escolhido pelo personagem, após decidir que “Tom Riddle”, seu nome de batismo, não era digno de alguém com poderes de tamanha magnitude. Ainda, seu nome foi escolhido pela mãe como homenagem ao pai, trouxe. Seu desprezo por esta herança se deve, entre outros fatores, ao fato do pai ter abandonado a mãe à própria sorte, quando estava grávida. Além disso, sua ancestralidade trouxe, para ele, é motivo de grande vergonha. Assim, abandona o nome ‘Tom’, que considerava comum demais para alguém tão importante, e o sobrenome ‘Riddle’, único legado recebido de seu pai [...] (BENATTO, 2015, p. 14).

Hitler também cria um personagem, em sua *Mein Kampf*, procurando ocultar aquilo que considera suas fraquezas. Um exemplo disso é que na obra ele cria uma imagem positiva de seu pai, que na verdade nunca foi nada daquilo, a relação dos dois era péssima.

Como típicos ditadores era essencial para eles o controle da imprensa. Aqueles que não se adequassem estavam sujeitos à perseguição e/ou à morte. Como acontece com

⁸⁷ “O romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem” (CÂNDIDO, 2009, p. 55).

⁸⁸ “A cada instante, Adolf se chocava com a forte personalidade do pai, o qual lhe exigia respeito, acatamento da disciplina, e que declarava com altivez ter conseguido chegar a certa posição na vida graças ao exercício de uma autoridade implacável.” (FEST, 1976, p. 20).

Xenoflio Lovegood, que tem sua filha Luna sequestrada, por divulgar a verdade sobre o regime de Voldemort em seu pequeno jornal “O Pasquim”.

Outra semelhança encontrada entre o regime Nazista e o que vigorava durante ‘Relíquias da Morte’ é o controle meticuloso da imprensa. A propaganda nazista era eficaz em manter o povo alemão sob controle, e convencê-los de que o país estava em progresso, a caminho da vitória na Segunda Guerra. Em ‘Harry Potter’, o principal jornal bruxo, ‘Profeta Diário’, imediatamente sucumbe às exigências do novo regime. (BENATTO, 2015, p. 38).

Os nomes tanto de Hitler como de Voldemort são nomes conhecidos e temidos em seus respectivos mundos (real e fictício). “De fato, o nome escolhido por Voldemort era tão temido no mundo bruxo que quase nunca era usado; se referiam a ele como ‘Aquele que não deve ser nomeado’ ou ‘Você Sabe Quem’.” (BENATTO, 2015, p. 14).

Ambos possuem símbolos, a suástica nazista e a marca negra, ambos cumpriram o objetivo de provocar o terror nos “adversários” e criar uma estética marcante. Tanto Hitler como Voldemort detinham grande poder de influência, não é à toa que arrastavam uma legião de seguidores junto com eles. Um discurso extremista e agressivo, que explorava os diversos preconceitos de certos grupos, era a chave do convencimento.

Ambos procuraram construir para si uma imagem, livre de qualquer passado comprometedor, inspirada em sua vontade de conquistar a grandeza, cada um a seu modo. Lord Voldemort eliminou a família paterna, numa tentativa de apagar os registros de sua ancestralidade ‘impura’. Semelhantemente, Adolf Hitler concentrou esforços em manter seu verdadeiro passado em segredo. (BENATTO, 2015, p. 33).

A ideia de pureza racial também é algo que conecta os dois. Enquanto Hitler propagava a concepção de uma superioridade alemã e de uma raça ariana⁸⁷, Voldemort, por sua vez, defendia a ideia de pureza de sangue no mundo bruxo, ou seja, esses não poderiam se relacionar com os trouxas (não bruxos).

Hitler perseguia, torturava e matava judeus, ciganos, negros, deficientes, homossexuais, comunistas e qualquer um que se colocasse em seu caminho. “Na série literária, bem como no terceiro Reich, diversas medidas foram tomadas pela raça ‘superior’ na intenção de oprimir a ‘inferior’.” (BENATTO, 2015, p. 35). Voldemort por sua vez ocupava-se em perseguir os nascidos trouxas, os bruxos filhos de pais trouxas, que eram cruelmente apelidados de ‘sangue-ruim’ e assim como o outro, também destruía aqueles que se colocassem em seu caminho (a resistência⁹⁰).

⁸⁷ “A perda da pureza de sangue por si só destrói a felicidade íntima, rebaixa o homem por toda a vida, e as consequências físicas e intelectuais permanecem para sempre. Todos os demais problemas vitais, examinados e comparados em relação a este, aparecerão ridiculamente mesquinhos. Todos são limitados no tempo.” (HITLER, 2001, p. 242).

⁹⁰ Esse termo é usado na saga.

Também podemos relacionar a resistência dos estudantes em Hogwarts – em especial estudantes que fizeram parte da Armada de Dumbledore, com os movimentos de resistência alemã. Aleto e Amico Carrow, professores de Estudos dos Trouxas e Defesa Contra a Arte das Trevas, respectivamente, eram encarregados de dar aos estudantes uma educação direcionada nos moldes da nova ordem. Muitos estudantes resistiram ao novo regime escolar, e foram duramente castigados por isso. Entre eles, Neville Longbottom. (BENATTO, 2015, p. 38).

Um dos grupos de resistência contra o Lorde das Trevas foi a Ordem da Fênix. Pertenciam ao grupo Dumbledore, os pais de Harry, Sirius Black, o professor Remo Lupin, entre outros. Todos os personagens citados foram mortos por se colocarem no caminho de Voldemort. Entretanto, a maior resistência contra o bruxo das trevas foi a que aconteceu dentro da escola Hogwarts, não só por meio da Armada de Dumbledore, mas principalmente pelos professores e alunos que resolveram ficar para lutar (os menores de idade e os maiores que não queriam participar foram evacuados por uma passagem secreta, enquanto Voldemort estava cercado a escola).

Hitler, assim como Voldemort, tinha seguidores que compartilhavam de suas opiniões preconceituosas e outros que faziam o que era ordenado por medo. Entretanto, ambos também enfrentavam resistência.

De acordo com Eduardo Szklars (2014), houve grande resistência ao regime nazista. Muitos jovens judeus, que escaparam da ação dos nazistas, se tornaram guerrilheiros, e participaram de diversas investidas contra o regime. Szklars (2014) afirma que houve, ainda, grande resistência por parte da juventude alemã, que aos poucos percebia as falhas na Juventude Hitlerista. O autor cita a organização de resistência não violenta Rosa Branca, criada pelos irmãos Hans e Sophie Scholl, parte da Juventude Hitlerista. ‘Rosa Branca’ utilizava como arma uma máquina de escrever e um mimeógrafo; criavam e distribuíam panfletos atacando o regime. Após distribuírem panfletos desta ordem na Universidade de Munique, foram delatados por um funcionário, e mortos na guilhotina. (BENATTO, 2015, p. 39).

As duas ideologias racistas eram anteriores a Voldemort e Hitler, mas eles fizeram com que as mesmas tomassem grandes proporções.

Adolf Hitler não foi criador do antissemitismo. O movimento, que antes era de ordem religiosa, é muito anterior a ele. Segundo o próprio Hitler em ‘Mein Kampf’, dedicou-se por muito tempo ao estudo de folhetos antissemitas, procurando entender a questão. Uma vez entendida, tornou-se seu principal defensor, e hoje é conhecido como o principal representante do movimento antissemita já conhecido. (BENATTO, 2015, p. 52).

Nenhum dos dois de fato se encaixava completamente em seus próprios ideais de “pureza”. Hitler não era tão branco, não era loiro, não tinha olhos azuis, não era alto, tão pouco era alemão. Voldemort era mestiço, apesar de sua mãe ter sido uma bruxa de uma família importante, seu pai era trouxa.

O termo nazismo pode ter sido deixado de fora da jornada de Voldemort, mas o termo fascismo não foi. Ele aparece em uma realidade alternativa criada pelo filho de Harry ao usar

um vira-tempo (objeto mágico capaz de fazer voltar no tempo), nessa realidade Voldemort vence e instaura uma ditadura, na obra *Harry Potter e a Criança Amaldiçoada*. É sabido que o regime fascista italiano foi de grande inspiração para Hitler.

Tanto Hitler como Voldemort participam de duas guerras. Hitler serviu na primeira guerra e foi o causador da segunda, já Voldemort foi responsável pelas duas guerras bruxas. A primeira guerra mundial e a primeira guerra bruxa foram gatilhos para as que vieram a seguir.

A crença na primazia dos bruxos de linhagem puramente bruxa serve como gatilho para as duas guerras reportadas nos livros da saga. Quando os adeptos da ideologia de Salazar, depois de reconhecer em Lord Voldemort a figura de autoridade e passarem a tê-lo como representante, geram resultados catastróficos. Além de Lílian e Tiago Potter, pais de Harry, inúmeros personagens foram mortos, e outros tantos foram torturados até a loucura, como Alice e Frank Longbottom, pais do personagem Neville Longbottom, ou até a morte, como a professora de Estudo dos Trouxas Caridade Burbage, no início do sétimo livro. Sem mencionar os assassinatos de trouxas anônimos no mundo bruxo, noticiados no ‘Profeta Diário’ e que permaneceram inexplicáveis no mundo trouxa. (BENATTO, 2015, p. 19).

A busca pelo poder fez com que eles matassem, perseguissem e torturassem muitas pessoas. Ao negar ou diminuir a humanidade dos outros, estavam, na verdade, perdendo a sua própria. Ao não reconhecer o outro como humano digno de direitos e respeito, tornam a si mesmos indignos e desumanos. É de certa forma como criar uma Horcrux, pois quando o bruxo mata alguém, parte a própria alma.

Enquanto Voldemort admite apenas a existência do poder, e daqueles que são fracos para o desejarem, Hitler considera a vida uma eterna luta não entre bem e o mal, que são princípios básicos da humanidade, mas entre o fraco e o forte. Ambas as afirmações de Voldemort e Hitler são características do mau uso do livre-arbítrio, movido pelas paixões e não pela razão. (BENATTO, 2015, p. 45).

A maior prova que destruir o outro é uma “faca de dois gumes” é o resultado da ação dos dois tiranos, pois, não só aniquilaram inúmeras vidas, como perderam a própria. Ambos provocaram a própria morte de certa forma, Hitler cometeu suicídio e Lorde Voldemort foi morto pelo próprio feitiço, que ricocheteou. “Retomando a premissa de Boécio de que nenhuma manifestação do mal pode existir sem consequências, podemos observar que tanto Lord Voldemort quando Adolf Hitler, felizmente, tiveram um fim correspondente à magnitude de seus feitos maléficos.” (BENATTO, 2015, p. 52).

Há muitas coisas em comum entre Hitler e Voldemort, apesar do primeiro ser real e o outro fictício, certamente o primeiro dá base para o segundo. Ambos são valentões ambiciosos que descontam suas frustrações nos outros e que tentam se sentir superiores até as últimas consequências.

As maiores convergências entre ficção e realidade, entretanto, se dão entre os regimes totalitários. A ideologia de superioridade puro-sangue em muito se assemelha à ideologia antissemita pregada no Terceiro Reich. Podemos observar,

ainda, semelhanças entre os movimentos de resistência estudantil da ficção e os reais, bem como o controle meticuloso da imprensa. (BENATTO, 2015, p. 50-51).

No entanto, será que somente o famoso ditador da Alemanha se assemelha ao Lorde das Trevas? Apesar de Hitler ser bastante conhecido, parte do senso comum tende a reduzir o mal causado por ele ao antissemitismo, dessa maneira é mais difícil associar outras figuras a ele. Todavia, a perseguição aos judeus não foi a única realizada por Hitler e seu autoritarismo não se reduzia a esse grupo. Talvez seja interessante para outros déspotas com posturas excludentes que Hitler seja apenas uma figura distante no imaginário das pessoas, para que não reconheçam quando alguém como ele ressurgir.

Para Sócrates, tudo aquilo que não auxilia a fazer antes de tudo uma espécie de autoexame, não ajuda em muita coisa. Assim também pensa Rowling, como mostra seu discurso: “Nós não precisamos de magia para mudar o mundo, nós já carregamos todo o poder que precisamos dentro de nós mesmos: nós temos o poder de imaginar o melhor.” (ROWLING, 2008). Segundo Sirius (padrinho de Harry), todos possuem luz e trevas dentro de si, o que importa é com que lado se escolhe agir.

E então, com que lado você tem escolhido agir? Com que lado a maior parte da sociedade têm escolhido agir e como isso afeta a todos? Harry Potter vem lembrar a nossa sociedade os malefícios do preconceito, do autoritarismo e da desigualdade. Certamente a história já deveria ter ensinado a todos, mas infelizmente a falta de memória e de coragem leva tais fatos a voltarem a se repetir.

2.8 As Casas de Hogwarts, um Mito Alegórico do Patriotismo

Na coletânea *A Versão Definitiva de Harry Potter e a Filosofia* no capítulo “Patriotismo, lealdade à casa e as obrigações dos membros”, Andrew P. Mills levanta o questionamento se o patriotismo é realmente uma virtude. Mills compara a noção de patriotismo com as casas, as quais separam os alunos na escola de magia e bruxaria de Hogwarts. No início da jornada de cada aluno, o chapéu seletor envia-os para uma das quatro casas da escola: Grifinória, Sonserina, Lufa-lufa ou Corvinal.

Durante todos os anos em que estiverem na escola, vão ser com os alunos de sua casa que vão jogar e torcer pelo mesmo time de quadribol⁹¹ da escola, vão comer na mesma mesa, assistir as aulas juntos e apoiar uns aos outros para que sua casa ganhe os torneios e a taça das

⁹¹ Jogo bruxo, onde os participantes voam em vassouras e tentam acertar e defender aros e também pegar uma bola voadora (o pomo de ouro).

casas ao final de cada ano letivo. O desempenho e comportamento de todos na casa são importantes para que ganhem a pontuação necessária, assim, é preciso que não sejam individualistas, mas que deem suporte aos seus colegas de equipe.

Enxergando por este ângulo de cooperação, como acontece entre os alunos da Grifinória, parece ótimo até porque os mesmos convivem bem com os alunos da Corvinal e da Lufa-Lufa, mas e quando se trata da Sonserina? Os alunos dessa casa têm a tradição de levar a competição até as últimas consequências, trapacear e prejudicar os alunos das outras casas não é problema para eles. Claro que nem todos da casa agem assim, como também nem todos das outras casas conseguem desenvolver uma atitude pacífica com relação às demais casas em todos os momentos.

Ao mesmo tempo em que parece ser algo positivo e valoroso colocar os interesses do grupo acima do próprio, pode ser um problema colocar os interesses de outros grupos abaixo, como inferiores. Se isso é ampliado para as nações se torna ainda mais problemático. Mills cita os escritores Leon Tolstói e Emma Goldman para corroborar a ideia de que o patriotismo engendra a guerra. Lutar, matar e morrer por um território criado por uma linha imaginária ou de alguma outra forma artificial, é sensato?

Os alunos da Sonserina sentiam-se superiores aos demais, será que isso não ocorre com algumas nações em detrimento de outras? Se analisadas historicamente as consequências disso são benéficas?

Assim, o patriotismo parece envolver, se Tolstói e Goldman estão corretos, um senso de superioridade parecido com o de Voldemort nossa nação é a melhor, os cidadãos de nossa nação são melhores que os cidadãos de outras nações e essas outras nações devem servir aos nossos interesses, fornecendo-nos os recursos que precisamos ou comportando-se das maneiras que quisermos que se comportem – e se eles não fizerem isso de forma voluntária, nós os forçaremos a fazê-lo debaixo da vara. Ou pelo cano de uma arma. (MILLS⁹², 2011, p. 96).

Voldemort e a maioria dos comensais da morte fizeram parte da Sonserina, ou seja, ambos podem ser frutos dessa educação que divide e que fragmenta. O fato é que Voldemort não é somente fruto disso, como também se alimenta dessa divisão, tanto para enfraquecê-los, como para conseguir aliados em sua jornada em busca do poder. E Dumbledore percebe isso, tanto que alerta aos alunos para o fato que só conseguirão enfrentar o Lorde das Trevas unindo o que ele tenta separar. Até mesmo o chapéu seletor que tem a obrigação de dividir os alunos, acha que isso pode não ser o correto.

⁹² MILLS, A. *Patriotismo, lealdade à casa e as obrigações dos membros*. In: IRWIN, W. (Coordenador.). *A Versão Definitiva de Harry Potter e a Filosofia Hogwarts para os Trouxas*. Coletânea de Gregory Bassham; tradução de Giovana Louise Libralan. São Paulo: Madras, 2011.

Embora condenado a separá-los
 Preocupa-me o erro de sempre assim agir
 Preciso cumprir a obrigação, sei
 Preciso quarteá-los a cada ano
 Mas questiono se selecionar
 Não poderá trazer o fim que receio.
 Ah, conheço os perigos, os sinais
 Mostra-nos a história que tudo lembra,
 Pois nossa Hogwarts corre perigo
 Que vem de inimigos externos, e mortais
 E precisamos nos unir em seu seio
 Ou ruiremos de dentro para fora.
 (ROWLING, 2015e, p. 170).

Mills rememora que tratar uma pessoa ou um grupo de pessoas como melhores e mais dignas do que outras vai contra uma longa tradição ética⁹³. Para corroborar esse pensamento, cita os filósofos Jeremy Bentham, John Stuart Mill e Immanuel Kant, que apesar de terem muitas discordâncias em suas teorias, têm em comum a defesa da ideia de que todas as pessoas têm o mesmo valor. Nenhuma pessoa deve ser um meio para alcançar um objetivo e sim um fim em si mesmo.

A ideia de que devemos tratar as pessoas como detentoras do mesmo valor moral não conflita com a ideia de que se deve dar tratamento preferencial a algumas pessoas devido a certas características (tais como raça, sexo⁹⁴ ou linhagem) sobre as quais não tiveram nenhum controle? (MILLS, 2011, p. 98).

Mills entende que o patriotismo é perigoso por promover a ideia de superioridade baseada em preconceitos e o resultado disso é bastante destrutivo. “Pode levar ao imperialismo econômico e impedir ações conjuntas em situações nas quais trabalhar além das fronteiras nacionais seja crucial para resolver problemas comuns.” (MILLS, 2011, p. 101). E foi justamente quando Grifinória, Lufa-Lufa e Corvinal trabalharam juntas para que Voldemort não os dominasse que as fronteiras deixaram de existir, como mostra o cenário após o enfrentamento do tirano: “McGonagall⁹⁵ havia repostado as mesas do salão, mas ninguém estava sentado de acordo com as Casas: todos estavam misturados, professores e alunos, fantasmas e pais, centauros e elfos domésticos [...]” (ROWLING, 2015g, p. 541).

No entanto, é com a ajuda da filósofa Martha Nussbaum que o autor do capítulo, apesar do perigo dos excessos, consegue resgatar o sentido positivo no patriotismo. O senso

⁹³ Também para Sócrates, como já abordado, não interessa que apenas um grupo passe bem em detrimento dos outros.

⁹⁴ Sócrates também ironiza o fato de tratarem o gênero como uma diferença relevante.

⁹⁵ A professora Minerva é um pouco rígida, mas de maneira alguma é autoritária. Ao contrário disso, é a principal a se colocar contra o autoritarismo de Umbridge. Essa professora de transfiguração é muito respeitada pelos alunos tanto é que o ato mais pesado de Harry contra seus opositores não foi nas vezes em que sua vida estava em risco e sim quando cuspiram no rosto de Minerva. Depois do trio, Minerva foi o nome mais importante da batalha de Hogwarts e se tornou diretora da escola.

de comunidade e a cooperação podem ser construtivos, se as fronteiras culturais e de relacionamento entre as comunidades forem fluidas. Os alunos da Grifinória por diversas vezes trabalham em equipe e torcem pelos demais membros de sua casa. Contudo, caso possam ajudar os alunos de outras casas com quem geralmente têm menos convivência do que com os de sua própria, o farão (pelo menos, boa parte deles). Como acontece entre Harry e Cedrico Diggory (da casa Lufa-Lufa), os dois cooperam entre si, mesmo quando estão em alguma competição, como ocorre no Torneio Tribruxo (que daria ao seu campeão nada menos que a glória eterna e uma boa quantia em dinheiro). Um sempre, acaba salvando a vida do outro, a competição fica em segundo plano. Tanto é que, depois de tudo que enfrentaram juntos, decidem que os dois devem pegar a taça, ou seja, devem dividir o prêmio.

Em *Harry Potter e o Cálice de Fogo*, Cedrico é assassinado na frente de Harry, o fato do garoto ser de uma casa diferente, de ter ganho de Harry no quadribol, ou que estivesse competindo com ele em razão do Torneio não o fez sentir menos a morte daquele que a de um membro de sua casa. Ao contrário, Harry fica completamente abalado e traumatizado como se tivesse perdido alguém de sua família. A boa relação que os alunos da Corvinal, Lufa-lufa e Grifinória têm entre si, mesmo que não convivam tanto e participem de competições uns contra os outros, não se estende à Sonserina, mas isso é devido a uma longa tradição de intolerância.

A escola de magia e bruxaria de Hogwarts foi criada por quatro bruxos Godric Grifinória, Salazar Sonserina, Helga Lufa-Lufa e Rowena Corvinal. E assim criaram as quatro casas para que cada um ficasse responsável por um número de alunos. Sabendo que a escola sobreviveria mais tempo do que eles (os fundadores) enfeitiçaram um chapéu (que pertencia a Godric) para selecionar os alunos para as casas devido às habilidades que os fundadores apreciavam. A Sonserina era o lar dos estudantes mais astutos, engenhosos e ambiciosos. Corvinal era a casa que valorizava a perspicácia, inteligência e a criatividade. Na Grifinória os alunos são selecionados pelo companheirismo e coragem. Já a Lufa-Lufa é a mais inclusiva das quatro e valoriza a igualdade, trabalho duro, a paciência e a lealdade.

Todavia Salazar Sonserina “[...] mais sedento de poder, amava aqueles de grande ambição.” (ROWLING, 2015d, p. 133), começou a entrar em conflito com os demais professores, pois desejava que a escola apenas ensinasse bruxos de puro sangue, desejo que foi considerado descabido pelos outros colegas. Então, ele abandona a escola, não sem antes deixar no castelo suas armadilhas e ideologias. Como a câmara secreta, que ele deixou

escondida com um basilisco⁹⁶ dentro e que seria aberta por seu herdeiro e então, o monstro mataria os bruxos de sangue ruim. O herdeiro acabou sendo o Lorde das Trevas. Logo era tradicional dos Sonserinos terem uma postura um tanto intolerante (o que não se restringia a eles necessariamente).

Preservar tradições culturais é importante, principalmente de grupos minoritários que perderam parte da tradição pela violência e pela exploração feita por grupos com mais poder. O problema é quando as tradições são violentas, quando cerceiam a liberdade de membros do próprio grupo ou de fora. Como fazem os comensais da morte, maltratando pessoas que não têm o “sangue puro” por receio de contaminação de sua tradição e linhagem; atacando assim, também os bruxos que teoricamente têm o “sangue puro”, mas que são contra essa intolerância. O medo da influência exterior é tão grande que Lorde Voldemort chega a matar a professora de Estudo dos Trouxas, como relembra Mills.

Será que é correto preservar tradições como a castração feminina feita em algumas tribos africanas? Será que é preciso preservar o consumismo norte-americano que degrada o meio ambiente e explora a mão de obra e recursos de outros países? (MILLS, 2011).

Ao rejeitar a visão racista de Voldemort, os livros assumem uma posição a favor da igualdade de valor moral de todos os povos. Quando pensamos em como Harry conseguiu derrotar Voldemort, vemos que grande parte de seu êxito deveu-se a sua habilidade de se movimentar entre culturas e sua disposição em trabalhar em conjunto com pessoas de grupos étnicos diferentes. (MILLS, 2011, p. 107).

O fato de Harry conseguir se relacionar com as outras casas e com grupos étnicos diferentes, além de ter lhe ajudado muito, não fez com que sua contribuição à Grifinória fosse menor. Ele também não deixou de ter as características que sua casa tanto apreciava. Logo, ele não precisou ser intolerante para preservar a tradição, ao contrário, ser intolerante provocaria sua própria destruição (como ocorreu com Voldemort), pois havia assuntos que necessitavam da união de todos.

2.9 O Mundo Não Está Dividido entre os Bons e os Comensais da Morte: Não é Preciso Ser um Grande Vilão para Contribuir para o Mal

Apesar da História em Harry Potter apresentar, por um lado, pessoas como Voldemort ou Bellatrix Lestrange (uma das principais comensais da morte), personagens que praticamente perderam sua humanidade, e por outro, personagens extremamente virtuosos, sempre prontos a salvar, como Dobby, não quer dizer que tudo tenha tanta exatidão. Existem

⁹⁶ Criatura de origem mitológica que se assemelha a uma serpente gigante.

personagens que não chegam a ser Comensais da Morte, no entanto são capazes de males quase equivalentes, ou até mesmo contribuem com os interesses desses bruxos das trevas.

No quinto ano de Harry, Rony e Hermione na escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, eles e os demais alunos e professores são apresentados à Dolores Umbridge (ou Umbrige em algumas traduções). Ela que foi enviada pelo Ministro da Magia Cornélio Fudge para censurar os professores e o conhecimento, controlar os alunos e, principalmente, atacar e perseguir o professor Dumbledore. Hermione percebe as intenções da Secretária Sênior logo no início: “-Que tal ‘o progresso pelo progresso não deve ser estimulado’? Ou então ‘cortando sempre práticas que devem ser proibidas’? [...]. Significa que o ministério está intervindo em Hogwarts.” (ROWLING, 2015e, p. 177).

Umbridge não se envolvia diretamente com magia das trevas, pelo menos não até Voldemort alcançar o poder, ela era alguém que fazia o que lhe era ordenado, o que era conveniente. Isso não quer dizer que não utilizasse das piores formas para fazê-lo, ou que discordasse da ideologia do Lorde das Trevas, mas, enquanto lhe foi conveniente, negou (na medida do possível). Umbridge certamente é a personagem mais detestada do universo de Harry Potter pelos fãs, o que se pode dever, principalmente a sua hipocrisia e falsa docilidade. Talvez pessoas como Umbridge, que mantêm as aparências e estão do lado de quem está no poder, seja quem for, sejam tão ou mais perigosas que o próprio Voldemort. A bruxa é uma bajuladora⁹⁷ do poder e uma carrasca quanto mais o possui.

A prova de que Umbridge não é tão diferente de Voldemort é o fato dela ter perseguido e torturado Harry simplesmente por ele dizer uma verdade que o Ministro da Magia não queria aceitar. “E lhe entregou uma pena longa e preta, com a ponta excepcionalmente aguda. – Quero que o senhor escreva: Não devo contar mentiras [...]. Ah, o tempo que for preciso para a frase penetrar [...]” (ROWLING, 2015e, p. 219). Logo após começar a escrever, Harry percebeu que aquilo não era uma detenção comum.

E soltou uma exclamação de dor. As palavras apareceram no pergaminho em tinta brilhante e vermelha. Ao mesmo tempo, elas se replicaram nas costas de sua mão direita, gravadas na pele como se tivessem sido riscadas por um bisturi – contudo, mesmo enquanto observava o corte brilhante, a pele tornou a fechar, deixando o lugar um pouco mais vermelho que antes, mas de outra forma inteiro. Harry virou a cabeça para olhar a Umbridge. Ela o observava, a boca rasgada e bufonídea distendida em um sorriso. (ROWLING, 2015e, p. 220).

A pena que Umbridge deu a Harry não só escrevia no pergaminho como simultaneamente cortava a pele de Harry, mas fazer isso só uma vez não saciava o gosto de

⁹⁷ Para Sócrates um autêntico tirano é um autêntico bajulador, como abordado na página 50.

Umbridge pela tortura de um opositor, de alguém que a desafiava, então, fez com que se repetisse a ação, várias e várias vezes. “[...] as palavras *Não devo contar mentiras* não desapareceram das costas da mão de Harry.” (ROWLING, 2015e, p. 223). O ferimento era profundo e nunca cicatrizou. É importante ressaltar que Harry não contou o que havia acontecido aos professores, nem mesmo ao diretor, pois tinha medo que os mesmos sofressem retaliações.

Alguns professores começaram a resistir ao autoritarismo e censura de Umbridge, principalmente Minerva McGonagall, como Rony previra que aconteceria. “– Ah, mal posso esperar para ver McGonagall ser inspecionada – disse feliz. – A Umbridge não vai saber nem o que foi que a acertou.” (ROWLING, 2015e, p. 254). No entanto, o fato da professora Minerva não aceitar os seus desmandos, principalmente quando Umbridge queria infringir castigos severos aos alunos que perseguia, deixou Umbridge ainda mais furiosa.

-Bom, Minerva, na realidade – disse Umbridge afetando um sorriso -, acho que você vai descobrir que o que eu penso realmente conta. Vejamos, onde está Cornélio acabou de me enviar... quero dizer – ela deu uma risadinha fingida enquanto remexia na bolsa – o ministro acabou de me enviar ...ah, sim [...] Decreto Educacional nº25. [...] É, mais um – respondeu a outra ainda sorrindo. – Aliás, Minerva, foi você que me fez ver que precisávamos de mais uma emenda... lembre-se de como você passou por cima da minha cabeça, quando eu não quis deixar a equipe de quadribol da Grifinória se reorganizar? Como você levou o caso a Dumbledore, que insistiu que a equipe tivesse permissão de jogar? Então, agora eu não poderia permitir isso. Entrei imediatamente em contato com o ministro, e ele concordou que a Alta Inquisidora precisa ter o poder de retirar privilégios de alunos, ou ela, ou seja, eu, teria menos autoridade de que professores comuns. (ROWLING, 2015e, p. 341).

Umbridge recebeu do Ministro da Magia o cargo de Alta Inquisidora de Hogwarts, o nome já mostra o tamanho do problema. Um breve lembrete da realidade para mostrar tamanho o autoritarismo:

A Inquisição foi criada na Idade Média (século XIII) e era dirigida pela Igreja Católica Romana. Ela era composta por tribunais que julgavam todos aqueles considerados uma ameaça às doutrinas (conjunto de leis) desta instituição. Todos os suspeitos eram perseguidos e julgados, e aqueles que eram condenados, cumpriam as penas que podiam variar desde prisão temporária ou perpétua até a morte na fogueira, onde os condenados eram queimados vivos em plena praça pública. (VIRTUOUS TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO, *A Inquisição*. Só História, 2009-2020)⁹⁸.

Conforme obtém mais poder, a tirania aumenta e a humanidade, assim como o temor pelas leis, diminui. Fica cada vez menos preocupada em fazer o que o Ministro ordena e cada vez mais em demonstrar sua “superioridade” e autoridade.

E sua crueldade parece apenas aumentar conforme a quantidade de poder que lhe é dada. Conforme o ano passa, e ela alcança um papel de autoridade mais proeminente

⁹⁸ VIRTUOUS TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO, *A Inquisição*. Só História, 2009-2020. Retirado em 12/06/2020 de: <<https://www.sohistoria.com.br/ef2/inquisicao/>>

em Hogwarts, por causa do Ministério, seus decretos multiplicam-se, bem como suas detenções. Podemos especular que seu gradual aumento de autoridade apenas alimenta sua cobiça por mais poder. No entanto, uma coisa é certa: Platão a teria expulsado de sua academia. (WILLIANS e KELLNER, 2011, p. 128)⁹⁹.

Para que nada ameace seu despotismo, ela tenta evitar qualquer tipo de resistência, união ou demasiada intelectualidade. “Todas as organizações, sociedades, times, grupos, e clubes estudantis estão doravante dissolvidos. Uma organização, sociedade, um time, grupo ou clube é aqui definido como uma reunião regular de três ou mais estudantes.” (ROWLING, 2015e, p. 289). O que se assemelha muito ao que ocorreu no Brasil durante a ditadura militar e até mesmo alguns artifícios contemporâneos de censura, onde os professores e alunos só podem falar e estudar aquilo que agrada o governo. A resistência estudantil ou é desacreditada, ou deturpada (chamada muitas vezes de terrorismo, mesmo sendo o outro lado que inflige terror).

A perversidade de Umbridge faz com que Harry pense que ela é uma Comensal da Morte, mas seu padrinho o alerta: “[...] o mundo não está dividido entre os bons e os Comensais da Morte.” (ROWLING, 2015e, p. 249). Juntamente com o aviso, ele informa que Lupin conhece a fama da mesma devido ao fato de suas políticas excludentes terem prejudicado a minoria da qual ele faz parte “Não, mas ela apresentou um projeto de lei contra lobisomens há dois anos, que torna quase impossível para ele arranjar um emprego.” (ROWLING, 2015e, p.249). Os leigos em *Harry Potter* podem achar que ela tem razão em evitar Lobisomens, porém na saga se trata de um problema de saúde por contaminação, que causa sofrimento ao portador principalmente pelo preconceito e exclusão. E os Lobisomens podem controlar suas alterações com medicação (poção).

O padrinho de Harry também aponta uma das possíveis motivações que faz com que Umbridge exclua “minorias”. “– Tem medo, imagino.” (ROWLING, 2015e, p. 249). E o medo do diferente tem raízes na ignorância e no preconceito. Uma das provas da ignorância da Secretária é sua recusa em dialogar com os que divergem de suas ideias, mesmo que esses tenham estudado muito e a tratando com respeito. Umbridge não aceita questionamentos em sala como demonstra sua fala direcionada a Hermione: “– Ah, então essa é a sua opinião? – disse a professora, se esquecendo de murmurar e endireitando o corpo. – Bom, receio que seja a opinião do Sr. Slinkhard que conte nessa sala de aula, e não a sua, Srta. Granger.”

⁹⁹ WILLIANS, D e KELLNER, A. *Dumbledore, Platão e a Sede de Poder*. In: IRWIN, W. (Coordenador.). *A Versão Definitiva de Harry Potter e a Filosofia Hogwarts para os Trouxas*. Coletânea de Gregory Bassham; tradução de Giovana Louise Libralan. São Paulo: Madras, 2011.

(ROWLING, 2015e, p. 261). Mesmo Hermione tendo estudado profundamente o assunto, na concepção de Umbridge, ela não era digna de ser ouvida.

O fato de Umbridge ter sido nomeada para esse cargo e ter podido fazer tudo isso, e mais um pouco, deve-se a outro autoritário, talvez não tão agressivo, mas certamente conivente e incompetente, Cornélio Fudge.

Umbridge nunca ascendeu à posição de Ministra da Magia, mas o quase tão perigoso e inapto Fudge sim. Parte do que o tornou um ministro tão medíocre foi seu medo perpétuo de perder o poder. Essa preocupação promoveu tendências ditatoriais, que se manifestaram em um controle sobre a imprensa. A volta do Lorde das Trevas ao poder deveu-se em parte às falhas de Fudge enquanto líder. Por exemplo, quando Harry anunciou que Voldemort tinha voltado de fato, Fudge recorreu à difamação de Harry na imprensa a fim de manter sua própria imagem pública - uma imagem que só piorou quando a verdade apareceu. (WILLIANS e KELLNER, 2011, p. 128).

Fudge no início de sua carreira política mantinha uma boa relação com Dumbledore, pois reconhecia sua sabedoria, no entanto, na medida em que o amor pelo poder foi aumentando, o temor pela mesma sabedoria de Dumbledore cresceu.

-No fundo, Fudge sabe que Dumbledore é muito mais esperto que ele, um bruxo muito mais poderoso, e no início do mandato Fudge estava sempre pedindo ajuda e conselhos a Dumbledore – falou Lupin. – Mas parece que Fudge gostou do poder e se tornou muito mais confiante. (ROWLING, 2015e, p. 81).

O amor pelo poder tem fins egoísticos, pois para Fudge manter o cargo e a imagem era mais importante do que a verdade e a proteção da população. O apego que o Ministro tinha pelo poder e a capacidade de fazer qualquer coisa para mantê-lo talvez não chegassem aos extremos de Voldemort, mas é fato que, em menor ou maior proporção, eles tinham esses pontos em comum. E essas características fizeram com que ele negasse o perigo iminente de uma nova ascensão do Lorde das Trevas, o que contribuiu para que ela ocorresse.

Ele anseia pelo poder, e sua insegurança o leva a usar esse mesmo poder em seu próprio benefício, em vez de usá-lo pelo bem público. Ele tropeça em si mesmo em suas tentativas de manter o poder, o que o impede, por fim, de mantê-lo. Como Umbridge, Fudge carece das características essenciais que Platão descreveu como necessárias para um bom governo, em especial a coragem, a sabedoria e o autocontrole. (WILLIANS e KELLNER, 2011, p. 129).

O fato de estar apaixonado pelo cargo que ocupa o faz criar teorias da conspiração, como a de que Dumbledore quer derrubá-lo; por isso não cessa de perseguir o professor e de tentar deslegitimá-lo, sendo até mesmo capaz de levantar falsas acusações contra o mestre e mandar prendê-lo.

Fudge pensa que Dumbledore está conspirando para derrubá-lo. Acha que Dumbledore quer ser ministro da magia. [...] Claro que não quer – confirmou o Sr. Weasley. – Jamais quis o cargo de ministro, ainda que muita gente quisesse que ele o assumisse quando Emília Bagnold se aposentou. Mas foi Fudge quem assumiu o poder, e ele jamais esqueceu todo o apoio do povo a Dumbledore, ainda que jamais tivesse se candidatado ao cargo. (ROWLING, 2015e, p. 81).

E foi o medo do poder de influência de alguém tão sábio quanto Dumbledore, ou de uma juventude atuante politicamente como eram Harry e seus amigos, que fez com que Fudge tentasse controlar o que era ensinado em Hogwarts. “A posição de Umbrige como Alta Inquisidora de Hogwarts é outro exemplo das tentativas de Fudge de manter o poder de maneiras injustas.” (WILLIAMS e KELLNER, 2011, p. 129). O Ministro não era um Comensal da Morte, mas certamente sua postura é apoiada por eles, como ocorre com Lúcio Malfoy.

As novas medidas do Ministério receberam o apoio entusiástico dos pais dos alunos de Hogwarts. ‘Eu me sinto muito mais tranquilo agora que sei que Dumbledore está sujeito a avaliações justas e objetivas’, declarou o Sr. Lúcio Malfoy à noite passada de sua mansão de Wiltshire. ‘Muitos de nós que no fundo queremos que nossos filhos sejam felizes e bem sucedidos, estávamos preocupados com algumas decisões excêntricas que Dumbledore andou tomando nos últimos anos, e ficamos contentes de saber que o Ministério está atento à situação’. (ROWLING, 2015e, p. 253).

O apoio não só consistia no fato de Dumbledore, o maior opositor de Voldemort e alguém que se colocava contra a ideologia puro sangue, estar sendo perseguido e desacreditado, mas também se devia à postura cada vez mais inclusiva de Dumbledore, que assustava alguém tão preconceituoso como Malfoy.

Sem dúvida, entre as decisões excêntricas mencionadas encontram-se as nomeações controversas apontadas pelo jornal, entre as quais se incluem a contratação do lobisomem Remo Lupin, do meio-gigante Rúbeo Hagrid e do ex-auror delirante Olho-Tonto-Moody. (ROWLING, 2015e, p. 253).

A ambição de Fudge faz com que ele coloque a integridade dos alunos em risco, questione e desautorize os verdadeiros professores quando coloca alguém que não é habilitado no cargo.

‘Inicia-se assim uma nova fase no plano ministerial para enfrentar o que alguns têm chamado de queda nos padrões de Hogwarts’, diz Weasley. ‘A inquisidora terá poderes para inspecionar seus colegas educadores e se assegurar de que estejam satisfazendo os padrões desejados’. (ROWLING, 2015e, p. 253).

Muitos, dentro do Ministério da Magia, colocaram-se contra os desmandos de Fudge. Foi importante essa sinalização de discordância para que Dumbledore não fosse completamente desacreditado pela população bruxa.

Os juízes da Suprema Corte, Griselda Marchbanks e Tibério Ogden, renunciaram aos seus mandatos, em protesto à criação do cargo de Inquisidora de Hogwarts. ‘Hogwarts é uma escola e não um posto avançado do gabinete de Conélio Fudge’, declarou Madame Marchbanks. ‘Trata-se de mais uma tentativa repugnante de desacreditar Alvo Dumbledore’. (ROWLING, 2015e, p. 254).

É claro que nem todos tinham o privilégio de poder se posicionar. O medo de represálias e o fato de terem famílias para alimentar fez com que muitos tivessem que se calar ou manter as aparências, até mesmo para não deixar o Ministério somente para os ineptos. “-

Tonks e Arthur perderiam o emprego no Ministério se começassem a dar com a língua nos dentes.” (ROWLING, 2015e, p. 82).

Outro exemplo de como o ódio, o preconceito, o machismo e a violência podem estar bem presentes em pessoas “comuns”, ou seja, não só em Comensais da Morte, ou em um fascista explícito como Lorde Voldemort, por exemplo, é a Tia Guida (não era de fato tia de Harry). Guida era irmã de Válter, que era casado com Tia Petúnia (irmã da mãe Harry).

Tio Válter e tia Petúnia em geral encorajavam Harry a ficar fora do caminho deles, o que o menino fazia com a maior satisfação. Tia Guida, por outro lado, queria Harry debaixo dos seus olhos o tempo todo, para poder fazer, com aquele vozeirão, sugestões para melhorá-lo. Adorava comparar Harry a Duda, e tinha o maior prazer em comprar presentes caros para Duda enquanto olhava feio para Harry, como se o desafiasse a perguntar por que não recebera um presente também. Além disso, ela não parava de soltar piadas de mau gosto sobre as razões de Harry ser uma pessoa tão deficiente. (ROWLING, 2015c, p. 23).

Apesar dos tios Válter e Petúnia já dispensarem um tratamento bem cruel e indiferente a Harry, Guida conseguia ser pior. Válter havia dito a sua irmã que Harry estava frequentando um reformatório (Centro St. Brutus para Meninos Irrecuperáveis), achando que assim ia saciar a sede de Guida por torturas e castigos, mas apesar dela ficar bastante contente, não foi suficiente. Afinal, tortura psicológica, em pessoas que ela achava que não se encaixavam em seu padrão, era seu passatempo favorito. “Tive esperanças que a escola lhe desse, educação à força, se fosse preciso.” (ROWLING, 2015c, p. 22). Queria se regozijar com os detalhes “-Entendo. Eles usam a vara St. Brutus? – Vociferou ela do lado oposto da mesa.” (ROWLING, 2015c, p. 23).

Para pessoas como Guida a violência é a forma de deixar o diferente mais adequado, “-Ótimo- aprovou Tia Guida. – Não aceito essa conversa fiada de não bater em gente que merece. Uma boa surra de vara resolve noventa e nove casos em cem.” (ROWLING, 2015c, p.23). Claro que na concepção dela, Harry devia aceitar todos os insultos em silêncio¹⁰⁰.

Em suas falas Guida mostra um extremo machismo ao estabelecer um padrão de masculinidade que, apesar de extremo, é algo bastante comum mesmo atualmente. “-Você vai ter tamanho de homem, Dudoca, como seu pai.” (ROWLING, 2015c, p.25). É costumeiro para algumas pessoas naturalizar que animais são usáveis e descartáveis e estão a serviço apenas da vontade dos humanos superiores, mas isso mostra violência e crueldade alarmantes. É perceptível quando ela compara Harry a um cachorrinho que não a agradou. “Esse aí tem

¹⁰⁰ “Não gosto desse tom, moleque. Se você consegue falar das surras que leva com esse tom displicente, obviamente não estão batendo com a força que deviam. Petúnia, se eu fosse você escreveria à escola. Deixaria claro que os tios aprovam o uso da força extrema no caso desse moleque.” (ROWLING, 2015c, p. 23).

um jeito ruim e mirrado. A gente vê isso nos cachorros. Pedi ao Coronel Fubster para afogar um ano passado. Era um ratinho. Fraco. Subnutrido.” (ROWLING, 2015c, p.25). É perceptível que para ela tanto animais quanto humanos, que não agradem são indesejáveis.

O machismo dela é ainda mais evidente quando fala da mãe de Harry, que ela provavelmente nem conheceu. “Se tem alguma coisa errada com uma cadela, vai ter alguma coisa errada com o filhote.” (ROWLING, 2015c, p. 24). E por fim, o seu discurso se assemelha ao do Lorde das Trevas e dos Comensais da Morte, mesmo ela nunca tendo ouvido falar de nenhum deles. “-A coisa toda está ligada ao sangue, como eu ia dizendo ainda outro dia. O sangue ruim acaba aflorando.” (ROWLING, 2015c, p. 25).

Guida não é alguém com grande poder de alcance, no entanto, não se pode desconsiderar o mal que ela causa, como o que ela fazia Harry (ainda criança) sentir: “Com uma sensação de grande tristeza e depressão na boca do estômago.” (ROWLING, 2015c, p. 21). Sem contar que pessoas como ela propagam suas ideias e votam em eleições. Será que ela não ajudaria a eleger alguém com as mesmas ideias ou com o mesmo comportamento que Voldemort?

2.10 Draco e Duda: Preconceito, um Mito Alegórico da Violência por Imitação

Válter não foge muito à linha de pensamento e comportamento da irmã (Guida), além de fazer Harry dormir em um armário de vassouras embaixo da escada, ele tratava o sobrinho com extrema violência. “Vou fazer picadinho de você, não é mesmo? – rugiu o tio, avançando para o sobrinho com o punho levantado.” (ROWLING, 2015c, p. 20). Como se isso não fosse o suficiente, o comportamento ainda era visto e aprendido por seu filho Duda. “Duda fez ar de riso e desviou o olhar da televisão. Assistir a Harry ser maltratado pelo pai era sua diversão favorita.” (ROWLING, 2015c, p. 19). Tanto é que o garoto tinha o costume (típico de valentões) de bater em meninos menores do que ele.

Válter tinha o mesmo hábito de Guida de julgar apressadamente e severamente. “Quando é que eles vão aprender – exclamou tio Válter, batendo na mesa com o punho grande e arroxeadado – que a força é a única solução para gente assim?” (ROWLING, 2015c, p. 18). Essa reação foi devido ao fato da fuga da prisão de Azkaban realizada por Sirius Black aparecer no noticiário. E a prova de que se deve ter cuidado com condenações apressadas é que Sirius era inocente. Duda aprendeu com o pai a ter a força como solução para aquilo que te causa medo, para o desconhecido. Válter tinha medo dos supostos “bandidos”, como

mostra o trecho acima, e Duda tinha medo de Harry por ele possuir magia. Harry, então, era alvo principal das surras de Duda.

Os constantes mimos, tanto dos pais, como de Guida, também não faziam nenhum bem ao caráter de Duda; “[...] ela aparecera no Natal trazendo um robô computadorizado para Duda e uma caixa de biscoitos de cachorro para Harry.” (ROWLING, 2015c, p. 18). O que fazia com que o menino tivesse um comportamento pedante e interesseiro. “Duda só aguentava os abraços da tia, porque era pago para isso e não deu outra, quando os dois se separaram, Duda levava uma nota novinha de vinte libras apertada na mão.” (ROWLING, 2015c, p. 21).

Até mesmo Dumbledore que teve pouquíssimo contato com os Dursley, os avisou sobre o estrago que estavam fazendo em Duda:

- Os senhores não fizeram o que eu pedi. Nunca trataram Harry como um filho. Nas suas mãos, ele só conheceu o descaso e muitas vezes a crueldade. O máximo que se pode dizer a seu favor é que ele escapou do enorme dano que os senhores causaram a esse pobre menino sentado entre os dois. (ROWLING, 2015f, p. 44).

Um jovem que agride crianças pequenas é algo realmente preocupante, mas ainda mais alarmante é comportamento de Draco Malfoy. O garoto desde muito jovem gostava de ostentar sua riqueza e seu título de puro sangue. Ao saber que Harry iria frequentar a escola, Draco mostrou interesse por ele de início, Harry era famoso por ter sobrevivido ao ataque do Lorde das Trevas, alguns Comensais da Morte acreditavam que ele poderia vir a se tornar um bruxo das Trevas ainda mais poderoso que Voldemort. “-É verdade? – Perguntou. – Estão dizendo no trem que Harry Potter está nesta cabine. Então é você¹⁰¹?” (ROWLING, 2015a, p. 82).

Já no primeiro contato com Rony, Draco revelou seu elitismo: “-[...] Nem preciso perguntar quem você é. Meu pai me contou que na família Wesley todos têm cabelos ruivos e sardas e mais filhos do que possam sustentar. Virou-se para Harry.” (ROWLING, 2015a, p. 82). E continuou arrogantemente: “- Você não vai demorar a descobrir que algumas famílias de bruxos são bem melhores do que outras, Harry. Você não vai querer fazer amizade com as ruins. E eu posso ajudá-lo nisso.” (ROWLING, 2015a, p. 82). Foi, então, que Harry fez seu primeiro inimigo mágico, por não aceitar o tratamento desferido a Rony: “-Acho que sei qual é o tipo ruim sozinho, obrigado – disse com frieza.” (ROWLING, 2015a, p. 82). Ao que Draco responde com ameaças e mais preconceito:

- Eu teria cuidado se fosse você, Harry – disse lentamente. -A não ser que seja mais educado, vai acabar como os seus pais. Eles também não tinham juízo. Você se

¹⁰¹ No filme essa cena ocorre na escadaria de Hogwarts.

mistura com gentinha tipo os Wesley e aquele Rúbeo e vai acabar se contaminando. (ROWLING, 2015a, p. 82).

Draco foi o primeiro personagem da série a usar o termo sangue ruim, isso ocorre ao ser questionado por Hermione, depois da garota vê-lo atacando Harry e os demais membros do time da Grifinória por não terem vassouras tão novas como a dele. “- Pelo menos ninguém do time da Grifinória teve de pagar para entrar – disse Mione com aspereza. – Entraram por puro talento.” (ROWLING, 2015b, p. 87). É claro que alguém como Malfoy não aceitaria facilmente o apontamento da hipocrisia, da sua condição e seus privilégios, a maioria das pessoas não aceita quanto mais alguém como ele. Alguém que aprende que tem mais direito que os outros, por privilégio de nascença. Então, ele a ataca “Ninguém pediu sua opinião, sua sujeitinha de sangue ruim – xingou ele.” (ROWLING, 2015b, p. 88). E Rony pode explicar o peso disso:

Sangue ruim é o pior nome para alguém que nasceu trouxa, sabe, que não tem pais bruxos. Existem uns bruxos, como os da família de Malfoy, que se acham melhores do que todo mundo porque têm o que as pessoas chamam de sangue puro. [...]. Nós sabemos que isso não faz a menor diferença. (ROWLING, 2015b, p. 90).

Os insultos a Hermione são constantes, mesmo em situações extremas, como quando houve um ataque dos Comensais da Morte na Copa Mundial de Quadribol. Os seguidores de Voldemort vestidos com roupas parecidas com as dos membros da Ku Klux Klan¹⁰² torturavam trouxas e aterrorizavam a multidão.

Ele percebeu que tinham as cabeças encapuzadas e os rostos mascarados. No alto, pairando sobre eles no ar, quatro figuras se debatiam, forçadas a assumir formas grotescas. Era como se os bruxos mascarados no chão fossem titereiros, e as pessoas no alto, marionetes movidas por cordões invisíveis que subiam de varinhas erguidas. Mais bruxos foram se reunindo ao grupo que marchava, riam e apontavam para os corpos no ar. Barracas se fechavam e desabavam à medida que a multidão engrossava. (ROWLING, 2015d, p. 91).

Os Comensais não só tentavam demonstrar sua “superioridade” e domínio como também mostram nas entrelinhas racismo, machismo e abuso sexual: “Um dos arruaceiros virou a Sra. Roberts de cabeça para baixo com a varinha; a camisola dela caiu, deixando à mostra suas enormes calças; ela tentava se cobrir enquanto a multidão embaixo dava guinchos e vaias de alegria.” (ROWLING, 2015d, p. 92). A maioria das pessoas que presenciou a cena ficou completamente aterrorizada e enojada: “-Que coisa mais doentia – murmurou Rony, observando a menos duas crianças trouxas, que começava a rodopiar feito um pião, quase

¹⁰² Os cientistas políticos e historiadores caracterizam a Klan como uma organização da extrema-direita. Essa classificação é realizada com base na análise de sua ideologia, que atualmente inclui ideais como supremacismo branco, antissemitismo, xenofobia etc.

Retirado em 19/06/2020 de <<https://www.historiandomundo.com.br/curiosidades/ku-klux-klan.htm>>

vinte metros acima do chão, a cabeça sacudindo molemente de um lado para outro. –Que coisa realmente doentia...” (ROWLING, 2015d, p. 92). Entretanto, nem todos demonstraram aversão à situação: “Granger, eles estão caçando trouxas – disse Malfoy. –Você vai querer mostrar suas calcinhas no ar? Porque, se quiser, fique por aqui mesmo... eles estão vindo nessa direção, e todos vamos dar boas gargalhadas.” (ROWLING, 2015d, p. 93).

Rony também era um alvo constante de Malfoy, apesar de ser uma família puro sangue, seus parentes eram considerados traidores do sangue por se associarem aos trouxas. Isso somado à falta de dinheiro, já era suficiente para receber humilhações. Como a música que Draco e seus amigos da Sonserina fizeram, como grito de torcida, quando Rony entrou para o time da Grifinória. Uma das frases mais repetidas era: “Wesley nasceu no lixo.” (ROWLING, 2015e, p. 335).

Nesse ataque Draco também revela seu machismo ao se referir à mãe de Rony: “- Queríamos acrescentar mais uns versos! – gritou Malfoy, enquanto Katie e Alícia abraçavam Harry. – Mas não encontramos rimas para gorda e feia, queríamos cantar alguma coisa sobre a mãe dele sabe...” (ROWLING, 2015e, p. 338). O machismo continua ao se referir ao pai dos Wesley, somado ao elitismo e racismo:

[...] também não conseguimos encaixar ‘fracassado inútil’ para o pai dele, sabe [...], mas você gosta dos Wesley, não é Potter? Continuou Malfoy, caçoando. – Passa férias lá e tudo, não é? Não sei como você aguenta o fedor, mas suponho que para alguém criado por trouxas, até o pardieiro dos Wesley cheira bem... (ROWLING, 2015e, p. 338).

Nem mesmo a mãe morta de Harry escapou pelo fato de ser uma nascida trouxa. “Ou vai ver – disse Malfoy, recuando com um sorriso debochado – você se lembra de como a casa da sua mãe fedia, Potter, e o chiqueiro dos Wesley faz lembrar dela...” (ROWLING, 2015e, p. 338).

Draco era mau por natureza? Como uma criança pode ser tão cruel? Talvez o comportamento de seu pai Lúcio Malfoy revele as motivações do garoto. O elitismo com que inferiorizava a família Wesley: “Meu Deus, Arthur – disse ele, baixinho. – Que foi que você precisou vender para comprar lugares no camarote de honra? Com certeza sua casa não teria rendido tudo isso não.” (ROWLING, 2015d, p. 78). Ou o preconceito racial, que ele tentava disfarçar publicamente (quando era conveniente) para não enfrentar problemas no ministério:

Os olhos Sr. Malfoy se voltaram para Hermione, que corou de leve, mas retribuiu seu olhar com determinação. Harry sabia exatamente o que estava fazendo os lábios do Sr. Malfoy se crisparem. Os Malfoy se orgulhavam de ter o sangue puro; em outras palavras, consideravam qualquer pessoa que descendesse de trouxas, como Hermione, gente de segunda classe. (ROWLING, 2015d, p. 79).

Na copa mundial de quadribol, enquanto seu filho atacava Hermione verbalmente, Lúcio Malfoy estava torturando os trouxas fisicamente. É bem provável que Draco tenha esse comportamento por imitação, pois ao invés dos pais corrigirem o mau comportamento do filho, o encorajam e inclusive fazem pior.

Uma cena emblemática da série (presente nos livros e nos filmes com algumas adaptações) é a que ocorre na loja Floreios e Borrões, onde Draco começa a destilar seu preconceito. “- Não tão surpreso como estou de ver você numa loja, Weasley – retrucou Malfoy. – Imagino que seus pais vão passar fome um mês para pagar todas essas compras.” (ROWLING, 2015b, p. 51). A situação fica pior com o aparecimento do pai de Draco “[...] com um sorriso de desdém igual ao do filho.” (ROWLING, 2015b, p.51). Ele questiona se o Sr. Weasley está ganhando hora extra. “Ele meteu a mão no caldeirão de Gina e tirou [...] um exemplar muito antigo e surrado de um *Guia de transfiguração para principiantes*. - É obvio que não – conclui o Sr. Malfoy. – Ora veja, de que serve ser uma vergonha de bruxo se nem ao menos lhe pagam bem para isso.” (ROWLING, 2015b, p. 52).

A fala de Lúcio Malfoy se deve ao fato de Arthur Weasley trabalhar com estudo dos artefatos dos trouxas, trabalho pelo qual Sr. Weasley tinha extrema paixão, curiosidade e admiração. Já Malfoy desprezava tudo que tivesse relação com trouxas. Eram o preconceito e ar de superioridade que causavam desprezo e vergonha no Sr. Wesley. “-Nós temos ideias muito diferentes do que é ser uma vergonha de bruxo, Malfoy.” (ROWLING, 2015b, p. 52).

E por fim Malfoy deixa seu preconceito por trouxas e nascidos trouxas, ainda mais evidente. “- Visivelmente – disse o Sr. Malfoy, seus olhos claros desviando-se para o Sr. e Sra. Granger, que observavam apreensivos. – As pessoas com quem você anda, Wesley... e pensei que sua família já tinha batido no fundo do poço...” (ROWLING, 2015b, p. 52).

Tanto Duda como Draco imitam parte do comportamento dos pais, porém nem sempre são os pais que têm a maior responsabilidade nesse tipo de comportamento¹⁰³. Petúnia (Tia de Harry), por exemplo, era filha de pais que adoravam ter uma bruxa na família (no caso Lilian), no entanto, ela não se cansava de chamar a irmã de esquisita e anormal. Provavelmente seus atos eram movidos por uma vontade reprimida, a de querer ser uma bruxa. Prova disso que ela manda uma carta para Hogwarts na tentativa de conseguir uma vaga, carta que é respondida de forma educada por Dumbledore, porém com uma negativa. Ao se casar com Válter a situação piorou, pois encontrou alguém tão reprimido e ressentido,

¹⁰³ Sócrates passa boa parte da obra *A República* tratando dos perigos de uma má educação e das influências que levam as pessoas a serem violentas e egoístas.

ou mais, que ela. Além disso, Draco e Duda acabaram por se juntar a pessoas com o mesmo comportamento, o que intensificava suas práticas.

É preciso se levar em conta também que, mesmo vivendo entranhados em alienação, a luz do conhecimento e do bem podem arrumar meios de entrar, tanto é que Draco e Duda reviram de algum modo seus comportamentos. Draco passou por um longo período de crise existencial. Houve certa mudança que, apesar de incompleta, não se pode negar que ocorreu.

Quando os Dursley estavam fugindo da ameaça de Voldemort, Duda não entendia porque eles deveriam deixar Harry para trás e chega a questionar a respeito. Draco por sua vez ao receber a missão de matar Dumbledore não consegue cumpri-la, pois não queria realmente fazer. Quando capturam Harry e ele está com uma azaração (tipo de feitiço) no rosto, que Hermione lançou para que Harry não fosse reconhecido, Draco sabe que é ele, todavia mente e não o entrega para que não seja morto (mesmo que fosse ganhar muito com isso).

É importante lembrar que Duda e Draco antes de sentirem algum tipo de remorso fizeram mal a muitos. E que seus próprios pais fizeram muito mal a eles, como falou Dumbledore acima. A história mostra mais a perspectiva de Harry, mas não se pode esquecer das muitas vezes que Draco ficou chorando no banheiro se sentindo sozinho, com medo e sem saída. Talvez a busca pela aprovação de seu pai, tenha feito Draco não conhecer a si mesmo.

2.11 A saga de Harry Potter: um Mito Alegórico Contra o Autoritarismo

Uma das questões centrais em Harry Potter é certamente o poder. O que faz da saga uma história que vai além da fantasia e traz reflexões importantes, sem desinteressar os mais fechados para a política (justamente por usar o recurso da fantasia). O autoritarismo, a exploração, o desprezo pela vida e o uso de outro ser para atingir objetivos egoísticos são temas que permeiam a investigação filosófica há muito tempo, porém dificilmente se esgotam ou ficam velhos, infelizmente pelo fato desses problemas ainda existirem na prática.

[...] o mundo encontra-se, de maneira persistente oprimido pelo abuso de poder. Os governantes encontram, com continuidade meios novos e criativos de forrar seus bolsos, privilegiar seus amigos e assegurar ou mesmo reforçar a própria autoridade. A lista de agressões chocaria até muitos Comensais da Morte – ou talvez os encheria de inveja. (WILLIAMS e KELLNER, 2011, p. 122).

Mas por que sendo algo que a humanidade convive há tanto tempo, há tão pouco progresso com relação a proteger a população de usurpadores na política? Por que as pessoas continuam a criar tiranos, apoiá-los ou mesmo a não fazer nada a respeito deles?

Talvez porque não tenhamos aprendido as lições importantes do primeiro filósofo político ocidental, Platão (424 – 348 a.C.). A solução de Platão para esse problema é

engenhosamente simples: o poder nunca deve estar nas mãos daqueles que o cobiçam. Antes, seria concedido apenas àqueles que prefeririam ocupar-se em outros assuntos. É o desinteresse pelo poder que, de modo paradoxal, faz os melhores governantes. Essa lição acaba sendo central ao clímax da série inteira de Harry Potter. (WILLIAMS e KELLNER, 2011, p. 123).

Em Dumbledore, personagem extremamente relevante em Harry Potter, vemos a personificação do professor, sábio, idealista que exerce uma liderança educacional e política. Apesar de ser apenas um diretor de escola, e não um ministro da magia ou algo do tipo, justamente por negar-se a estar em um cargo de grande poder, exerce uma liderança quase inata e que além de todas essas características, já muito alinhadas aos ideais platônicos, ainda defende uma filosofia do poder praticamente idêntica àquela de Platão.

Para esse professor, diretor de Hogwarts e um dos bruxos mais poderosos de todos os tempos, aqueles que nunca procuram o poder são os mais adequados para ele, como ele afirma em *Harry Potter e as Relíquias da morte*: “É uma coisa curiosa, Harry, mas talvez os que têm maior talento para o poder sejam os que nunca o buscam. Pessoas, como você, a quem empurram a liderança e que aceitam o manto do poder porque devem, e descobrem, para sua surpresa, que lhes cai bem.” (ROWLING, 2015, p. 522).

Assim como Platão acredita que os ávidos pelo poder não são adequados a ele, o sábio professor Dumbledore acredita que não se deve dar o poder a quem deseja o mesmo. Renegam assim o egoísmo, o autoritarismo, a ambição, a demasiada violência e a busca desenfreada e animalizada por dominar. Busca que não tem como líder a razão, é governada pelos instintos.

Já no primeiro livro, e respectivamente no primeiro filme, denominado *Harry Potter e a pedra filosofal*, Dumbledore coloca a possibilidade do poder apenas para aqueles que não usariam em benefício próprio. Nesse caso, o poder é representado pela Pedra Filosofal, que na história daria ao seu dono o elixir da vida eterna e a possibilidade de transformar qualquer objeto em ouro. Dumbledore explica a Harry seu feitiço, o que protegeu a pedra: “- Ah, fico satisfeito que você tenha me perguntado. Foi uma das minhas ideias mais brilhantes, e cá entre nós, isto é alguma coisa. Sabe, só uma pessoa que quisesse encontrar a pedra, encontrar sem usá-la, poderia obtê-la.” (ROWLING, 2015, p.215). Harry obteve a pedra, pois não a desejava para si, e sim para livrá-la daquele que a usaria para o mal (Lorde das trevas). Parece que assim como Platão, Dumbledore também previa que o poder teria que ser ocupado por pessoas que não o querem para salvar daqueles que o desejam.

Dumbledore causava temor nos tiranos, principalmente em Voldemort. “Dumbledore é única pessoa de quem Você-Sabe-Quem já teve medo na vida!¹⁰⁴” (ROWLING, 2015e, p. 80). Como Harry diz ao próprio Lorde das trevas, quando esse se coloca na posição de maior bruxo de todos os tempos.

Desculpe desapontá-lo, e tudo o mais, mas o maior bruxo do mundo é Alvo Dumbledore. Todos dizem isso. Mesmo quando você era poderoso, você não se atreveu a tentar dominar Hogwarts. Dumbledore viu através de você quando frequentou a escola e ainda o amedronta hoje, onde quer que você se esconda... (ROWLING, 2015b, p. 232-233).

Até mesmo para matar Dumbledore, Voldemort precisou mandar outra pessoa, não atreveu-se a tentar ele mesmo. E mandou achando que falharia, por isso, já mandou quem queria castigar (no caso Draco). E realmente Draco falhou. Dumbledore só foi morto, pois decidiu que seria melhor morrer naquele momento, assim pouparia a vida de Draco e faria com que Snape ganhasse a confiança do Lorde das Trevas (permitindo que ele continuasse como homem de Dumbledore infiltrado no grupo dos comensais da morte, protegendo dessa forma os alunos de Hogwarts na medida do possível).

Talvez um personagem mais apto a governar seja Dumbledore. ‘Foi-lhe oferecido o cargo de Ministro da Magia, não uma, mais diversas vezes’ e ele é, afinal, o personagem mais filosófico da série Harry Potter, o que o torna escolha óbvia para governante-filósofo. Quase todas as fábulas terminam com uma lição do sábio, que de forma brilhante reúne e interliga os acontecimentos do ano anterior com todos os seus múltiplos significados. Em O Enigma do Príncipe, enquanto absorto na Penseira, Dumbledore adentra em questões a respeito da natureza humana e da psicologia moral do mal, dando a Harry e a nós leitores, pistas importantes de como deve ser um governante. (WILLIAMS e KELLNER, 2011, p. 130).

Afinal, se o diretor é tão sábio, possui tanto conhecimento sobre o poder e ainda causa temor nos tiranos, parece uma ótima alternativa ao poder. O que poderia impedi-lo de ser um bom governante?

Dumbledore inclusive exhibe todos os traços fundamentais que um governante – filósofo deve ter. Ele é corajoso, justo e sábio e tem autocontrole – ou não? Em As Relíquias da Morte, nós descobrimos que Dumbledore foi tentado pelo poder da juventude, junto com seu amigo Gerard Grindelwald. (WILLIAMS e KELLNER, 2011, p. 130-131).

Na juventude, Dumbledore, envolto em tragédia e desestrutura familiar, acabou se aliando a Grindelwald, que tinha sonhos bastante ambiciosos em tirar os bruxos da clandestinidade, o que parece ser bastante razoável. O problema é que Grindelwald não mediria meios para atingir determinado fim. Prova disso, é que um dos seus principais objetivos era encontrar as relíquias da morte.

¹⁰⁴ Condiz com a ideia que aparece na obra platônica de que os tiranos apesar de fazerem sucesso entre os seus, perto de alguém realmente sábio sua pequenez fica evidente.

Dumbledore também estava interessado nas relíquias, mais especificamente em uma: a pedra da ressurreição, uma vez que queria trazer de volta os pais que haviam falecido, principalmente para que cuidassem de sua irmã doente. Ao contar sobre as relíquias e seu antigo desejo para Harry, o professor diz: “– Reais e perigosas, além de uma sedução para os tolos. E eu próprio fui um tolo. Mas você sabe disso, não é?” (ROWLING, 2015g, p. 518).

Grindelwald também estava mais interessado em uma relíquia específica. Claro que no caso dele, como um típico tirano, seu maior desejo era por aquela que acreditava ser de maior poder, era por aquela que poderia oprimir e subjugar os adversários à Varinha das Varinhas. Se uniram, então, em prol de um objetivo supostamente em comum, as relíquias da morte, nas palavras de Dumbledore: “– Dois rapazes inteligentes e arrogantes com uma obsessão em comum.” (ROWLING, 2015g, p. 519).

Dumbledore estava praticamente deixando sua obrigação com seus irmãos mais novos de lado para estar ao lado de Grindelwald atrás das relíquias da morte e atrás de um suposto “bem maior”. “– Grindelwald e eu os jovens líderes gloriosos da revolução.” (ROWLING, 2015g, p. 520).

No entanto, Grindelwald acabou mostrando a Dumbledore que era capaz de tudo, inclusive ir contra a família do parceiro. Os dois e mais o irmão de Alvo Dumbledore, Aberforth Dumbledore, travaram uma batalha que acabou resultando na morte da irmã mais nova dos dois, Ariana Dumbledore. Alvo percebeu, à proporção dos malefícios que alguém como Grindelwald pode causar, infelizmente era tarde demais para a sua família.

Na conversa entre Dumbledore e Harry é possível enxergar que o “valentão” é na verdade um covarde: “– Bem, Grindelwald fugiu, como todo o mundo, exceto eu, poderia ter previsto. Sumiu com os seus planos de tomar o poder e seus projetos de torturar trouxas, e seus sonhos com as Relíquias da Morte [...]” (ROWLING, 2015g, p. 521).

A experiência com Grindelwald fez com que Dumbledore tivesse certa aversão ao poder em demasia. A morte de sua irmã fez com que ele sentisse extremo remorso, além de inculcar no diretor o pensamento de que não era adequado aos altos cargos.

‘Os anos passaram. Correram boatos a respeito dele. Diziam que obtivera uma varinha de imenso poder. Entrementes, me ofereceram o posto de Ministro da Magia, não uma, mas várias vezes. Naturalmente recusei. Aprendera que não seria confiável se tivesse o poder em minhas mãos’. (ROWLING, 2015g, p. 521).

Dumbledore não iria permitir que seu erro ajudasse a tirar mais vidas, então confrontou e derrotou Grindelwald em um duelo, que fez com que o bruxo das trevas perdesse a varinha para o professor. Grindelwald foi preso em uma fortaleza, que ele mesmo criou para aprisionar seus inimigos. Alvo utilizou a varinha apenas para proteger os outros,

principalmente proteger de tiranos. O professor não fazia dela um meio para grandes demonstrações de poder, tanto é que só foi descoberto que ele estava com a Varinha das Varinhas depois de sua morte.

– Talvez um homem em um milhão possa unir as Relíquias, Harry. Eu só merecia possuir a mais mesquinha delas, a menos extraordinária. Eu merecia possuir a Varinha das Varinhas, e não me gabar disso, e não usá-la para matar. Tinha permissão de domar e usar a varinha, porque a conquistara, não para meu ganho pessoal, mas para salvar os outros do seu poder. (ROWLING, 2015g, p.523).

Para os filósofos William e Kellner, o fato de Dumbledore reconhecer que não era apropriado ao poder, já mostrava seu conhecimento e caráter. “Dumbledore promove a justiça na comunidade mágica tão somente por conhecer a si próprio, resistindo ao poder pelo qual anseia e transmitindo as lições a seus alunos.” (WILLIAMS e KELLNER, 2011, p. 131).

Para os dois pensadores era louvável esse conhecimento que o professor tinha de si, eles fazem então um comparativo com as ideias transmitidas por Sócrates.

Sobre esse período, ele admite que ‘Eu tinha aprendido que eu não era confiável quando detinha o poder... que o poder era minha fraqueza e minha tentação’. [...] O que torna Dumbledore venerável, mesmo com essas falhas, é o conhecimento que tem de si próprio. O professor de Platão, Sócrates instruía seus alunos a conhecerem a si mesmos; Dumbledore conheceu-se o suficiente para saber que ele não poderia ser confiável se detivesse o poder (WILLIAMS; KELLNER, 2011, p. 131).

Mas será que Dumbledore realmente não era confiável tendo o poder? Certamente, o Dumbledore jovem não era muito, mas se for levado em conta a ideia contida nos textos platônicos de que a velhice pode ajudar a acalmar as partes mais ferozes da alma, pois as paixões diminuem e dão espaço a parte racional, talvez Dumbledore seja o maior exemplo disso. Já na juventude o diretor de Hogwarts aprendeu o que a busca pelo poder pode fazer e passou os demais anos de sua vida aprofundando seus conhecimentos, ensinando e combatendo os preconceitos, a exclusão e o autoritarismo.

Talvez seja possível compreender melhor como alguém como Dumbledore foi seduzido pelas ideias de alguém como Grindelwald, pois mesmo em sua juventude Alvo já detinha um bom conhecimento; e a resposta é que ele estava seduzido pelo próprio Grindelwald. Então, as paixões da juventude que aparecem descritas na obra platônica, se encaixam mais perfeitamente nessa história. Afinal, não é possível escolher por quem se apaixonar, mas a força com que uma paixão controla alguém é maior na juventude (pelo menos é isso que aparece no início de *A República*). Mas esse Dumbledore mais velho, que passou a vida absorto em buscar a verdade, que passou a vida dedicado ao ensino e que acima de tudo não deseja mais o poder, nega ocupar os cargos que lhe são oferecidos, é justamente alguém ideal para ocupar o poder (pelo menos na perspectiva socrática).

Willians e Kellner fazem uma comparação entre a vivência de Dumbledore e de Platão e os ensinamentos que essas lições trouxeram para os mesmos. Ambos tiveram experiências ruins com pessoas próximas que estavam fascinadas pelo poder.

Tal qual Dumbledore, Platão testemunhou um colega sedento de poder, o tempestuoso Alcibíades, elevar-se a altas posições políticas apenas para trair Atenas ao aliar-se a seus inimigos espartanos. Atenas acabaria por perder a guerra e sofrer a humilhação de ter uma tirania imposta conhecida como ‘Os Trinta’ liderada pelo temido Crítias. Crítias era um tirano sanguinário que, por acaso, era primo da mãe de Platão. Muitos anos depois, Platão foi convidado a viajar para Siracusa a fim de preparar o petulante filho do Dionísio I. (WILLIANS; KELLNER, 2011, p. 123).

Tanto um, como o outro queriam promover transformações sociais e inclusive cogitaram ocupar cargos políticos para que pudessem fazer a diferença.

De fato, Platão, como Dumbledore, já tinha considerado com seriedade uma carreira política – uma escolha natural, dados seus talentos, ligações familiares e experiências pessoais. Assim, embora Platão seja por vezes visto como um filósofo sonhador, nada poderia estar tão longe da verdade. Suas observações a respeito da verdade. Suas observações a respeito dos políticos e suas relações com o poder são baseadas em experiências reais. (WILLIANS; KELLNER, 2011, p. 122- 123).

Ambos se negaram a ocupar cargos na política, o que ocorreu também com Sócrates, justamente pelo fato de não terem boas experiências com o poder. Isso não quer dizer que eles se afastaram da política completamente.

O que Platão aprendeu em seus encontros com o poder político? Suas respostas mais detalhadas às suas próprias experiências pessoais estão registradas em sua ‘Carta Sétima’, endereçada aos governantes de Siracusa. A carta narra seus próprios flertes com o poder político, incluindo a oportunidade de se unir aos Trinta no fim da guerra de Polenoso. No princípio ele ficou profundamente tentado a unir-se a eles para moldar uma nova sociedade, talvez para promover o ‘bem maior’, como desejaram os jovens Dumbledore e Grindelwald. Mas ele logo percebeu que não teria papel neste novo regime [...] (WILLIANS; KELLNER, 2011, p. 124).

Tanto Platão como Dumbledore foram moldados pela perda e pela aversão ao abuso de poder:

O poder ilimitado dos tiranos subiu-lhes à cabeça e manifestou-se em assassinatos por vingança, retaliação, confisco de riquezas e, por fim, sob a democracia restaurada, a injusta execução do amado professor de Platão, Sócrates. Isso foi suficiente para fazer Platão ‘retirar-se com repulsa’ de uma vida política e dedicar-se apenas e tão somente à filosofia, tal qual o duelo com Grindelwald, que resultou na morte da irmã de Dumbledore e mudou a opinião deste último quanto à vida política. (WILLIANS e KELLNER, 2011, p. 124).

Mas como dito anteriormente, eles não se afastaram completamente da obrigação política, pois ensinar também é fazer política e, quando alguém é importante no meio educacional, acaba por fazer a diferença socialmente.

Então tanto Dumbledore quanto Platão encontraram consolo e alívio para as cargas e tentações políticas ao ensinarem os jovens. A saída de Platão da vida política contudo, não significou um abandono do pensamento sistemático sobre política – de forma muito parecida com que Dumbledore permaneceu fundamental à política mágica mesmo enquanto professor de Hogwarts. Platão entende ser a Academia o

lugar perfeito para refletir sobre o mundo política e para destilar a sabedoria que adquiriu com a experiência. (WILLIANS e KELLNER, 2011, p. 124-125).

Outro ponto que Dumbledore demonstra e que também aparece nas obras de Platão¹⁰⁵ é o idealismo. A ideia de que a parte racional da alma pode se aproximar da verdade e do bem, tanto ou mais que a experiência também aparece nas falas de Dumbledore: “– Claro que está acontecendo em sua mente, Harry, mas por que isso significaria que não é real?” (ROWLING, 2015g, p. 521).

O professor também passa boa parte da saga mostrando uma atitude filosófica diante das coisas, sempre questionando e duvidando, por vezes duvidando até de si mesmo.

E de fato contei – concordou Dumbledore placidamente. –Contei-lhe tudo que sei. Daqui para frente, estaremos deixando o terreno firme dos fatos para viajar juntos pelos turvos alagados da memória e nos embrenhar no matagal das suposições mais absurdas. Deste ponto em diante, Harry, posso estar lamentavelmente tão enganado como Humphrey Belcher, que achou que havia aceitação para caldeirões de queijo. [...]. Naturalmente que sim, mas como já provei a você também erro como qualquer outro homem. (ROWLING, 2015f, p. 145).

Dumbledore especula, mas sempre baseado na experiência e na lógica. O fato de dizer que vai fazer suposições absurdas não passa de um ceticismo para consigo mesmo e para com as informações recebidas. No fim, tudo que Dumbledore especulou e tratou com Harry estava correto e fez total diferença no desfecho da história. O professor não pôde ajudar seu aluno na última batalha (pois havia falecido), mas seus ensinamentos estavam com ele o tempo todo.

Alguém muito diferente de Dumbledore era Voldemort, o professor lutou muito tempo contra sua tirania. O abismo entre os dois fica evidente em um diálogo que Harry tem com o vilão. Primeiro que por ser arrogante, Voldemort é ignorante. O arrogante não busca saber: “– Me atrevo, sim. Sei coisas que você ignora, Tom Riddle. Sei muitas coisas importantes que você ignora. Quer ouvir algumas, antes de cometer um grande erro?” (ROWLING, 2015g, p. 536). Ao que Voldemort responde destilando sua prepotência: “– Você acha que conhece mais magia do que eu? Do que eu, do que Lorde Voldemort, capaz de magia com que o próprio Dumbledore jamais sonhou?” (ROWLING, 2015g, p. 537).

É interessante perceber que Voldemort reconhece a grandeza de Dumbledore, já que coloca o professor como um parâmetro de grande magia. No entanto, ele não percebe que a grandeza de Dumbledore está também em abrir mão do que não é bom para todos. Como

¹⁰⁵ Julgas então que um pintor vale menos, se tiver desenhado um modelo do que seria o mais belo dos homens, e transmitido suficientemente à sua pintura todas as qualidades, mas não puder demonstrar a existência de um homem desses? [...] E então, E nós também não estivemos a fazer com nossas palavras modelo de uma cidade boa? (PLATÃO, 1949, p.249).

Harry sugere: “– Ah, ele sonhou, sim, mas sabia mais que você, sabia o suficiente para não fazer o que fez.” (ROWLING, 2015g, p. 537).

Para Voldemort abrir mão de algo, pensar no outro, ser sensível à dor do outro é sinal de fraqueza. “–Você quer dizer que ele era fraco! – berrou Voldemort. – Fraco demais para ousar, fraco demais para se apoderar do que poderia ser dele, do que será meu! (ROWLING, 2015g, p. 537). Já Harry percebe que a sabedoria de Dumbledore está justamente em não ser arrogante, pois a arrogância evita ou atrapalha a busca do conhecimento. A sabedoria do professor também consistia em utilizar seus conhecimentos para o bem de todos. “Não, ele era mais inteligente do que você, um bruxo melhor e um homem melhor” (ROWLING, 2015g, p.537).

Dumbledore mesmo explicou a Harry que a violência e o desrespeito pela vida dos outros fez com que Voldemort criasse inimigos para si. Para o professor a atitude do bruxo das trevas é típica dos tiranos em todo o mundo, criam seus próprios inimigos, oprimindo o povo e temem esses que um dia se revoltarão.

Se ele não tivesse forçado sua mãe a morrer por você, será que teria lhe conferido uma proteção mágica que ele não poderia penetrar? Claro que não, Harry. Você não está entendendo? O próprio Voldemort criou seu maior inimigo, como fazem os tiranos em todo mundo! Você tem ideia do medo que os tiranos sentem do povo que eles oprimem? Todos eles percebem que, um dia, entre suas muitas vítimas, com certeza haverá uma que se rebelará e revidará! Voldemort não é diferente! Ele sempre esteve atento ao aparecimento daquele que o desafiaria. Ele soube da profecia e entrou imediatamente em ação, e, em consequência, não apenas escolheu o homem com maior probabilidade de liquidá-lo, mas lhe deu armas singularmente letais! (ROWLING, 2015f, p. 370)¹⁰⁶.

Quando Harry estava a estudar o passado de Voldemort, reparou como este acreditou rapidamente quando foi informado que era um bruxo (algo no mínimo difícil de acreditar): “– Ele acreditou muito mais depressa que eu, quero dizer, quando o senhor o informou de que era um bruxo – disse Harry. – Não acreditei em Hagrid, a princípio, quando ele me contou.” (ROWLING, 2015f, p. 200).

E, então, o professor explica que Voldemort, na época Tom Riddle, estava bastante suscetível a aceitar algo que o fizesse parecer melhor que os outros: “É, Riddle estava absolutamente pronto para acreditar que era, para usar as palavras dele, ‘especial’.” (ROWLING, 2015f, p. 200).

Desde aquela época, já dava indícios de que seria um tirano, a mania excessiva de considerar só suas próprias vontades e negar as dos outros, mostrava o desenvolvimento do

¹⁰⁶ Sócrates diz que o tirano tem a necessidade de desencadear guerras para que o povo destruído não possa se voltar contra ele.

autoritarismo. A falta de afetividade e uma educação base deficiente podem ter contribuído para torná-lo um jovem violento e controlador.

Mesmo durante os seus primeiros anos humildes no orfanato, Tom Riddle já era atraído pelo poder. Ele já estava usando magia contra outras pessoas, para amedrontar, para punir, para controlar. O... coelho estrangulado e o menininho e a menininha que ele atraiu a uma caverna foram muito sugestivos (WILLIANS; KELLNER, 2011, p. 129).

Quando Dumbledore foi ao orfanato para informar para Tom que ele era um bruxo e que tinha direito a uma vaga em Hogwarts, já notou a personalidade problemática do garoto. Entre os problemas que Dumbledore notou estavam à irritação que demonstrou em saber que havia outra pessoa que se chamava Tom e no fato de querer ir sozinho fazer as compras de Hogwarts (uma criança sozinha indo a lugares que não conhece).

- Ali ele mostrou seu desprezo por qualquer coisa que o ligasse a outra pessoa, qualquer coisa que o tornasse comum. Já então ele queria ser diferente, isolado, famoso. Ele abandonou o nome próprio, conforme você sabe, poucos anos depois daquela conversa, e criou a máscara de 'Lorde Voldemort' por trás da qual se esconde há tanto tempo. [...]. Preferiu agir sozinho. O Voldemort adulto é igual. Você ouvira muitos Comensais da Morte dizerem que gozam de sua confiança, que somente eles são íntimos e até que o compreendem. Estão iludidos. Lorde Voldemort nunca teve amigos e creio que jamais quis ter um. (ROWLING, 2015f, p. 202).

A ideia contida no texto de Platão que diz que os tiranos não têm amigos, apenas tem bajuladores, também aparece na obra de J.K Rowling.

Os inexperientes Comensais da Morte, 'um grupo de amigos dedicados', não eram amigos em absoluto – apenas seguidores. 'Riddle sem dúvida não sentia afeição por nenhum deles, Dumbledore conta a Harry. A grande inteligência e a astúcia social de Riddle formaram um par mortal. Um ótimo bajulador, bem como um bruxo habilidoso [...] (WILLIANS; KELLNER, 2011, p. 131).

Tanto Voldemort como os tiranos descritos na obra platônica usam as pessoas, dessa forma não há problemas em descartá-las. “A busca de Voldemort é só sua e os outros são valorizados por ele apenas como ferramentas para servir aos seus próprios desejos.” (WILLIANS; KELLNER, 2011, p. 130).

Mesmo depois de matar Snape (de uma forma bastante cruel), que Lorde das Trevas pensava que era seu servo útil, fiel e um dos mais “próximos”, “[...] não havia tristeza alguma nele, remorso algum.” (ROWLING, 2015g, p. 478). Snape viveu só enquanto Voldemort pensou que ele era útil. O que mostra que Dumbledore estava certo, Voldemort não era amigo de ninguém. Era um típico tirano (como os descritos no texto de Platão).

No fim, as várias coisas que Voldemort ignorava no alto de sua arrogância desencadearam sua derrota. As pessoas, sentimentos, conhecimentos e seres que ele subestimava acabaram com sua tirania.

E o conhecimento dele permaneceu lamentavelmente incompleto, Harry! Aquilo a que Voldemort não dá valor ele não se dá sequer a trabalho de compreender. De elfos domésticos e contos infantis, amor, lealdade e inocência, Voldemort não entende nada.” (ROWLING, 2015g, p. 516).

Tom teve boas notas em Hogwarts, mas seu sucesso se devia principalmente à manipulação. Nesse sentido a sua esperteza não se confunde com sabedoria.

De forma mais notável, aqueles sobrecarregados por um amor-próprio excessivo são inadequados para governar. Eles estão, em geral, entre os alunos mais talentosos quanto ao intelecto mas têm dificuldades em resistir a seus impulsos e àqueles que os bajulariam. Como Voldemort eles veem o poder político como um meio de alimentar os desejos de alguém, e assim cobiçam o poder. (WILLIANS; KELLNER, 2011, p. 126).

Voldemort não só é um mito alegórico da tirania, do racismo, do machismo, da arrogância, do desprezo pelo conhecimento e pela vida como também é a receita da derrota e da vergonha¹⁰⁷. A esperteza e grande habilidade não serviram de muita coisa, pois Voldemort ignorava o que era essencial, os outros. Com seu egoísmo impiedoso, sua inteligência aguda e suas tendências tirânicas, Voldemort encaixa-se com perfeição na categoria que Platão chamou de ‘governantes menos confiáveis’ (WILLIANS; KELLNER, 2011, p. 130). É mais um lembrete de vergonhas que não poderiam ser esquecidas, de tantos outros que se assemelham a ele. “Lembre o que ele fez em sua ignorância, cobiça e crueldade.” (ROWLING, 2015g, p. 515).

A sua ignorância e a crueldade fizeram com que ele perdesse a disputa, mas se ele não fosse nem ignorante, nem cruel não haveria disputa. “[...] mas se ele fosse capaz de compreender, não seria Lorde Voldemort, e, talvez, nunca tivesse matado ninguém.” (ROWLING, 2015g, p. 517).

Sabe quem não matou ninguém? Harry, Rony e Hermione (mesmo em meio a uma guerra). A autora teve esse cuidado proposital. Como dito anteriormente, nem mesmo contra Voldemort, Harry lançou uma maldição da morte¹⁰⁸. O menino Potter lançou um feitiço para desarmar seu oponente, que tentava matá-lo até a Varinha das Varinhas que estava nas mãos de Voldemort começou a “[...] girar pelo ar em direção ao senhor que se recusava a matar e que viera, enfim, tomar legitimamente posse dela.” (ROWLING, 2015g, p.540). Harry é o dono da Varinha das Varinhas, ele nunca a desejou, mesmo assim precisava ser dele a varinha mais poderosa do mundo, entretanto, assim que ele derrotou o Lorde das Trevas, logo devolveu a varinha a sala do diretor (no filme ele a quebra), pois o objetivo dele nunca foi ser poderoso, mas sim protege-la de quem tinha esse objetivo.

¹⁰⁷ Como Sócrates diz o tirano leva o que governa a sedição.

¹⁰⁸ “Voldemort estava morto, atingido pelo ricochete de sua própria maldição [...]” (ROWLING, 2015g, p. 540).

Diferente do Lorde das trevas que tanto almejava o poder, que matou, torturou pelo poder, Harry recebe muitas vezes a tarefa de tê-lo em suas mãos sem nunca o buscar, ao contrário muitas vezes evita-o e despreza-o. Quando o aceita, o faz apenas para livrá-lo das mãos terríveis de Voldemort.

A única proteção eficaz contra a fascinação por um poder como o de Voldemort! Apesar de todas as tentações que você suportou, de todo o sofrimento, seu coração permanece puro [...] quando você se mirou no espelho que refletia o maior desejo de seu coração, e ele lhe mostrou apenas o caminho para frustrar Voldemort em vez de imortalidade ou riqueza. Harry, você faz ideia de como são raros os bruxos que poderiam ter visto o que você viu no espelho? Voldemort deveria ter percebido, então, com quem estava lidando, mas não percebeu! (ROWLING, 2015f, p. 370).

Certamente os grandes auxílios de Harry em sua jornada foram o amor e a amizade, inclusive muitas vezes pegavam seu inimigo de surpresa, pois se tratavam de forças que ele subestimava e até de certa forma desconhecia. Quando Lorde Voldemort tenta possuir Harry e dominar sua mente, ele não consegue, pois Potter pensa em seus amigos e cria forças para resistir¹⁰⁹.

Talvez, por essas qualidades, Harry é um guardião adequado. E, então, é possível rememorar ao menino Harry Potter que, nas palavras de Dumbledore, era gentil, mas também era homem de coragem. Coisa que não é difícil de notar, já que Harry está sempre disposto a se sacrificar em prol dos outros, como afirma o próprio Voldemort: “Ele não suportará ver os outros caírem fulminados ao seu redor, sabendo que é por ele que estão morrendo. Irá querer pôr fim nisso a qualquer custo. Ele virá.” (ROWLING, 2015g, p. 476).

Willians e Kellner fazem um comparativo entre a capa da invisibilidade e o anel de Giges para mostrar que Harry é confiável quando detém o poder.

Como fica demonstrado, Harry é confiável quando detém poder. Como podemos ter certeza? Lembre-se do Anel de Giges, de Platão. Ele mensura nossa probidade, ou incorruptibilidade, perguntando-nos o que faríamos se fôssemos invisíveis. Rowling ressuscita esse este medidor de caráter com a Capa da Invisibilidade de Harry. Ao longo da série, Harry tem oportunidades incontestáveis de abusar de seu poder único. Ele nem uma única vez, com exceção de algumas regras sem importância nem uma única vez [...], usou-o em benefício próprio à custa dos outros. Ao contrário de Giges, Harry com certeza não matou e tomou o controle político. Ele, ao contrário, buscou usar seu poder para o bem maior – o verdadeiro bem maior, de fato. Diante de uma oportunidade de avanço, a oferta de Scrimgeour de dar a Harry o emprego dos seus sonhos, Harry não busca seus próprios interesses, mas aqueles da comunidade mágica inteira. (WILLIANS; KELLNER, 2011, p. 131- 132).

Segundo Willians e Kellner, J.K Rowling ressuscitou o Anel de Giges com a capa da invisibilidade, “A resposta implícita de Platão é que as conclusões de Glauco aplicam-se

¹⁰⁹ “De certo, Trasímaco, é porque a injustiça produz nuns e noutros a revoltas, os ódios, as contendias; ao passo que a justiça gera a concórdia e a amizade.” (PLATÃO, 1949, p. 45).

apenas àqueles que cobiçam o poder.” (WILLIANS; KELLNER, 2011, p. 127). As pessoas adequadas ao poder agiriam da mesma forma, invisíveis ou não, ou seja, suas ações são corretas mesmo que os outros não possam ver.

A indiferença de Harry quanto à cilada do poder, como fica demonstrado, é exatamente a qualidade que tanto Platão como Dumbledore celebram como a que conduz à arte de governar de maneira sábia e justa. Harry certamente possui as outras virtudes necessárias para governar, tais como coragem, justiça e autocontrole. Mas muitos outros também as têm. Portanto, é essa parte da sabedoria platônica, revivida e colocada em primeiro plano no mundo de Rowling, que, de fato, deve orientar nossa procura por aqueles que são aptos a governar. Embora Harry seja comum e os leitores possam identificar-se com ele com facilidade, há de fato algo mágico quanto à sua imunidade à sede de poder. (WILLIANS; KELLNER, 2011, p. 132).

Harry realmente é bastante resistente com relação à cilada do poder, no entanto, algumas vezes utilizou a capa movido por suas disputas e esqueceu de sua obrigação para com a verdade e para com o professor Dumbledore. O professor fez um pedido importante para Harry (pois a partir dele teriam mais conhecimento sobre Voldemort), no entanto, como a tarefa apresentava dificuldades, o menino Potter acabava se desviando dela (ainda que temporariamente). Já Hermione sempre alertava Harry sobre seus desvios e chamava sua atenção para que ouvisse Dumbledore sobre o que era relevante, pois o professor tinha mais conhecimento do todo.

Apesar de todas as qualidades de Harry, quando precisava achar as Horcruxes para frustrar os planos do Lorde das trevas, ele quase se desvia do foco novamente devido ao fato de achar que, encontrando as Relíquias da Morte, também poderia derrotar Voldemort. Novamente, alguém tentado pelas Horcruxes, ainda que o objetivo fosse fazer o bem, não foi esse o caminho que estudou junto com Dumbledore. Iria errar por desconhecimento.

- Receio que tenha contado com a srta. Granger para refreá-lo, Harry. Tive medo que sua cabeça quente pudesse dominar o seu bom coração. Sentí pavor que, se lhe apresentasse logo os fatos sobre esses objetos tentadores, você pudesse se apoderar das Relíquias, como fiz, no momento errado, pelos motivos errados. Se pusesse as mãos nelas, eu queria que fossem suas sem perigo. Você é o verdadeiro Senhor da Morte, porque o verdadeiro senhor não busca fugir da morte. Ele aceita que deve morrer, e compreende que há coisas piores, muito piores do que a morte no mundo dos viventes. (ROWLING, 2015g, p. 525).

Harry é extremamente corajoso e colocou-se para morrer em favor dos outros, no entanto, algumas vezes, sua parte irascível¹¹⁰ falava mais alto. O que também ocorria com Rony.

Esta foi a primeira vez que constataram que uma barriga cheia gera bom humor; e uma vazia, desentendimento e tristeza. A Harry isso, não o surpreendeu muito, porque chegara várias vezes à beira da inanição na casa dos Dursley. Hermione

¹¹⁰ Segundo Sócrates é a parte da alma onde estão localizados os instintos e as emoções.

suportou razoavelmente bem as noites em que só conseguiam arranjar frutinhas e biscoitos velhos, sua paciência talvez um pouco mais curta do que o normal e seus silêncios melancólicos. Rony, no entanto, fora acostumado a três deliciosas refeições por dia, cortesia de sua mãe e dos elfos domésticos de Hogwarts, e a fome o tornava irracional e irascível. Sempre que a falta de comida coincidia com sua vez de usar a Horcrux, ele se tornava decididamente desagradável. (ROWLING, 2015g, p.214).

Por essas e outras questões já destacadas, que Harry e Rony se tornam guardiões (no mundo mágico aurores) e Hermione é que se torna a Rainha-filósofa (no mundo mágico Ministra da Magia).

A inteligência por si mesma pode ser um pré-requisito essencial para governar, mas as exigências de Platão transcendem a um crânio super-crescido. Os governantes devem combinar seus cérebros com a virtude. A questão - em Platão e em Potter – é como distinguir entre os talentosos que usarão seu poder para o bem e aqueles que usarão para fins egoístas. (WILLIAMS; KELLNER, 2011, p. 125).

O lado racional de Hermione é bastante dominante, a busca pelo conhecimento é sua característica mais acentuada. E diferente de Dumbledore que foi tentado pelo poder na juventude, Hermione desde muito nova já está empenhada em usar o que aprendeu para melhorar a vida de todos (principalmente dos invisibilizados).

3. EXPLORANDO UM POUCO DOS CAMINHOS LUMINOSOS E OBSCUROS DA MAGIA DE FILOSOFAR COM HARRY POTTER EM SALA DE AULA

A pesquisa de campo foi realizada na Escola Estadual Dolor Ferreira de Andrade, com os alunos do segundo ano do ensino médio e foi estendida, de forma mais resumida e adaptada (a pedido dos alunos), nas turmas da fase dois (que correspondem ao segundo ano) do EJA. A escola possuía no momento sete salas de segundo ano, cada sala tinha em média trinta e cinco alunos frequentes. Será ilustrado no decorrer desse capítulo um pouco do “passeio” por volta das perspectivas filosóficas de Harry Potter, que poderá ser um guia para os docentes explorarem os caminhos luminosos e obscuros da magia de ensinar e de ensinar usando a “magia”.

Sempre há reclamação em algumas outras salas, em que o projeto não está sendo realizado no momento, pois muitos alunos possuem parentes e amigos que estudam em outras turmas e acabam contando sobre a aula. Inclusive o projeto foi estendido para o EJA (de forma mais resumida) em 2019¹¹¹. Os alunos do EJA foram bastante aplicados e algumas pessoas de mais idade, que não conheciam muito bem Harry Potter disseram que iriam tentar ler os livros, tanto a saga quanto *A República* (nas turmas do EJA, muitos alunos mostraram interesse em adquirir os livros). Coincidentemente ou não os alunos da educação de jovens adultos, mesmo sendo bastante aplicados, possuem muita dificuldade na leitura e na escrita. Assim, uma leitura instigante e não muito complexa como Harry Potter pode ajudar de início.

A participação voluntária dos alunos do EJA e empolgação desconstrói a ideia (que possuem os não conhecedores da saga) de que Harry Potter seja concebido exclusivamente para o público juvenil. Apesar de ser ótimo para crianças, a história tem muitas camadas, que dificilmente são bem exploradas por um público muito jovem. Como confirma Ingrid Caroline Benatto: “Harry Potter é uma série literária voltada para o público jovem-adulto, com diversos aspectos das obras que exigem reflexão e estudo para serem melhor compreendidos.” (BENATTO, 2015, p. 7). No entanto, a demonstração a seguir vai se restringir aos segundos anos para ser mais específica, pois nas turmas de jovens e adultos a aplicação da parte prática foi mais resumida devido as especificidades do próprio EJA.

¹¹¹ No ano de 2020, a Secretária de Educação de Mato Grosso do Sul (SED), encerrou as turmas do EJA na escola Dolor Ferreira de Andrade e em muitas outras escolas da rede estadual.

3.1 Roteiro das Aulas Lecionadas nos Segundos Anos

3.1.1 Aula Um:

A experiência em sala de aula, se inicia, com uma aula expositiva sobre a filosofia política nos textos de Platão. Utilizando como ferramenta os mitos, que abordam essa questão, que aparecem no decorrer da dissertação e a explicação de Sócrates sobre os significados. Destacando principalmente termos relevantes da obra *A República* como: tripartição, tirania, irascibilidade, guardiões, rei-filósofo. É indicado aos alunos a leitura do capítulo sobre esse assunto do livro didático. Todos os livros didáticos consultados possuem capítulos sobre o assunto, além de se tratar de uma temática bastante relevante para a história da filosofia, também é bastante cobrada em avaliações externas. Os alunos são avisados de que haverá uma avaliação, onde poderão consultar apenas as próprias anotações sobre o assunto. Dessa maneira, há o incentivo à pesquisa e a produção.

3.1.2 Aula Dois:

Como avisado anteriormente aos alunos, foi aplicada uma avaliação para recolhimento de dados e para exercitar o conhecimento dos discentes. A avaliação não era uma prova bimestral, então foi mais curta e naturalmente provocou menos tensão nos alunos. A avaliação continha cinco questões simples, que cobravam o básico sobre o assunto. Os alunos a realizaram em menos de trinta minutos.

No tempo que sobrou houve a realização de um jogo. Por se tratar de um jogo de adivinhação, não foram dadas muitas pistas aos alunos. Apenas foi explicado a eles que seriam mostradas algumas placas, com algumas características, alguns adjetivos e eles teriam que tentar adivinhar a quem aquelas informações estavam se referindo. As características eram: hipermasculino; tenta controlar a mídia, a educação e a justiça; preconceituoso; racista; fascista; elitista; violento; tirano; irascível; adorado por muitos; temido por outros tantos?” E a partir das respostas dos alunos, que foram em consonância com o levantamento dos adjetivos, algumas perguntas foram realizadas: “Quantos nomes surgiram em sua mente? Grandes vilões da humanidade ou até mesmo pessoas populares ainda hoje?”

A participação dos segundos anos foi efetiva no jogo, mesmo as turmas que são um pouco apáticas mostraram curiosidade e empolgação. Nomes como Hitler e Mussolini foram bastante citados pelos alunos, seguidos de chefes de Estado mais atuais (o que às vezes gera

discordância entre eles). É importante que o professor faça a mediação do diálogo, mas que permita e estimule que os alunos se expressem. Para aumentar ainda mais a curiosidade dos alunos, a revelação do sujeito que o jogo descreve foi deixada para a outra aula. Apesar dos alunos protestarem, querendo que a revelação acontecesse no momento, foi importante adiar para poder explicar melhor a relação desse sujeito com os adjetivos das placas.

3.1.3 Aula Três:

Essa aula se iniciou com os alunos pressionando para saber a resposta. Depois de fazer uma breve retomada dos acontecimentos da última aula, foi então revelado: “É fato que essas características se encaixam tanto em pessoas comuns, como em personalidades históricas e atuais. No entanto, a descrição se tratava do Lorde das Trevas.” E questionado: “Quantas pessoas reais vocês associaram a um vilão sem escrúpulos?! O que vocês acham que isso quer dizer?”

Quando o nome do Lorde das Trevas foi revelado ao final como o dono daquelas características, os alunos se mostraram ainda mais interessados. Fizeram perguntas, começaram a relacionar e a desvendar a metáfora. Alguns já pareceram entender claramente esse viés de educação política da saga e eles mesmos, por vezes, pediam a palavra e dialogavam sobre isso com os colegas. Outros pareciam bastante curiosos e ansiosos em pensar uma história tão famosa de uma nova perspectiva. Muitos disseram que iriam assistir novamente, agora com um novo olhar ao que os colegas leitores responderam “que era melhor ler os livros”, pois eram mais completos.

Nesse momento aproveitando a empolgação dos alunos, foi explicado o motivo de Voldemort ter todas as características, por meio de um resumo da história. Em meio à explicação, os termos: irascível e tirania, trabalhados nas aulas anteriores, foram retomados para descrever o vilão. Relacionando-o a quem Sócrates dizia que não devia obter o poder. Aproveitando também para relacionar essa ideia de Sócrates com a defendida por Dumbledore. Os alunos que eram fãs (a maioria) participavam durante a explanação. Foram utilizados vários desenhos, feitos por alunos de anos anteriores, para auxiliar no momento da explicação. Mas em outras experiências podem ser utilizados outros tipos de imagem.

Para aprofundar na questão de que o poder deve estar nas mãos de quem não quer usá-lo em benefício próprio, já que é a temática filosófica central da saga e que possui relação

direta com a filosofia política nas obras de Platão. Foi passado para os alunos o trecho¹¹², onde há o diálogo de Dumbledore e Harry sobre a pedra filosofal. Após os alunos assistirem o trecho do filme é explicado o contexto, relacionando falas de Dumbledore presentes nos livros com as ideias expostas na obra de Platão.

Foi disponibilizado para os alunos o capítulo “Dumbledore, Platão e a sede de poder” (que foi utilizado também como parte do embasamento dessa dissertação) da obra *A Versão de Harry Potter e a Filosofia Hogwarts para os Trouxas*. O capítulo foi apresentado aos alunos como leitura complementar.

Foi pedido aos alunos, que não conheciam nada ou pouco sobre a saga, que fizessem pelo menos uma pesquisa sobre o tema, poderiam assistir os filmes, iniciar a leitura dos livros ou ler ao menos um resumo sobre o assunto. Para os que já tinham um certo conhecimento foi incentivado que o aprofundassem. Nesse momento não foi pedido algo muito específico para não os limitar. Foi pedido apenas um texto manuscrito, com pelo menos quinze linhas sobre o tema.

Foram disponibilizados alguns textos, vídeos e artigos nos grupos da sala. No entanto, eram apenas um apoio. E foi informado a eles, que caso alguém se sentisse incomodado com o uso da saga para a aprendizagem seria passado ao mesmo outro trabalho individual, sobre as mesmas temáticas, porém sem utilizar *Harry Potter*. O que não foi necessário. Os alunos também foram convidados para sessão de cinema, leitura e diálogo nos sábados letivos¹¹³ para aprofundarem-se no assunto.

3.1.4 Aula Quatro:

Nesse momento as turmas já estão bastante familiarizadas com a saga, mesmo os que ainda não conheciam muito no início. Como na aula anterior foi introduzida a questão da tirania, essa aula é dedicada a entender como ela começa e como ganha força. Para isso, foi utilizado o auxílio de alguns trechos dos filmes. Uma cena¹¹⁴ bastante demonstrativa é quando Draco Malfoy vai se apresentar para Harry e destila todo o seu preconceito de classe em cima de Rony. Ao passar para os alunos foi feito o seguinte questionamento: Por que o Draco (que é uma criança) age dessa forma? E as turmas responderam quase em uníssono: “Por causa do

¹¹² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RiJq9bE63EI>>.

¹¹³ O momento foi planejado, já que teriam dois sábados letivos seguidos.

¹¹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yf9mcrGhpb8>.

pai, porque foi ensinado dessa forma.” É importante o adendo que nesse caso o pai era a maior influência, mas nem sempre é assim.

Logo após foi passado aos alunos a cena¹¹⁵ de confirmação, onde o pai de Draco (Lucio Malfoy) destila não só seu preconceito de classe como seu preconceito “racial”. Nesse momento se destaca a forte importância, que tanto Platão como J.K Rowling dão para a educação. Draco é educado para ser um tirano e apoiar tiranos maiores, pois busca a aprovação do pai e o imita. Draco e Lucio julgam conhecer muito, o que os impede de buscar o saber, tendo suas ideias baseadas em preconceitos. Suas ações se baseiam na busca por dominar. Nesse caso, a fera domina o homem. É importante destacar que Sócrates alerta que o que leva o tirano ao poder são os tiranos menores e a ignorância do povo, como abordado anteriormente.

Sabendo agora alguns dos principais motivos dos tiranos chegarem ao poder e até mesmo como a tirania começa a dominar a alma dos mesmos, muitas vezes já na infância, é possível então partir para outro ponto¹¹⁶. Como o povo aceita a tirania? Esse questionamento então é feito aos discentes. Para entender isso é retomado o mito da caverna e associado a relação dos elfos domésticos (conexão mostrada anteriormente na dissertação), que aceitam a escravidão. Explicando assim que a ignorância que permite a tirania não está apenas nos próprios tiranos (maiores ou menores), mas também naqueles que são aprisionados e escravizados por eles. Em sala foi lido com os alunos, alguns trechos do capítulo “O Lamento de Monstro: F.A.L.E como uma Parábola da Discriminação, Indiferença e Justiça Social” da obra *Harry Potter e a Filosofia*. O texto foi disponibilizado para que os alunos o levassem para casa. Ao final da aula é feito o questionamento, sobre “quem empreenderá a ingrata tarefa de libertar os cativos da caverna?” É pedido aos alunos que respondam o questionamento e tragam na próxima aula. Como atividade complementar, valendo pontuação somatória, foi sugerido que os alunos tentassem relacionar os personagens de J.K Rowling com as personalidades descritas na obra de Platão. Por exemplo, quem poderia ser o rei-filósofo?

3.1.5 Aula Cinco:

¹¹⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oUtzV7qy00Y>>.

¹¹⁶ As reflexões são aprofundadas no sábado letivo com os alunos que possuem disponibilidade e interesse. O motivo do aprofundamento nos sábados letivos são as poucas aulas de filosofia na grade do ensino médio e a necessidade de deixar espaço para os outros conteúdos.

Para tratar da relação entre as personalidades descritas na obra de Platão e os personagens de J.K Rowling, foram criadas tabelas e tópicos fazendo o comparativo. Contando também com a participação dos alunos, que haviam feito uma pesquisa sobre o tema proposto na aula anterior. As tabelas ajudaram bastante na fixação dos conceitos da obra *A República*. Algumas partes (como a estrutura e os títulos) já estavam prontas e foram lançadas no projetor para economizar tempo. A primeira relação a ser feita é entre os guardiões e os personagens, como demonstrado no capítulo anterior Rony e Harry são adequados ao cargo. No entanto, é interessante que os alunos participem do processo.

Características essências para um bom guardião (segundo A República)	Dumbledore	Voldemort	Harry	Rony	Hermione
Coragem	Quando jovem, fazia parte da casa, cuja a principal característica é a coragem (Grifinória). Sempre se arriscou em prol dos outros.	Quando jovem fazia parte da casa, cuja a principal característica era a ambição (Sonserina). Sua coragem residia em fazer qualquer coisa para atingir seus próprios objetivos. Temia a Dumbledore.	Assim como Dumbledore fazia parte da Grifinória e estava sempre se arriscando em prol dos outros.	Idem a Harry, apesar de parecer um pouco medroso, Rony sempre enfrentou seus medos, quando a vida de alguém dependia desse enfrentamento.	Idem a Harry, porém mais cautelosa.
Não temer a própria Morte	Morreu pela causa e pelos outros.	Criou várias Horcrux para se tornar imortal, para criá-las era necessário matar outras pessoas.	Entregou-se para morrer, objetivando salvar os outros.	Arriscou sua vida muitas vezes.	Idem a Rony.
O guardião é irascível, porém deve fazer com que o homem controle a fera e não o oposto.	Apesar de sua juventude um tanto irascível, o professor certamente aprendeu com seus erros e na maturidade da	Voldemort perdeu completamente sua humanidade e isso é mostrado (de forma simbólica), pois o mesmo vai ganhando cada vez mais uma	Em vários momentos da saga, Harry precisa controlar a fera ou o leão em seu peito (esses termos são utilizados na	O termo irascível é usado para descrever o comportamento de Rony em certo momento, esse comportamento faz com que ele perca “a cabeça” e abandone	Hermione não apresenta comportamento irascível em momentos relevantes, claro que ela demonstra

	vida adulta é calmo e corajoso.	aparência ofídica e desumanizada.	saga) e ele o faz na maioria das vezes e em todas as vezes que é essencial que ele o faça.	Harry e a missão, porém por pouco tempo; já que Dumbledore ajuda-o a encontrar o caminho de volta.	emoções, chora e fica nervosa, porém certamente sua razão é mais aflorada. É a “cabeça” do trio. Suas decisões são sempre cautelosas.
Ser como um bom cachorro (Platão usa esse termo), que mesmo protegendo, não perca sua bondade e afabilidade.	Dumbledore é extremamente calmo e coloca o amor como a maior magia mais poderosa de todas.	Voldemort nunca demonstrou importar-se com alguém além dele mesmo. Não possui amigos de verdade e destruiria qualquer um para alcançar seus objetivos ou simplesmente por estar nervoso.	Harry é combativo, quando necessário, mas parafrazeando Dumbledore ele é gentil como sua mãe (Lilian), um traço importante que as pessoas não cansam de subestimar.	Rony se parece com Harry, apesar de ser um pouco mais ciumento e sua personalidade não ser tão explorada, pelo fato do personagem ser um descanso cômico. Curiosamente o patrono de Rony é um cachorro, certamente Ronald é um bom amigo.	Apesar de estar mais enfiada nos livros do que qualquer coisa. Hermione é a amiga das horas difíceis, é constante e confiável.
E por fim, um guardião cuida, protege e obviamente guarda.	Os alunos se sentem seguros quando Dumbledore está por perto.	Voldemort só guarda os objetos que considera valioso e a si mesmo.	Harry se torna auror, que é uma espécie de policial especializado ou inteligência militar no mundo mágico.	Idem a Harry ainda que por pouco tempo.	Certamente dos três protagonistas é a que mais sabe feitiços de proteção, mas os ensina aos amigos.

O comparativo do governante filósofo (Rei-filósofo) também foi feito, não só para entender e fixar o conceito, mas principalmente para refletir sobre a prática política, afinal os governantes de um modo geral se parecem com Dumbledore e Hermione, ou estão mais para Voldemort ou Fudge? O que já responde à pergunta feita anteriormente, sobre quem libertaria os cativos da caverna.

Características essências para um bom	Voldemort	Fudge	Harry	Rony	Dumbledore	Hermione
--	------------------	--------------	--------------	-------------	-------------------	-----------------

governante (segundo A República)						
A racionalidade deve ser a parte mais destacada de sua alma.	Seus ataques de fúria e sua vontade de dominar feroz e animalisca, não permitem que seja bastante racional.	Prefere viver e propagar ilusões para manter o poder.	Harry tem muitos traços marcantes, mas os principais são coragem e gentileza. Necessita do apoio racional de Hermione.	Idem a Harry, mas um pouco mais irascível.	Dumbledore chega a ter aquela áurea de sabedoria (proposital). Quando Harry teve aulas com ele, seus amigos consideraram uma enorme honra. As falas do professor são sempre carregadas de reflexões e ensinamentos.	Hermione quase não foi para a Grifinória, o chapéu seletor achou que ela combinava com a Corvinal, casa dos de grande espírito e saber, quando alguém possui tantos atributos a escolha da casa pode ser difícil.
A alma é bem alimentada pela busca do conhecimento.	Voldemort em sua arrogância subestima e ignora muitas coisas que o levam a derrota.	Fudge nega a verdade para si mesmo e para os outros. Ele realmente tem medo da verdade.	Harry não é alguém que despreza o conhecimento não é à toa que demonstra grande admiração tanto por Dumbledore quanto por Hermione, no entanto, é um aluno mediano.	Idem a Harry.	Dumbledore dedica sua vida ao ensino e aprendizado. Mesmo já tendo uma idade avançada sempre está disposto a buscar saber mais. E é ele que alerta Harry sobre o erro de Voldemort de não buscar o conhecimento por subestimar muitas coisas.	Hermione está sempre com livros, seu lugar para descobrir como resolver problemas é a biblioteca. Em certo momento da saga, ela usa um objeto mágico para assistir a várias aulas ao mesmo tempo. Além disso, ela é a única do trio de protagonistas que volta para a escola depois da guerra.
Não deve desejar o poder, apenas aceitá-lo para livrá-lo de um	Para Voldemort não existe o bem e o mal, apenas	Fudge apaixonou-se pelo cargo que ocupava e fazia de	O próprio Dumbledore diz que Harry é esse tipo de pessoa, que	Rony tem seus momentos de ambição e alguma necessidade de	Dumbledore além de possuir o mesmo discurso que aparece na obra	Hermione precisa muitas vezes chamar Rony e Harry de volta à

mau governante.	o poder e aqueles que são muito fracos para consegui-lo.	tudo para se permanecer nele. Inclusive fazendo assim com que Voldemort tivesse mais chances de alcançar êxito.	aceita o fardo do poder, apenas para livrá-lo de Voldemort.	se destacar, mas na maior parte do tempo está preocupado com os outros.	<i>A República</i> sobre essa questão. Nunca aceitou os cargos que eram oferecidos no Ministério da Magia e mantinha a Varinha das Varinhas consigo apenas para livrá-la de mãos perigosas.	razão, como quando Harry ficou tentado a buscar as Relíquias da Morte.
Não deve usar o poder em benefício próprio e sim em prol dos outros.	Para Voldemort as pessoas são apenas um meio para alcançar seus próprios objetivos.	Fudge deixa de lado seu papel de proteger a comunidade mágica, a fim de defender seus próprios interesses.	Harry consegue a Pedra Filosofal justamente por não desejar usá-la em benefício próprio. Quando obtém a poção da sorte liquida também não usa para tirar vantagem. E por fim não quis ficar com a Varinha das Varinhas.	O poder às vezes faz com que os olhos de Rony faísquem, mas acaba fazendo boas escolhas (algumas delas influenciadas ou auxiliadas por Dumbledore e Hermione).	Dumbledore pensa o mesmo que essa máxima que aparece na obra platônica não é à toa que cria o feitiço utilizando-a para defender a Pedra Filosofal.	Hermione chega ao Cargo de Ministra da Magia, depois de uma longa carreira política defendendo os direitos dos elfos domésticos.

3.1.6 Aula Seis:

Nessa aula, foram destacados os principais pontos em comum entre os tiranos retratados na obra *A República* e o personagem Voldemort:

- Violência e necessidade de desencadear guerras;
- Não possui amigos de verdade;
- É bajulador e/ou possui bajuladores;
- Teme que o povo se volte contra ele;
- Teme os que são realmente sábios, por isso os despreza;
- Ama a riqueza e despreza o pobre;

- Não possui uma alma bem equilibrada, permite que a fera domine o homem;
- Deseja o poder e o usa em seu próprio benefício.

Destacados também os principais pontos de consonância entre Sócrates (como personagem de Platão) e Dumbledore (personagem de J.K Rowling):

- Foram mortos defendendo aquilo que acreditavam;
- Tentaram desacreditá-los;
- Tiveram experiências com tiranos, assim como os autores das obras das quais são personagens;
- Acreditavam que não deveriam aceitar cargos públicos;
- Dedicaram suas vidas à educação dos jovens;
- São personagens que trazem grande carga reflexiva ao diálogo;
- Possuem grande importância para seus alunos;
- Acreditavam que o poder não deve estar nas mãos daqueles que almejam;
- Um dos principais pontos de suas reflexões é o perigo de tirania.

O fechamento é dedicado a mostrar, o que ocorre quando o povo ignora a sabedoria e permite que os tiranos cheguem ao poder para destacar isso, algumas cenas são utilizadas para alimentar o diálogo sobre o assunto. Como a cena¹¹⁷ em que Hermione é escolhida para ser torturada, não só para que solte informações, mas por ser o que os comensais da morte chamam de “sangue ruim”.

Outra cena¹¹⁸ transmitida aos alunos é a que mostra o preconceito contra os trouxas e também o constrangimento de Draco (que não dimensionava o quão problemático era o que ele mesmo defendia). Trata-se do assassinato e humilhação da professora Caridade Burbage. A professora não só é morta como é oferecida de jantar a cobra do Lorde das Trevas, que devora seu corpo que jazia em cima da mesa diante dos Comensais da Morte. O trecho do filme também mostra Lúcio Malfoy sendo humilhado, o que demonstra que de fato Voldemort não tinha amigos e sim servos. Fato sobre a tirania que foi alertado no texto de Platão.

Ainda sobre os perigos do poder, “O Conto dos Três irmãos”, que mostra como o poder demais, nas mãos de quem o quer e o usa com violência, não possui resultado além

¹¹⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w1aheV4ra9s>.

¹¹⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vpu0HYI2a1M>.

da morte. O trecho¹¹⁹ é utilizado não só pela questão do poder, mas também para tratar sobre a questão do mito alegórico.

Algo bem simbólico sobre a temática da saga, é que mesmo em cenas que aparentemente não há nenhuma conotação política, como na dança de Hermione e Harry, que parece apenas uma bonita demonstração de amizade, pode haver algo a ser interpretado. Nesse caso a música (O'Children¹²⁰ de Nick Cave) que eles dançam fala sobre campos de concentração, processo de eliminação e crianças levantarem suas vozes. Para encerrar então é feita análise da canção.

3.1.7 Complementos

Os sábados letivos foram dedicados principalmente para passar todos os filmes (comentando cenas) e realizar algumas leituras. No entanto, como não é possível disponibilizar os filmes inteiros na dissertação, foram separadas algumas cenas (além das já disponibilizadas nas páginas anteriores.

- Nada mais simbólico que mostrar as diferenças entre o tratamento de Harry e Duda, que demonstra que pessoas aparentemente comuns (tiranos menores), podem fazer um mal, que lembra a um comensal da morte¹²¹.
- Sobre o tópico Malfoy, também pode ser mostrada a confusão mental causada em Draco, em que o garoto se vê sem saída, diante de algo que foi colocado na vida dele pelos pais. O menino Malfoy tem a missão de matar Dumbledore (com a ameaça de que se não fizer ou falhar ele e sua família morrem). O professor tenta ajudar o menino, pois para ele a alma de Draco ainda não está totalmente corrompida. O que Draco não sabe é que prevendo tudo isso, Dumbledore já havia combinado com Snape sua própria morte para salvar a alma e a vida de Draco e para que Snape mantivesse o seu disfarce¹²².

¹¹⁹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YXsqUTgt0-w>>.

¹²⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XR25unppr_4>

¹²¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3gmuFbHQ3Hw.>>

¹²² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xJKohThAU6s>>.

- Para dialogar sobre violência, autoritarismo e desrespeito à vida, é interessante a aula sobre as Maldições Imperdoáveis. Quem dá essa aula é um Comensal da Morte disfarçado, isso explica a violência com que ele trata o assunto, o que não quer dizer que o assunto não precise ser tratado. As maldições imperdoáveis consistem em: Controlar (Maldição Imperius); Torturar (Maldição Cruciatius) e Matar (Maldição da morte, Avada Kedavra). Será que para todos na vida real essas maldições são imperdoáveis ou depende em quem for aplicada¹²³?
- Harry não consegue aplicar a Maldição Cruciatius em Bellatriz, mesmo depois dela ter matado seu padrinho. Voldemort diz que Harry é fraco por não o fazer. Será que Harry é o fraco¹²⁴?
- Sobre Dobby não poderia ficar de fora a icônica cena em que Dobby se torna um elfo livre e mostra o quanto é mais capacitado que o bruxo que o subjuga e subestima¹²⁵.
- Ainda sobre o elfo, uma cena bastante aclamada pelos fãs, é quando Dobby enfrenta seus antigos “patrões” e proclama sua liberdade¹²⁶.
- Sobre o temperamento um tanto irascível dos heróis Rony e Harry contrapondo a racionalidade de Hermione, é possível utilizar a cena em que os garotos estão sobre os efeitos das dificuldades e da Horcrux, deste modo, têm uma briga, motivo pelo qual Rony abandona a missão temporariamente. Hermione tenta acalmá-los, quando Rony a quem Hermione ama romanticamente, pede-lhe para que venha com ele; a garota escolhe continuar ajudando Harry não só por amizade, mas principalmente por ser o correto¹²⁷.
- Inúmeras temáticas podem ser desenvolvidas a partir do trecho em “As Relíquias da Morte Parte II”, em que Hogwarts já dominada pelos Comensais da Morte parece mais um quartel de um regime cruel do que uma escola. O diretor do momento Snape (disfarçado de Comensal da Morte) interroga os alunos na frente dos verdadeiros

¹²³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bf_8zrpKr2g>.

¹²⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IOMRBOV-NsA>.

¹²⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UUPnrM8m2kw>>.

¹²⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UUPnrM8m2kw>>.

¹²⁷ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pBD8ssT314A>>.

Comensais, sobre o paradeiro de Harry Potter, quando o mesmo aparece e desafia Snape. Junto com ele muitos membros da resistência (é importante lembrar que o próprio Snape os chama assim em outro momento). Quando Severo Snape pega a varinha e aponta para Harry, a professora Minerva McGonagall se coloca na frente de Harry (no momento Minerva acredita que Snape é um comensal), a professora vence o duelo e recupera a escola. A partir daquele momento a escola passa a lutar contra Voldemort. Os professores e alunos foram essenciais para que Voldemort e os Comensais da Morte caíssem. E na vida real a escola deve se envolver? É papel da escola resistir contra a tirania¹²⁸?

Essas são só algumas das cenas que podem ser utilizadas para iniciar diálogos e reflexões que permeiam a saga e que vão além da saga, pois se trata apenas de um recurso de apoio para tratar sobre a realidade. Há tantas outras cenas que podem ser utilizadas e foram, como por exemplo, a que aparece a estátua que separa as classes no Ministério ou o longo diálogo inspirador que Harry tem com Dumbledore, quando tem uma experiência de quase morte e tantos outros trechos.

Entretanto, é importante ressaltar que os filmes da saga Harry Potter, acabam por omitir muitas coisas, como por exemplo, a maior parte da trajetória, da luta e da opressão vivida pelos elfos domésticos nos livros e o fato de não falarem das tentativas de Hermione para libertá-los. Eles destacam Dobby falando sobre suas vestes de escravidão no meio do filme *Harry Potter e a Câmara Secreta*, a conquista de sua liberdade no final do filme; e também o mostram desfilando com seu lindo tênis novo, que é inclusive elogiado por seu amigo Rony em *Harry Potter e as Relíquias da Morte Parte I*. Cenas que foram utilizadas para dialogar com os alunos sobre o assunto, não deixando de citar as partes que contém somente nos livros, o que é um artifício importante para incentivá-los à leitura.

Mesmo os filmes não sendo tão ricos como os livros, são sim de grande ajuda, pois é preciso partir de algum ponto. É importante que o ponto de partida seja familiar ao aluno para que ele tenha a iniciativa de continuar a jornada do conhecimento (com o auxílio do professor), que certamente não é simples e ficará ainda mais difícil se ele precisar ser “arrastado”.

¹²⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dh_2hYymgsg&t=3s>.

3.2 Resultados Obtidos nos Segundos Anos

Na maioria das aulas de filosofia realizadas nas turmas do segundo ano da escola Dolor Ferreira de Andrade, onde recursos como Harry Potter não são utilizados, a participação dos alunos de forma mais ativa gira em torno de vinte a sessenta por cento, dependendo da turma e do assunto. Geralmente a maior parte dos alunos participa apenas resolvendo as atividades. É importante ressaltar que isso não ocorre somente nas aulas de filosofia; com relação a outros discentes e outras disciplinas, na maior parte das vezes, a participação é menor (segundo relatos dos próprios discentes e docentes da escola). Fato que mostra que não é uma questão da disciplina, mas sim do ensino como um todo e/ou mesmo característica dos próprios alunos. É preciso levar em conta questões como timidez, costumes e desmotivação (que pode ter várias causas).

Ao introduzir Harry Potter, no entanto, a participação cresce em média quarenta por cento. Na maioria das vezes há participação ativa de toda a turma. Boa parte dos alunos fica tão empolgado, que algumas vezes precisam ser contidos para não atrapalharem outras salas. Entre as reações mais comuns estão: querer gravar e tirar fotos, inclusive postando nas redes sociais (colocando na legenda elogios e citações tanto de Platão como principalmente de Harry Potter); alvoroço e surpresa (essa parte é um pouco complicada, mas é necessário o alerta); realização de questionamentos; diálogo sobre o assunto e muitas vezes debates (nesses casos às vezes é preciso mediação); o assunto muitas vezes se estende, pois os alunos participam de várias formas (alguns até trazem contribuições novas). Essa curiosidade criada durante aula não se dissipa facilmente, muitos alunos chegam a realizar e apresentar pesquisas relacionadas por conta própria.

Na aula dois, foi aplicada uma avaliação curta (como mostra o item 3.1.2), os alunos podiam consultar as próprias anotações. Na aula anterior a filosofia política em Platão foi explicada com métodos mais tradicionais. Nessa avaliação a maior parte dos alunos tirou entre cinco e oito. Havia em média três notas baixas (por sala) no período matutino e cinco no período noturno.

O resultado da aplicação da parte prática foi avaliado tanto por meio da participação, que foi intensa, por meio da apresentação das atividades que também foi acima da média. Como também, através da aplicação da prova bimestral, que cobrava questões parecidas com as cobradas na primeira avaliação só que em maior quantidade, com maior complexidade e

sem qualquer tipo de consulta. Na prova bimestral a maior parte dos alunos tirou entre sete e dez. Haviam em média uma nota baixa no matutino (por turma) e três no noturno.

Alguns alunos do terceiro ano ainda falam sobre a experiência que tiveram no ano anterior, inclusive muitos relembram com clareza o tema trabalhado. Coincidentemente ou não, alguns alunos trazem redações que fizeram nas aulas de português ou em cursos e cursinhos fora da escola (quando citam filósofos) e a maior parte desses alunos cita Platão.

Apesar do sucesso do bruxo mais famoso do mundo, com o maior número de fãs, mesmo com livros entre os mais vendidos de todos os tempos e filmes com estimada bilheteria, mesmo com pesquisas acadêmicas principalmente voltadas às questões éticas e políticas presentes nas obras, que influenciam seus leitores a uma nova perspectiva e até curso universitário de extensão, sendo criado para interpretação da obra (como o da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, “Harry Potter: caminhos interpretativos”), ainda assim, por mais encantadora e mágica que seja esse meio de ensinar, ele não agradará a todo o público discente.


Ele provavelmente alcançará com facilidade uma quantidade maior do que muitos métodos mais costumeiros, mas aqueles que ficarem mais resistentes talvez demonstrem um bom sinal e é possível entender isso. Um aluno, quando o projeto ainda estava no começo do desenvolvimento, ficou um pouco incomodado por causa de sua religião. Foi oferecido a esse aluno uma outra opção de atividade, mas ele preferiu manter-se no projeto. No desenvolvimento, o discente afirmou que *Harry Potter* não era nada daquilo que ele pensava, por causa da sua crença, a ideia de aprender com “bruxos” o assustava um pouco. No entanto, parafraseando-o “A bruxaria na história é apenas um recurso para chamar e prender a atenção, pois a história trata de inúmeros temas relevantes.”

Durante toda a execução da parte prática esse foi o único discente, que não recebeu a proposta de forma entusiasmada. Lembrando que é importante para a filosofia causar certo incômodo também, principalmente quando esse pode gerar alguma mudança positiva. A atitude de professor mediador é essencial em muitos casos, mas sem deixar de ser provocador. Provocador de reflexões!




3.3 Vídeos Criados com a Temática Filosofia em Harry Potter


Para complemento da parte prática, um recurso atual está sendo utilizado. A elaboração de vídeos voltados principalmente para o público juvenil explorando as temáticas filosóficas, que aparecem na saga Harry Potter. Esses vídeos estão alimentando o canal: “FilosoFer Fernanda Lais”, que foi aberto ao público recentemente. O canal já contém algumas pequenas produções e outras seguem sendo postadas. Será mais uma ferramenta, ainda que inicial e pequena, para auxiliar na sensibilização para o filosofar e democratização do conhecimento.




FilosoFer Fernanda Lais
123 inscritos




Envios




Nazismo e Stalinismo na saga Harry Potter ⋮
2 dias atrás · 56 visualizações




Voldemort e o Fascismo ⋮
2 dias atrás · 50 visualizações




Uma Fábula sobre a Tirania: Voldemort uma representação do Tirano... ⋮
1 semana atrás · 66 visualizações




Uma Fábula sobre a Tirania: Voldemort uma representação do Tirano... ⋮
1 semana atrás · 106 visualizações




Jogo das Pistas (adivinha quem é o Tirano) ⋮
1 semana atrás · 230 visualizações




Início




Explorar



Inscrições



Notificações



Biblioteca

CONCLUSÃO

Um dos tipos de mito encontrado por Droz na obra de Platão é o Mito Alegórico. Esse tipo, ao mesmo tempo em que promove descanso e divertimento também traz reflexões por meio do desvendamento da metáfora e da analogia. O significado profundo por trás da metáfora em parte é explicado (alegoria), em parte, fica em aberto, pois possui várias nuances, algumas delas são influenciadas pela mitologia tradicional grega (mito), mas não se confundem com ela. Algumas das funções mais importantes do Mito Alegórico ainda que não se restrinja a elas, é a didática de reflexão moral e política.

Considerando a definição dada por Droz ao Mito Alegórico platônico é possível perceber que há outros autores que “bebem da fonte” de Platão, seja de maneira totalmente consciente ou não, como, por exemplo, J.K Rowling em sua saga Harry Potter e derivados. Harry Potter é uma saga que apresenta todos os aspectos que Droz identificou no Mito Alegórico de Platão. É uma história instrutiva e imaginativa que ao mesmo tempo diverte e traz reflexões. Assim também como a obra platônica, ao mesmo tempo em que a autora explica (alegoria), a deixa em aberto, pois é uma história que usa o recurso da metáfora e apesar de usar o recurso da mitologia (Mito) não se confunde com ela, mas também possui mais relação com o tipo de recurso usado na obra de Platão.

Platão e J.K Rowling também apresentam por meio de seus personagens, uma advertência contra a tirania, que colocam em oposição à sabedoria. As obras elogiam o valor de uma educação de qualidade. Possuem mitos que interrompem o diálogo e a narrativa (apesar de toda a história de Harry Potter ser um mito alegórico, há mito dentro do mito).

Considerando tudo isso, a saga Harry Potter pode ser um meio de sensibilizar os alunos para o filosofar, já que agrada e é familiar à maior parte deles. A saga pode ajudar a derrubar algumas barreiras que foram construídas contra a filosofia formal, principalmente a filosofia política. Quando o estudar, utilizando-se de Harry Potter foi posto em prática (em sala de aula), o primeiro resultado foi empolgação e a euforia, mas essas logo foram substituídas pela reflexão e diálogo sobre os assuntos que permeiam a história e o desejo de muitos em aprofundarem-se ainda mais.

Devido ao foco de sensibilização do trabalho, há uma questão que pode surgir, se há algum possível ganho científico? A questão é que sensibilizar para o filosofar é também sensibilizar para o desenvolvimento e a defesa de espaço das ciências. “Ora pois, essa mesma qualidade, a ponderação, é evidente que é uma espécie de ciência. Efetivamente, não é pela

ignorância, mas pela ciência, que se delibera bem.” (PLATÃO, 1949, p. 176.) Em se tratando especificamente de Harry Potter é importante notar que esse faz um trabalho em favor do conhecimento científico quando se coloca contra o autoritarismo, o obscurantismo, as inquisições, o preconceito e a ignorância. Devido ao fato de todos esses aspectos serem um entrave para o desenvolvimento científico, quando não a negam e censuram. Além do que, coloca a escola, o conhecimento e os professores como resistência a tudo isso e promove a ideia de valorização da educação e dos seus agentes como efetivos transformadores da sociedade.

Diferente de um trabalho de Mestrado acadêmico que tentaria encontrar uma novidade em Platão, essa dissertação mostra um meio que adapta Platão para a sala de aula de forma que o saber alcance os jovens (além de outras problemáticas mais atuais). Trazendo para isso uma relação no mínimo inusitada, mas que tem a capacidade de sensibilização. E, mais importante, promove a reflexão por meio da representação de personagens fictícios, para que o indivíduo pense sobre si e sobre sua realidade. Parafraseando Vernant (2009), trata-se de um jogo de espelhos, em que é preciso pensar qual personagem te representa, quais personagens são mais parecidos com a população e os governantes e o que isso quer dizer. O que possibilita o processo de autoconhecimento e transformação primeiramente individual e depois coletiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGÊNCIA PATRÍCIA GALVÃO. *Violência contra as Mulheres em Dados*. Disponível em: <<https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/>>. Acesso em 24/10/2019.
- AIELLO, F. *Sobre a escola sem ideologia e Harry Potter*. Disponível em: <http://obviousmag.org/pro_miscua_eloquencia/2016/07/sobre-a-escola-sem-ideologia-a-nova-direita-e-harry-potter.html>. Acesso em: 20/07/2018.
- ARISTÓTELES. *Poética*. 4. ed. Trad. De Eudoro de Souza. São Paulo: Nova Cultural, 1991. Coleção “Os Pensadores”.
- ARRAES, J. *A objetificação e hipersexualização da mulher negra*. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/noticias/objetificacao-e-hipersexualizacao-da-mulher-negra/>>. Acesso em 26/10/2019.
- ASPIS, R. *O professor de filosofia: o ensino de filosofia no ensino médio como experiência filosófica*. Campinas: Cedes, 2004.
- AZZI, R. *A arte e a educação em Platão e Schiller*. 2011. 104 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2011.
- BENATTO, I. *Lord Voldemort e Adolf Hitler: Retratos do Mal*. Curitiba; Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR, 2015.
- BENOIT, H. *Platão e Nietzsche: a trama dramática da metafísica*. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas; LETRAS CLÁSSICAS, n. 2, p. 115-126, 1998.
- BENOIT, H; FUNARI, P. *Ética e política no mundo antigo*. Campinas, SP: UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2001.
- BOECIO. *A consolação da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BRISSON, L. *Introdução à filosofia do mito*. Tradução José Carlos Baracat Junior. 2. Ed. São Paulo: Paulus, 2014.
- CÂNDIDO, A; ROSENFELD, A.; PRADO, Décio de A.; GOMES, Paulo. *A personagem do Romance*. In: CÂNDIDO, Antônio. *A personagem de ficção*. p. 51. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- CARVALHO, M; CORNELLI, G; DANELON, M. *Coleção Explorando o Ensino*. Brasília: Ministério da Educação Secretaria de Educação Básica, 2010.
- CAPARICA, M. *Harry Potter faz crianças se tornarem menos preconceituosas*. Disponível em <http://ladobi.uol.com.br/2014/08/harry-potter-preconceito/>. Acesso em: 05/04/2018.
- CHAUI, M. *Convite à Filosofia*. Ed. Ática, São Paulo, 2000.

DROZ, G. *Os mitos platônicos*. Tradução de Maria Auxiliadora Ribeiro Keneipp. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

FEDRO. *Fábulas*. 2. ed Tradução Luiz Feracine. São Paulo: Editora Escala, 2009.

FEST, Joachim. *Hitler*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1976.

FREITAS, A. *Como Harry Potter pode ser usado para ensinar ciência política*. Disponível em: matéria: <<https://www.nexojournal.com.br/expresso/2016/07/11/Como-Harry-Potter-poder-ser-usado-para-ensinar-ci%C3%A4ncia-pol%C3%ADtica>>. Acesso em: 02/04/2018.

HITLER, A. *Minha Luta*. São Paulo: Centauro, 2001.

IRWIN, W. (Coordenador.). *Harry Potter e a Filosofia*. Coletânea de David Baggett e Shawn Elein; tradução de Giovana Louise Libralan. São Paulo: Madras, 2004.

IRWIN, W. (Coordenador.). *A Versão Definitiva de Harry Potter e a Filosofia Hogwarts para os Trouxas*. Coletânea de Gregory Bassham; tradução de Giovana Louise Libralan. São Paulo: Madras, 2011.

KASTRANOV, S, V. *Nietzsche Pathos Artístico versus consciência moral*. Jundiaí, Paco Editorial: 2011.

KUNZMAN, BURKARD, WIEDMANN: *Atlas de la Philosophie*, trad. francesa de Desanti, Droit et alii, Paris: Librairie Générale Française, 1993.

LEBRUN, G. *O Aveso da Dialética Hegel à luz de Nietzsche*. Tradução Renato Janine Ribeiro. São Paulo : Companhia das Letras, 1988.

LUTFI, G. *A Música Perfeita para Harry Potter*. Disponível em: <<https://potterish.com/a-musica-perfeita-para-harry-potter/>>. Acesso em: 05/07/2020.

LUKACS, J. *O Hitler da História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

NIETZSCHE, F. *Cinco Prefácios Para Cinco Livros Não Escritos*. 2. ed. Tradução e prefácio Pedro Sússekind. Disponível em LeLivros. Info.

NIETZSCHE, F. *O nascimento da tragédia, ou Helenismo e Pessimismo*. 2. ed. tradução, notas e posfácio J. Guinsburg. - São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

PLATÃO. *A República*. 9.ed.Tradução e introdução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1949.

PLATÃO. *Fedro*. Tradução do grego, apresentação e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis; introdução de James H. Nichols Jr. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2016.

PAVIANI, J. *Platão e a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PIETTRE, B. *Platão A República: Livro VII; Comentários: Bernard Piettre*; tradução de Elza Moreira Marcelina. –Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Ática, 1989.

PINHEIRO, M. *Formas de interpretar 'mito' em Platão e na contemporaneidade*. Boletim do CPA, Campinas, 2003.

QUEIROZ, J; TEIXEIRA, M. *Corpo em Debate: a Objetificação e Sexualização da Mulher Negra*. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/revistas/enlacando/trabalhos/TRABALHO_EV072_MD1_SA24_ID402_17072017210303.pdf>. Acesso em: 28/10/2019.

RODRIGUEZ, M. *Por que os homens são responsáveis por 95% dos homicídios no mundo?* Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-37730441>>. Acesso em: 24/10/2019.

ROWLING, J. K. *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. Tradução Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2015a.

_____ *Harry Potter e a Câmara secreta*. Tradução Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2015b.

_____ *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*. Tradução Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2015c.

_____ *Harry Potter e o Cálice de fogo*. Tradução Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2015d.

_____ *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. Tradução Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2015e.

_____ *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*. Tradução Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2015f.

_____ *Harry Potter e as Relíquias da Morte*. Tradução Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2015g.

_____ *Os Contos de Beedle O Bardo*. Tradução Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

ROWLING, J. K; TIFFANY, J; THORNE, J. *Harry Potter e a criança amaldiçoada*. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

RUSS, J. *Dicionário de Filosofia*. Tradução Alberto Alonso Muños. São Paulo: Editora Scipione, 1994.

SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e representação*. Tradução Wolfgang Leo Maar. Acrópolis, 2001.

SILVA, D. *Ku Klux Klan*. Disponível em: <<https://www.historiadomundo.com.br/curiosidades/ku-klux-klan.htm>>. Acesso em: 20/04/2020.

SZKLARZ, E. *Nazismo*. São Paulo: Abril, 2014.

VERNANT, J. *Mito e Religião na Grécia Antiga*. Tradução Joana Angélica D' avila Melo. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

VEYNE, P. *Acreditavam os gregos em seus mitos?* São Paulo: editora brasiliense, 1984.

VEZZALI, L., STATHI, S., GIOVANNINI, D., CAPOZZA, D., e TRIFILETTI, E. *A maior magia de Harry Potter: Reduzir o preconceito*. *Journal of Applied Social Psychology*, 2015.

VIRTUOUS TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO, Só História. *A Inquisição*. Disponível em: <<https://www.sohistoria.com.br/ef2/inquisicao/>> Acesso em: 07/06/2020.

VITAL, S. *Sobre sapatos, identidade e símbolos de liberdade*, 2017. Disponível em: <<http://www.ct-escoladacidade.org/contraconduas/editorias/escravismo-imagem-e-letra/sobre-sapatos-identidade-e-simbolos-de-liberdade/>>. Acesso em: 09/04/2020.

MATERIAL AUDIOVISUAL E FILMES

CAVE, N. *O' Children*. Warracknabeal: Mute, 2004. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ll8XSHzvIVY>>. Acesso em: 06/07/2020.

Harry Potter e a Pedra Filosofal. Direção de Chris Columbus. Heyday Films · 1492 Pictures, 2001.

Harry Potter e a Câmara Secreta. Direção de Chris Columbus. Heyday Films · 1492 Pictures, 2002.

Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban. Direção de Alfonso Cuarón. Heyday Films · 1492 Pictures, 2004.

Harry Potter e o Cálice de Fogo. Direção de Mike Newell. Heyday Films · 1492 Pictures, 2005.

Harry Potter e a Ordem da Fênix. Direção de David Yates. Heyday Films · 1492 Pictures, 2007.

Harry Potter e o Enigma do Príncipe. Direção de David Yates. Heyday Films · 1492 Pictures, 2009.

Harry Potter e as Relíquias da Morte: Parte 1. Direção de David Yates. Heyday Films · 1492 Pictures, 2010.

Harry Potter e as Relíquias da Morte: Parte 2. Direção de David Yates. Heyday Films · 1492 Pictures, 2011.

KARNAL, L. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GAfuFPJZaWE>>. Acesso em: 15/09/2018.

ROWLING, J. *Discurso de JK Rowling em Harvard legendado*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hFJ603lvatw>. Acesso em: 30/07/2020.